

A POSIÇÃO DA MULHER NO CULTO À ANCESTRALIDADE YORÙBÁ
Por Rudinei O. Borba

ITUTO CEREMONIAS FUNEBRES DE LA SANTERIA AFROCUBANA
Oriate Yrmino (Omi Dina) Valdés

Àwon Ìtàn Deodé
(As histórias de Deodé)

Orí Nìkàn: o culto de Orí como Òrìsà individual.
Luiz L. Marins



Edição 07

Carta do Editor

Caro leitor

Na sexta edição da revista Olórun, providenciamos quatro editorias que trarão grande luz aos seus estudos, como sempre abordando a cultura da Tradicional Família Afro-brasileira e seus costumes.

Para esta edição veremos os seguinte editoriais

PREDESTINAÇÃO E A METAFÍSICA DA IDENTIDADE: UM ESTUDO DE CASO IORUBÁ
Yunusa Kehinde Salami
Membro do Departamento de Filosofia da Universidade Obafemi Awolowo University em Ile-Ife, Nigeria.

ÌPÒRÍ
Juana Elbein dos Santos & Deoscoredes M. Dos Santos
Trabalho apresentado no Colloque International sur La Notion de Personne em Afrique Noire, Paris, 1971

A ESTRUTURA RELIGIOSA AFROSUL E OS CONCEITOS YORÙBÁ
Por Erick Wolff8

Os Nàgó e a Morte: um estudo das fontes.
Luiz L. Marins

Agradecimentos Erick Wolff8

A POSIÇÃO DA MULHER NO CULTO À ANCESTRALIDADE YORÙBÁ

Rudinei O. Borba
Dezembro / 2011

Introdução

O presente trabalho traz uma tentativa de rever um conceito mal compreendido na cultura religiosa Brasileira de matriz africana[1], conceito esse, que entende o culto *Egúngún*[2] direcionado apenas a veneração dos ancestrais masculinos de forma individualizada, e que por sua vez o culto ancestral feminino estando enquadrado dentro do culto *Gèlèdè*[3] de forma coletiva através do culto *Ìyámi*[4]. Esses conceitos teriam sido distorcidos com passar dos tempos por outros pesquisadores que buscaram bases em trabalhos de Reverendos numa época de busca de entendimento do culto. Exemplo dessa confusão histórica, temos um artigo

[1] Venho por meio desta nota, expressar meus mais sinceros agradecimentos ao amigo "Luiz L. Marins", o qual não mediu esforços para ajudar neste trabalho, que sem dúvida não seria completo sem o seu apoio. Um grande estudioso dos trabalhos tradicionais Yorùbá. Mais uma vez agradeço! Obrigado!

[2]*Egúngún:* Segundo Olawole F. Famule (2005, pg. 21) *Egúngún* quer dizer "mascarada". Do ponto de vista cultural *Yorùbá*, Egúngún é essencialmente a manifestação física para o mundo dos vivos, os espíritos, cujas residências são no mundo do espírito. Esses seres espirituais incluem os ancestrais, que se acredita viver no céu, que foram uma vez seres humanos, mas transformados em espíritos após sua morte.

[3] *Gèlèdè:* A Sociedade *Gèlèdè* é um culto organizado para acalmar as forças da feitiçaria, isto é, as representações de *Ìyámi Òṣòròngá*. O culto *Gèlèdè* se originou na zona de Ketu no século XIV, centrando-se na deificação do poder feminino intrínseco (igbá iwà) como centro gerador de vida ou de destruição. São os membros masculinos da comunidade, que reconhecem o poder feminino através das máscaradas no culto anual em sua homenagem. De *Ketu*, as mascaradas estenderam-se entre os povos *Yorùbá Egba, Anàgó, Ṣaki, Ohero-Ijo, Ifonyin, Annori*.

[4] *Ìyámi:* No contexto apresentado refere-se a "minha mãe", ou seja, o poder ancestral feminino, não querendo dizer que esta seja o mesmo que *Ìyámi Òṣòròngá,* acreditamos que a distorção do culto ancestral se deu pelo entendimento dessa expressão, onde na verdade são coisas distintas. Culto *Egúngún* é uma coisa e *Gèlèdè* é outra bem diferente.

elaborado por Pierre Verger chamado "Etnografia religiosa iorubá e probidade científica" onde o autor discute claramente as fontes apresentadas do livro "Os Nàgó e a Morte" da autora Juana E. dos Santos[5] como segue:

[...]A autora escreve, por exemplo, que "segundo certos mitos (ib.:59), *Odùdua*, igualmente chamado de *Odùa*, é a representação deificada de *Iyámi* (a feiticeira), a representação coletiva das mães ancestrais e princípio feminino, origem de tudo". Assim, *Odùa* corresponde a Obatalá ou Orixalá, que é o princípio masculino.

A autora faz alusão (ib.: 108), para justificar essa afirmativa, a uma história de Ifá por mim publicada (Verger, 1965:151 e 205-206), na qual ela substitui *Odù* por *Odùa* e atribui em conseqüência a *Odùa* o que está dito a respeito de *Odù*a minha história. Ela escreve então: "Três orixás, *Odùa* [*Odù* no meu texto], *Obarixá*, (Obatalá-Orixalá) e *Ogum* chegaram à terra. *Odùa* [em vez de *Odù*] é a única mulher entre eles e queixa-se a Olorum (Deus supremo) de que não tem nenhum poder. Olorum escolhe-a para ser a mãe para a eternidade. Ele lhe dá axé (o poder) sob a forma de uma cabaça contendo um pássaro, símbolo do poder das feiticeiras..." Mas trata-se, repetimos, de *Odù* e não de *Odùa* na história publicada por mim, tendo ela feminizado *Odùa* (*Odùduà*), que é do sexo masculino. Não se trata de um erro de leitura ou de redação, pois a autora deixa permanecer *Odù* em várias passagens de seu livro (ib.:109, linhas 18 a 21). [...]

Ao verificar uma parte do trabalho de Verger, podemos analisar claramente a tamanha confusão por parte das fontes estudadas pela escritora para embasar seu livro, onde a mesma

[5] Para saber mais, ver in: http://luizmarinsllm.vilabol.uol.com.br/etnografia.html onde consta material completo sobre o assunto.

engloba todo conceito *Ìyámi* com *Odù* e *Ìyámi Ọ̀sọ̀rọ̀ngà*, e daqui provém também o erro de culto coletivo a "Mães ancestrais". Não adentraremos nesse assunto e deixamos uma nota de rodapé para o leitor poder ter acesso ao trabalho completo.

Através dos tempos o culto ancestral no Brasil foi desprestigiado pelos africanos de regiões *Yorùbá* entre Benin e Nigéria, pois estão impregnados de estudos, tendo como base, materiais apresentados como esse que Verger desqualifica. Na atual diáspora afro-brasileira, temos o Batuque Afro Sul que cultua seus ancestrais tanto masculinos como femininos dentro do mesmo culto de *Eégún* no *Ìgbàlẹ̀*[6]. Acreditamos também que no Batuque o culto *Eégún* se perdeu por falta de estudo e por terem como base poucos trabalhos apresentados referente ao assunto, e os poucos apresentados também ajudaram a criar temor por parte dos Batuqueiros. Citamos exemplo do livro "O Batuque do Rio Grande do Sul" do autor (Norton F. Corrêa, pg. 146), onde o mesmo acaba pecando ao descrever um culto ancestral, como segue:

Pág. 146

[...] Casas que se dedicam mais à feitiçaria sentam um balé completo, isto é, constroem uma casinha maior dentro da qual pode haver a imitação de um túmulo em tamanho próximo do natural, onde podem ser encontrados até ossos humanos conseguidos nos cemitérios. Um chefe mostrou-me um

---

[6] *Ìgbàlẹ̀*: Casa dos mortos, *Ilé-eégun* ou na hipótese de provir da expressão de "terra dos ancestrais", ou seja, "buraco", que é conhecido também na forma abreviada como *gbàlẹ̀ (ler: Balé).*

balé destes, afirmando que mantinha ali, escravizado, o egum de seu pai-de-santo: "Eu domino ele, mas ele não me domina", dizia. No interior da casa, com cerca de 2,50 metros por 1,20 de largura havia, no centro, uma réplica de sepultura, caiada de branco e com uma cruz de madeira à cabeceira. [...]

O autor do livro apresentado não imagina o quanto feriu a cultura de matriz africana ao relatar o que ele afirma ter visto de um *Ìgbàlè̩*, sem citar ainda onde viu e de quem era o assentamento, causando temor ao culto ancestral através dos tempos.

Para que possamos entender um pouco mais a importância do culto *Eégún*, apresentamos alguns materiais de autores tradicionais e que vivem o culto *Yorùbá* em sua essência, mas antes abordaremos a importância do culto *Egúngún* para darmos base a nosso trabalho.

Por que é Importante o culto Eégún?

Cultuar *Eégún* é a forma de manter viva nossa ancestralidade, pois sem a presença desta não seríamos nada, não teríamos vivido e com certeza não estaríamos escrevendo este artigo. Acreditamos que realmente existe a necessidade de colocarmos a ancestralidade numa posição mais viva e presente, em um patamar digno, sem falsos dogmas ou misticismos, para que a mesma deixe de ser temida, ou até mesmo deixar de ser confundida e ou vinculadas a um *Iwin*[7] ou até mesmo um *Ajogun*[8].

---

[7] *Iwin*: Espírito perturbador ou escurecido. Também conhecido como ser imaginário de forma humana.

[8] *Ajogun*: literalmente significa: "guerreiros contra o homem", é um nome coletivo para oito coisas ruins: *ikú* (morte), *àrùn* (doenças), *òfò* (prejuízos), *ègbà* (paralesia), *òràn* (tribulações), *èpè* (pragas), *èwòn* (prisão), *èse*

Cultuar *Eégún*[9] resume-se apenas em cultuar o espírito de nossos mortos (ancestrais), estes reverenciados em conjunto ou de forma individualizada no *Ìgbàlẹ̀*. Ser reverenciado como *Eégún* não é simples, pois o iniciado no culto de *Òrìṣà* deve ter passado por princípios de condutas exemplares no *àiyé*[10], vivendo dentro dos princípios básicos *Yorùbá* através do *Ìwá Pẹ̀lẹ́*[11].

Segundo *Abímbọ́lá*[12] (1971, pg. 03-04) em seu trabalho "A concepção iorubá da personalidade humana" nos fornece claramente essa noção, como segue:

[...] Acredita-se, que após as divindades realizarem suas funções por um longo tempo, os *Òrìṣà* retornaram para o *ọ̀run*, onde eles estão até agora ajudando *Olódùmarè* como representantes.

Geralmente, crê-se que os *Òrìṣà* sejam protetores dos seres humanos contra as forças do mal, conhecidas coletivamente como *ajogun,* e desempenham a função de intermediários entre a humanidade e *Olódùmaré*. Os *Òrìṣà*, entretanto, deverão proteger apenas aqueles que pautam pela

---

(preocupações de qualquer tipo), os quais os *Yorùbá* acreditam ser os mais importantes inimigos do homem. (Abímbólá, 1971, pg 03)

[9]*Eégún:* Forma abreviada de *Egúngún*, querendo dizer "Mascarado", ou seja, espírito materializado de um ancestral, antepassado.
[10]*Àiyé*: É traduzido como "terra", espaço visível terrestre onde habitam os seres humanos.
[11]*Ìwá Pẹ̀lẹ́:* Filosofia de vida *Yorùbá* querendo dizer "Bom caráter". Para saber mais, ver *Abímbọ́lá* (Ìwá Pẹ̀lẹ́: O conceito de bom caráter no corpo literário de Ifá)
[12]*Wándé Abímbọ́lá* foi eleito por todos *Bàbáláwo Yorùbá* mais antigos com o título *"Àwise Àgbàiyé"* – Porta voz mundial da cultura *Yorùbá* no mundo.

moral, e tem uma vida honesta e justa, e punem os homens que praticam o mal. Quando eles estão zangados com os seres humanos, eles podem ser apaziguados com sacrifícios, que *Èṣù* geralmente aceita em seu nome.

Os ancestrais, coletivamente chamados de *òkú-ọ̀run*, conforme à crença dos *Yorùbá*, também estão no *ọ̀run*. Entre os *Yorùbá*, todo adulto que morre [e tem merecimento], vem a ser um ancestral, e um pequeno *òrìṣà* em seu próprio local. A morte, entretanto, é vista como um meio de transformação dos seres humanos, de um nível de existência, no *àiyé*, para outro nível de existência, no *ọ̀run*. Quando um homem muda de um nível de existência para outro, ele [se tiver merecimento], automaticamente adquire grande poder e autoridade e vem a ser um *òrìṣà* para sua própria família ou linhagem. Portanto, todo *Yorùbá* que tem pai e/ou mãe morto, faz sacrifícios para ele ou ela, periodicamente, com preces para uma vida próspera e boa.

Os ancestrais, assim como os *Òrìṣà,* acredita-se que são amigos dos homens. Eles os protegem dos *ajogun* e agem como intercessores entre os homens e os *Òrìṣà*. A relação dos ancestrais para com os seres humanos é mais íntima, mas eles, como os *Òrìṣà,* precisam ser propiciados com sacrifícios, e também podem ficar zangados com um homem que falha com seus deveres familiares, ou sua conduta moral, manchando o nome da família do qual ele, ancestral, também faz parte. [...]

Ao ler parte do texto fornecido por *Abímbọ́lá* compreendemos o papel importante de um ancestral para sua família religiosa, bem como, na forma cultuada dos mesmos, presente junto ao culto dos *Òrìṣà*, ajudando os homens e os conduzindo, dando assistência nas suas vidas no mundo visível. Entendemos também que os ancestrais estão separados do culto dos espíritos malévolos *Ajogun*, este último acreditamos que com o passar dos anos foram sendo

associados e generalizados aos mortos que merecem reconhecimento dentro do culto do Batuque, gerando mesmo até medo e pavor por parte de alguns adeptos.

Render culto a um *Eégun* é de suma importância, quase tão importante que o culto aos *Òrìṣà*, pois um *Yorùbá* acredita que não há *Òrìṣà* sem *Eégún*.

Segundo *Abímbọ́lá* (1997, pg. 69) para receberem seu status como "divindade", eles tiveram que vir ao mundo em forma humana para após completar sua etapa terrestre, ser lembrado como um personagem importante dentro da cultura religiosa. Um *Eégún* só será honrado após a morte se tiver tido uma vida digna. Ao contrário do que muitos acreditam os *Eégún* não são qualquer alma ou espíritos danosos, pois tem muita luz e ajudam seus descendentes no mundo visível. Quando um patriarca ou matriarca de sua família morre, geralmente a estrutura familiar fica abalada, já com a ajuda contínua do ancestral que obteve o privilégio de anteceder do *Ọ̀run*[13], acaba regrando os bons costumes e o caráter de sua família.

Muitas vezes quando um filho acaba caindo no submundo das drogas, no alcoolismo, no roubo e todos os aspectos influenciados pelos *Ajogun*, são comuns até mesmo dentro da nossa cultura familiar, escutar: "Se o seu (pai) e ou no caso sua (mãe) estivesse vivo, queria ver o que o mesmo ou a mesma acharia de seu comportamento".

Um ancestral insatisfeito com comportamentos sociais inaceitáveis, como adultério, desrespeito aos mais velhos, transgressões de interdições ou o não cumprimento de leis que

---

[13] *Ọ̀run:* Céu, além, espaço sagrado, mundo invisível, onde habitam os *Òrìṣà*, bem como, *Ọlọ́run* (Deus).

regem a vida social do povo, muitas vezes atua como conselheiro, avaliando as situações, aconselhando seus filhos e devotos, para que a ordem seja restabelecida. Além de prestar auxílio ligado à ordem social, os ancestrais são evocados para auxiliar no progresso da agricultura, garantindo chuvas e boas colheitas, etc.

A melhor maneira de ser reconhecido após a morte é vivendo uma vida justa, com caráter e dignidade, podendo assim ser lembrado por seus descendentes, caso morra acima dos 70 anos, este tendo idade madura para morrer, pois uma morte prematura é motivo de muita tristeza tanto para um *Yorùbá* quanto para uma família que não vive essa filosofia de vida. Caso essa pessoa tenha alcançado o tempo de vida na terra, após sua morte é feito uma consulta no oráculo para saber qual a situação encontra-se o morto no *ọ̀run*, onde *Ifá* e ou *Òrìṣà* indicará se o morto merece ou não ser homenageado como *Eégún*, independente de sexo.

Papel da Mulher na Sociedade Egúngún

A seguir apresentaremos um pequeno relato oralmente em espanhol (a tradução é nossa) feita pelo *Bàbáláwo Ifágbenusọlà Aworeni* em seu site na web, ver in: http://fagbenusola.com/br/sintese.html que através de seu conhecimento nos ajuda a entender um pouco mais sobre o conceito de ancestralidade, bem como, os dogmas que envolvem o culto de *Eégún* e o papel da mulher dentro do culto.

[...] Em contraste com o que se pratica na diáspora Brasileira, na Tradição Indígena Nigeriana e também na Beninense, acreditamos que todos, independentes de sexo, têm o poder e a habilidade de se comunicar com aqueles que passaram além dessa vida, tendo a mulher enquanto *Ìyágan* ou *Ìyálàsé*, papel fundamental nos ritos de iniciação, já que a mesma é a manifestação viva da presença de *Omolálè* ou *Alálè* (a Mãe Terra). Assim sendo, entendemos que a mulher possui um papel preponderante no Culto. Dizia-se, até muito pouco tempo atrás, que mulheres não participam do Culto a *Bàbá Eégún*, mas podemos perceber em um dos mais variados *Oriki-Ewi-Esa* é justamente o contrário:

- A mulher que conhece o segredo, não deve revelá-lo.
- O homem que conhece o segredo, não deve revelá-lo.
- Eles não devem abrir a boca.
- Eles não devem falar.
- Chegou Egúngún, que venerando seus Ancestrais afasta a pobreza e a doença, estamos venerando o nosso pai, esse tempo nos será favorável.

(*) - Sem a força fecundadora feminina e a força fecundadora masculina não poderia gerar descendência. Acho que seria importante avaliar e pesquisar melhor esta questão, pois a teoria na prática é outra. Por ser um assunto controverso, merece uma avaliação mais aprofundada por parte dos pesquisadores.[...]

Ao ler o relato fornecido por *Ifagbenusolà* percebemos o papel importante da mulher dentro do culto de *Eégún*, onde seu papel é fundamental. O mesmo *Bàbáláwo* descendente religioso do *Àràbà* de *Ilè-Ifè* também percebe a diferença do culto praticado pelos *Yorùbá* diante do quadro atual Brasileiro.

Já no *Odù Òtúrúpọn Òdí* fornecido por *Ifádowolè* no material em espanhol chamado (12 *Odù Òtúrúpòn Méjì*, pg.14), menciona claramente a importância do culto ancestral feminino dentro dos conceitos de *Ifá*, como veremos a seguir:

Òtúrúpọn Òdí

Ifá aconselha a pessoa que ame a mãe, de forma que as coisas ruins, não!
É o rato no fogo que sabe dançar a dança de *Òtúrúpọn* e *Òdí*
É o peixe no fogo que sabe dançar a dança de *Òtúrúpọn* e *Òdí*
Esta foi à adivinhação para o maior Muçulmano
Que falaria de certa maldição
Que nunca acabaria
Foi solicitado que fizesse o sacrifício
Ele estava fora de casa
Sua mãe estava em casa
Ela decidiu visitar seu filho sempre que ele vinha fazendo estudos islâmicos
Depois de um tempo, o homem parou de visitar sua mãe
E ele viajou para outro lugar
Entretanto as pessoas viam a Morte fisicamente naquele tempo
A mãe viu a morte *Oníkó* enquanto o filho estava longe
Oníkó disse: É tempo
A mulher disse: Meu filho não está em casa
Ela pediu as pessoas de sua volta fossem em busca de seu filho

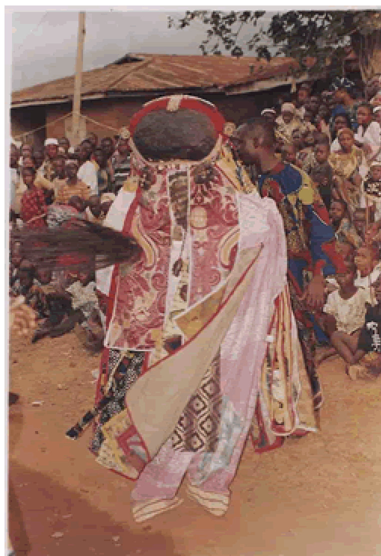
Quando eles chegaram onde o filho estava, Ele havia saído de novo
A mulher estava vestindo apenas um par de panos velhos
Isto seria a única roupa que a enterrariam
A mulher tristemente ficou
Naqueles dias antigos, eles enterravam o morto com tantas roupas possível.
Eu tenho os pacotes em casa
A mulher morreu
Oníkó a levou
Antes de morrer, a mulher afundou-se em tristeza, exclamando:
Meu Pai
Eu enterrei com várias roupas
Minha mãe
Eu também enterrei com vários tecidos
Este único trapo em mim
Que eu levo para visitar meu filho
É o único que eu tenho
E eu esperando e esperando por este mesmo filho regressar
Eu não o veria de novo
A mulher amaldiçoou seu filho
Que, se a criança não era enterrada com um único tecido
Ela não poderia entrar no céu
Você *Oníkó*, ela disse:
Permitamos ir

Oníkó a levou então
Agora que o filho não estava em casa
Os vizinhos se peguntaram:
"Onde nós enterramos essa mulher indefesa agora?"
Eles resolveram levar seu cadáver para um espaço aberto
Além de onde se pudesse caminhar, longe das ruas
Eles escavaram a terra
E a enterraram em uma tumba no mato
Sempre que seu filho regresse, os vizinhos falavam:
“Ele saberia o que fazer”
Dias rodados durante dias
E mariposas em cima de mariposas
O filho voltou
Onde minha mãe está? Perguntou!
“Ali”. Os vizinhos disseram apontando para tumba
Como isto aconteceu?
Eles disseram que ajudaram a enterrá-la
“Ela o amaldiçoou antes de morrer” disseram!
O filho pegou 2 ou 3 búzios
Ele foi consultar *Ọ̀runmìlà*
“Por favor ajude-me falando sobre a morte da minha mãe”
Ọ̀runmìlà lhe disse que preparasse bolos de milho
E usa-se para aplacar a maldição
Ele preparou os bolos de milho

E colocou em todos os cantos do caminho
Então ele começou a implorar: "Por favor, escolha outro de fora”
Esteja certo de comer
"Eu não sei quem ajudou a enterrar a minha mãe”
“Ajuda tomando algo para comer” o filho pediu.
Todos viajantes que passaram no caminho nesse dia tomaram algo para comer
Se “feijão” ou “milho" Àkàrà" é o mesmo nome que os bolos eram chamados
É esta história que cunhou a expressão do bolo
Ifá pede a esta pessoa seja amável com sua mãe
Ele começou a dançar e comemorar
Ele estava louvando seus *Bàbáláwo*
Seus *Bàbáláwo* estavam louvando *Ifá*.
(a tradução do espanhol é nossa)

Ao analisar os versos de *Ifá* podemos ter mais informações sobre conceitos que não estão muito claros na comunidade, no que se diz ao culto de uma mãe que não teve seu enterro adequado, atraindo a ira dos ancestrais familiares. Quando falamos ancestrais familiares, em momento algum citamos o sexo deles, não se direcionando a nenhuma sociedade *Egúngun*, muito menos *Gèlèdè*.

Gèlèdè é um culto em si mesmo, é completo e não tem lugar dentro de outro culto, não se pode adotar como parte de outro culto. Seria como querer agregar o catolicismo ao Candomblé. São cultos independentes. Sem dúvida, *Eégún* é parte componente de qualquer culto, já que se trata da adoração ao morto e em qualquer religião se rende culto a os mortos, se lhes fazem funerais e honras. A problemática toda está em um morto ser individualizado



no *Ìgbàl̲è* ou ser reverenciado coletivamente no mesmo, mas isso não tem nada haver com culto masculino individual e culto feminino coletivo.

Abímbólá (1997 pg. 90) nos brinda também com uma informação sobre a passagem de *O̲ya* pelo reinado de Irá, onde para um estudioso é fácil perceber que para um rei ou uma rainha ser reverenciada como *Òrìs̲à*, primeiramente deve ter sido cultuada como *Eégún*: e onde até os dias de hoje é possível apreciar o *Egúngún O̲ya* nos festivais da cidade de *Ogbomos̲o:*

http://personal.georgiasouthern.edu/~jpellegr/teaching/egungun.htm

Segue parte do material apresentado por *Abímbólá* onde o mesmo descreve papel da mulher como ancestral:

[...] **Ivor:** A palavra *"O̲ba"* significa Rei. Assim que deve ser para homem?

Wande: E quando usam a palavra "Reina", referindo-se com respeito à *Oya*, pensam que é por ser a esposa de *Sàngó*. As mulheres eram muito poderosas na sociedade *Yorùbá*, especialmente depois do controle Europeu. Um dos melhores exemplos é *Oya*, que era mais que uma rainha e esposa de *Sàngó*, pois também governava *Irá*. A seguinte canção fala disso:

Oya dolú,
Ègán ò royin.
Oya dolú,
Ègàn ò royin.
Ègàn ò mò le wí pé kóyin má se dùn o.
Oya dolú,
Ègàn ò royin.

Oya tem sido poderosa
A diversão não afeta o mel
Oya tem sido poderosa
A diversão não afeta o mel
A diversão não pode parar o mel de ser doce.
Oya tem sido poderosa
A diversão não afeta o mel.

Oya obteve o poder por direito próprio. Ela foi uma mulher mais poderosa que o marido. Estava casada, tinha filhos, era mãe e era o *Òrìsà* mais poderoso de todos. *Sàngó* teria que buscar a poção e um antídoto para *Oya*. Isso é o que diz a canção que segue:

Ṣàngó ti róògùn Ọya ṣe,
Ṣàngó ti róògùn Ọya ṣe,
Olúbáñbí, Àfonjá, Ewélére o.
Ṣàngó ti róògùn Ọya ṣe.

Ṣàngó tem encontrado o antídoto para *Ọya*
Ṣàngó tem encontrado o antídoto para *Ọya*
Olúbáñbí, cujos outros nomes são Afonjá e Ewélére.
Ṣàngó tem encontrado o antídoto para *Ọya* [...]

Ao analisar essa parte do texto, nos faz compreender que mulheres também eram poderosas e que também poderiam tornar-se *Òrìṣà*, fato esse que ficará mais claro para nosso entendimento, na próxima parte relatada por *Abimbọ́lá*.

(pg. 91)

[...] **Ivor:** Alguns títulos em *Yorùbá* são exclusivamente para os homens, como o *Oòni* e o *Aláàfin* de *Ọyọ*. É possível para uma mulher, ser *Oòni Ilé-Ifè*?

Wande: Sim. Acredita-se que houve uma, *Ọba Òrónpòtò*.

Ivor: Como se adquire, uma pessoa este poder?

Wande: Pelo conhecimento, estudo e prática.

Chama-nos a atenção nessa parte, onde mulheres podem tornar-se *Òrìṣà*, surgindo um ponto importantíssimo para aqueles que acham que a cultura *Yorùbá* é totalmente patriarcal e que o culto feminino ancestral não adentra no culto *Egúngún*. O fato de ter tido relatos de uma rainha em *Ifê* nos faz entender perfeitamente que houve um culto ancestral feminino individualizado, pois um rei sempre se torna uma divindade, uns sendo mais conhecidos, outros não, mas todos tiveram oportunidade de virem a ser.

Segundo *Olawole F. Famule* (2005, pg. 26, ss.) *Egúngún* são a tradição de máscaras mais popular entre os *Yorùbá* do sudoeste da Nigéria. A máscara de *Eégún* é usado para disfarçar e não ser percebido o espíritos dos antepassados e esta dividida em duas categorias:

- ✓ *Aladoko*, mascarado comum em *Akure-Yorùbá* e,
- ✓ *Epa*, o mais popular entre os mascarados em *Ekiti, Igbomina e Ijumu-Yorùbá*.

A pesquisa apresentada por *Olawole* mostrou que todos os *Ijumu* mascarados se enquadram nesta última categoria.

O segundo contexto refere-se especificamente para o *Yorùbá* disfarça que se conectam com os antepassados para veneração. Eles são freqüentemente chamados de *Ará-Ọ̀run* (habitantes do céu), cujo ritual serve para convidar os espíritos dos ancestrais para abençoar seus filhos. *Olawole* em momento algum separa o culto dos homens para com das mulheres e englobam tudo como "espíritos ancestrais".

O autor descreveu a tradição *Egúngún* como a adoração dos espíritos ou as almas dos antepassados apenas. Não entendemos porque só no Brasil foi modificado e separado, acreditamos que isso se deu ao fato da tentativa de resgate através do Candomblé Bahiano, pois a religião do Batuque conseguiu preservar muito bem o ritual sem modificar nada.

Olawole também identificou a segunda fonte na tradição *Yorùbá Ọ̀yọ́* oralmente que se refere o *Egúngún* como *Bàbá* (pai). Esta fonte destacou que *Ṣàngó*, o *Aláàfin* (Rei) dos *Ọ̀yọ́*, que foi concebido por uma princesa *Nupe*, estabeleceu pela primeira vez os mistérios do *Egúngún* em *Ọ̀yọ́* .

Por outro lado *Moremi* também foi um ancestral feminino muito importante para a dinastia *Yorùbá*, segundo Harold Courlander (1973, pg. 47-52) fornece em inglês a história de como Moremi torna-se objeto de adoração pelo povo de *Ifẹ̀*, onde até os dias de hoje encontra-se escultura sua no palácio do *Oni* em *Ilè Ifẹ̀*. [A tradução é nossa]

Pág. 47
Moremi e os Egungun

Nos dias em que Ife ainda era jovem havia uma cidade distante chamada Ilè-Igbo. Entre as cidades havia uma floresta, e nenhuma das cidades tinha ciência da existência uma da outra. Nenhuma pessoa de Ifè já tinha passado por essa floresta, assim como ninguém de Ilè Igbo também havia passado pela mesma.

Mas um caçador de Ilè Igbo saiu em busca de caça. Ele se perdeu na floresta e vagou por muitos dias sem saber qual caminho a percorrer. Ele começou a perder a esperança, pensando: "A floresta havia me engolido. Agora estou chegando ao fim da minha vida". Então, quando seu desespero tinha quase o matado, ele emergiu entre as árvores, e não apenas um pouco além, ele viu a cidade de *Ifè*. Ele olhou

Pág. 48

admirado, pois ele nunca tinha ouvido falar que tal lugar existiu, mas ele não se aproximou da cidade. Depois de ter descansado, ele voltou à floresta e, com o tempo, ele encontrou seu caminho de volta para *Ilè Igbo*.

Ele disse ao *Oba* de sua própria cidade o que tinha visto. O *Oba* pensou: "Como é possível, não existe nenhuma cidade como o que ele descreve". No entanto, ele enviou mensageiros para verificar a história do caçador. Os mensageiros entraram na floresta. Eles seguiram a diante. Depois de alguns dias eles estavam dizendo um ao outro, "O caçador disse ao nosso *Oba* uma história maluca. Não há nenhuma cidade aqui no deserto". Então eles foram até os limites da floresta e viram *Ifè* ali. Eles viram campos de *Ifè* por todos os lados. Eles viram os jardins férteis e os celeiros cheios de comida. Eles assistiram o povo de *Ifè* indo e vindo, mas eles não fizeram a sua presença conhecida.

Os mensageiros voltaram a *Ilè Igbo* e relataram ao seus *Oba*. Eles disseram: "As palavras do caçador foram verdadeiras. Do outro lado da floresta está uma cidade próspera. Os jardins estão cheios de todos os tipos de coisas que crescem. Seus celeiros estão cheios de grãos. O seu mercado está cheio de gente vendendo mandioca, milho e inhame ".

O *Oba* de Ilè Igbo refletiu sobre o que ouviu, por enquanto Ifè era próspera, já sua própria cidade não estava indo bem. Os jardins de *Ilè Igbo* não produziam alimentos suficientes e, muitas vezes, havia famílias que tinham apenas raízes silvestres para comer, porque suas colheitas eram pobres. O *Oba* pensou: "Por que outra cidade prospera enquanto a minha sofre!" Ele chamou seus conselheiros em conjunto. Eles discutiram o assunto. Foi decidido enviar uma expedição para Ifè em busca de alimentos. Mas *Ifè* parecia ser forte, com muitos guerreiros. Assim, os conselheiros do *Oba* criaram um plano.

Em vez de armar-se com lanças e outras armas, os homens de *Ilè Igbo* se disfarçaram de Egúngún, mensageiros da terra dos mortos. Alguns estavam vestidos como *Olólu*, ou seja, batedores, *Egúngún* e levaram grupos. Alguns estavam vestidos como *Alapá-Nsanpa Egúngún* e

Pág. 49

tinham longos braços caídos ao seu lado. Alguns estavam vestidos como *Egúngún Etiyeri*, com longas orelhas salientes aposta em suas cabeças. Todos os *Egúngún* usavam máscaras, e seus corpos foram cobertos com ráfia. Eles eram temíveis para ver, e até mesmo o povo de *Ilè Igbo* estavam aterrorizados.

Os *Egúngún* atravessaram a floresta e chegaram à beira de *Ifè*. Lá, eles descansaram por um tempo. A um sinal do seu líder, entraram na cidade, dançando, girando, cantando e fazendo sons estranhos. O povo de *Ifè* foram golpeados e com medo fugiram para o mato. Em seguida, os Egúngún saquearam *Ifè*. Levaram comida dos celeiros e dos campos. Eles levaram tudo que podiam carregar. Depois disso, eles desapareceram na floresta e fizeram o seu caminho de volta para *Ilè Igbo*. O *Oba*

ficou feliz. As pessoas estavam felizes. Ora, havia muita comida para todos na *Ilè Igbo* e não havia necessidade de se preocupar com as colheitas nos campos.

Mas a comida roubada de *Ifè* não durou para sempre. Um mal momento veio quando ela tinha acabado. E assim o *Oba* se encontrou novamente com seus conselheiros e decidiu enviar uma outra expedição até de *Ifè*. Mais uma vez os homens vestidos com os trajes de *Egúngún* atravessaram a floresta e fizeram com que o povo de *Ifè* sustentasse sua cidade. Mais uma vez eles saquearam as casas, celeiros e campos e voltaram para casa.

O saque de *Ifé* tornou-se um modo de vida para *Ilè-Igbo*, cujo povo negligenciado os seus próprios jardins ainda mais do que antes. Sempre *Ilè Igbo* decorreu de falta de alimentos, uma outra expedição foi enviada para *Ifè*. A Vida em *Ifé* tornou-se difícil. Embora as pessoas que lá trabalhavam muito, já não tinha o suficiente para comer. Eles plantavam, reuniam suas colheitas, e então os *Egúngún* misteriosos sairam da floresta e levavam tudo embora.

Em *Ifé* havia uma mulher chamada *Moremi*. Ela foi até o *Oba* de *Ifè*, dizendo: "Esses espíritos da floresta, de onde eles vêm? Para onde eles vão? Por que os espíritos dos mortos necessitam de consumir o alimento da vida! Se as coisas correrem

Pág. 50

desta forma, *Ifè* vai morrer e se tornar um espírito morto. Devemos saber mais sobre estes *Egúngún*. Até quando eles continuaram a nos intimidar ".

O *Oni*, ou *Oba*, de *Ifè* objetou dizendo que era tabu para as mulheres para assistir ao *Egungun*, que

para permanecer na cidade era muito perigoso. *Moremi* insistiu. O *Oba* chamou alguns dos anciãos de *Ifè* para vir e discutir o que *Moremi* propos. Os conselheiros disseram: "Se as coisas continuarem desta forma Ifè vai secar e desaparecer da face da terra. Algo deve ser feito. Vamos fazer o que Moremi deseja". Depois de ouvir os seus conselheiros, o *Oba* de *Ifè* concordou.

Moremi foi ao rio sagrado, chamado *Esinminrin*. Ela suplicou ao rio, pedindo ajuda contra os *Egúngún*. Ela prometeu que se ela salvasse *Ifè* ela daria seu filho *Olu-Orogbo* como sacrifício.

Com o tempo os *Egúngún* novamente invadiram *Ifè*. As pessoas fugiram para o mato, todos, exceto *Moremi*. Ela ficou para trás, e quando os invasores entraram em sua casa eles a levaram para *Ilè Igbo* e ao *Oba*. O *Oba* de *Ilè Igbo* achou *Moremi* muito bela. Ele fez ela uma de suas esposas. Pouco a pouco *Moremi* aprendeu sobre a forma como tinha sido *Ilè Ifè* engananda pelos *Igbo* e reduzi-lo à pobreza. O povo de *Ilè Igbo* começou a esquecer que *Moremi* veio de *Ifè*. Ela esperava por uma oportumidade para escapar.

Uma noite, quando ela estava com a *Oba*, *Moremi* trouxe uma grande quantidade de vinho de palma e ele bebia muito. O sono caiu sobre ele. *Moremi* vestiu-se de trapos, para que ela parecesse um mendigo, e na escuridão, ela fez seu caminho para a floresta e começou a longa viagem de volta para *Ifè*. Cada noite, ela subia em uma árvore e dormia nos ramos para se proteger de animais selvagens. Quando o sol se levantava, ela retomava sua caminhada. Finalmente, depois de muitos dias e noites, ela chegou novamente em *Ifè*. Havia felicidade na cidade quando ela voltou.

Pág. 51

Povo exclamava um para outro, "*Moremi* que foi levada pelos *Egúngún* voltou!" Eles cercaram a casa dela. Houve cantos e danças.

Moremi divulgou tudo o que tinha aprendido em *Ilè Igbo*. Todo mundo estava surpreso ao saber que os seres misteriosos que vinham da floresta não eram realmente mensageiros da morte, mas impostores vestido com máscaras e ráfia. Eles discutiram uma maneira de lidar com os *Egúngún* quando viessem novamente.

A vida continuou. Então um dia os *Egúngún* de *Ilè Igbo* novamente surgiram da floresta e entraram em *Ifè*. Desta vez, as pessoas não foram para o mato. Eles foram para pegar nas fogueiras, tochas acesas. Quando os *Egúngún* aproximaram-se das casas, o povo correu para fora com suas tochas e atearam fogo às roupas de ráfia dos impostores. Logo, todos os *Egúngún* foram em chamas. Foram desta forma e que, em pânico, correndo, caindo, chorando. Alguns eram cegados pela fumaça e corriam para as lanças dos guerreiros *Ifè*. Alguns morreram nas chamas que os envolvia. Apenas alguns conseguiram sair de seus trajes de ráfia e fugir para a floresta. Aqueles que encontraram o seu caminho de volta para *Ilè Igbo*. Os *Egúngún* nunca mais voltaram.

Houve um festival em *Ifè*. As pessoas elogiavam e honram *Moremi* pelo seu ato corajoso que salvou a cidade. Mas para *Moremi* que ainda não havia terminado. Ela prometeu que, se ela salvasse *Ifè* dos *Egúngún* ela iria sacrificar seu filho *Olu-Orogbo* ao sagrado rio *Esinminrin*. Ela realizou sua promessa. Ela foi para o rio com seu filho, todos de *Ifè* andando atrás dela. Havia um ritual, e na beira da água corrente *Olu-Orogbo* foi sacrificado. As pessoas voltaram para casa. O coração de *Moremi* se encheu de tristeza.

Mas quando todo mundo tinha ido embora, uma coisa estranha aconteceu no local do sacrifício. Uma corrente de ouro desceu lentamente do céu. *Olu-Orogbo* se levantou. Ele pegou

Pág. 52

na corrente que foi criada até o céu, onde viveu sob a protecção do deus do céu *Olórun*. *Ifè* também sobreviveu.





17. *ONIDAN* EGUNGUN DEPICTING A PROSTITUTE (SEE ALSO FIG. 12). THIS CHARACTER IS USUALLY PAIRED WITH A POLICEMAN MASQUERADE. IKENNE, 1973.

Houlberg (1978, pg.26) publicou belo texto sobre um festival realizado em *Ikenne* (Nigéria), 1973 demonstra claramente um *Egúngún* vestido com trajes femininos, como segue:

[...] A mascarada prostituta é particularmente bem trabalhada (Figs. 12, 17). O moderno, penteado fio-embrulhado foi definido contra seções perfeitamente definidas de cabelo, prestados por quadrados pretos contra o chão para trás amarelo. É interessante notar a semelhança das características adaptadas na cabeça aos usuais em talha iorubá: o olho, proeminente semicircular com o aluno bem definidas, os lábios prato-like e os ouvidos queima. O mascarado mantém o costume básicas do corpo amarelo em seu quarto de dormir, mas pede uma buba fresco (top) e sapatos iro (wrapper) eos e bolsa de um parente do sexo feminino no seu complexo, sempre que ele vai dançar. Ele imita os padrões do movimento de mulheres como ele vai sobre a coleta de esmolas. [...] (A tradução do inglês é nossa).

Onidan Egúngún representando uma prostituta. Este personagem é geralmente combinado com um baile de máscaras, Ikenne, 1973. (African Arts, XI, 3, 1978, pg. 26, UCLA)



Podemos perceber o quanto importante deixar claro esse aspecto do culto mascarado *Eégún*, pois percebemos que ele continua sendo distorcido por boa parte dos religiosos no Brasil e devemos também destacar o quanto esses conceitos são preservados dentro do Batuque Afro-Sul, onde o mesmo até os dias de hoje homenageiam seus descendentes familiares, mesmo que femininos, no culto *Eégún*. Citamos exemplo de uma grande *Ìyálòrìṣà* que teve destaque no culto e apões sua morte vem sendo reverenciada por descendentes de seu clã religioso. A Saudosa *Mãe Moça de Oxum*, cuja descendência provém do lado *Yorùbá* de *Ọ̀yọ́* dentro do culto do Batuque do Rio Grande do Sul.

Conclusão

Ao ler o material apresentado fica evidente o papel importante da mulher na cultura *Yorùbá* e também podemos concluir que *Moremi* foi um ancestral feminino muito importante para todo povo de *Ilè Ifẹ̀*, onde salva a cidade e acaba sendo venerada através dos tempos. Acreditamos na ancestralidade feminina, pois as mesmas também foram importantes para dinastia *Yorùbá*.

No Brasil esse tema "ancestralidade feminina" foi confundido, como podemos ver no início desse nosso trabalho, onde foi apresentado confusões da terminologia *Ìyámi* (Ancestre feminino), *Odù* e *Ìyámi Òsòròngà* (Bruxaria). A tentativa do estudo acabou englobando o culto *Ìyámi Òsòròngà* que são veneradas coletivamente, pelo de uma ancestral feminino, uma *Ìyámi*, acreditando que apenas o espírito masculino é cultuado no culto *Egúngún* e o espírito feminino cultuado coletivamente. Por outra parte também tentamos demonstrar o quanto o culto *Eégún* é belo e não pavoroso, como foi associado com passar dos tempos na cultura Afro-Sul (O Batuque). Culto a ancestralidade deve ser exaltado e merece um patamar mais digno, pois qual a problemática em cultuar um ancestral que teve uma vida digna e exemplar? Acreditamos que nenhuma, pois não cultuamos um espírito danoso e sim alguém que de uma forma merece ser lembrado. *Eégún* é benção, proteção, orientação, é luz que mostra o caminho dos seus descendentes.

O Batuque precisa tirar essa imagem, que *Eégún* é feitiçaria, não, não é. Exemplo desses fatos que na cultura *Yorùbá* é comum enterrarem seus mortos no quintal de casa, pois uma porção de sua ancestralidade (*Ìpọ̀rí*)[14] fica junto da família e não é buscada no cemitério.

---

[14] *Ìpọ̀rí*: Para saber mais sobre o assunto, ver: SANTOS, Juana Elbein dos e Deoscoredes M. Dos Santos, *Ìpọ̀nri*, Trabalho apresentado no Colloque International sur La Notion de Personne em Afrique Noire, Paris, 1971 / Publicado pelo C.N.R.S. Centre National de la Recherche Scientifique, Paris, 1981, Edição número 544 (Tradução, introdução, transcrição e organização: Luiz L. Marins, São Paulo, 2011, in, Internet, Revista Olorun, n. 06, Outubro de 2011, http://www.olorun.com.br

Drewal (1992, pág. 209) fornece claramente o enterro de um ancestral no solo da própria casa, como segue:

[...] Os padrões no pano não expressam isso de forma alguma literal. Em vez disso, a complexidade dos projetos como eles flutuam, às vezes por fortes listras horizontais sugere a complexidade da própria vida e domínio do ancião deles.

A cerimônia começa o processo de enterrar o corpo, a partir do qual todo o processo deriva seu nome. O cadáver é geralmente enterrado sob o piso da casa.

Embora "ele" é usado por toda parte, a descrição se aplica igualmente a homens e mulheres. [...]
(A tradução do inglês é nossa).

Com os materiais apresentados, podemos todos refletir referente ao medo do culto *Eégún*, e podermos ter um entendimento melhor referente ao assunto abordado no nosso trabalho. Podemos também refletir melhor sobre o tema "ancestralidade feminina", onde são cultuadas como *Eégún* e que o Batuque Afro-Sul foi uma das poucas vertentes Africanas que preservou o culto ancestral feminino dentro do seu lugar, sem tentar readaptar nada, nem resgatar o culto em fontes pouco confiáveis, mantendo sua origem e pureza nos seus rituais.

Fontes Bibliográficas

ABIMBOLÁ, Wándé, *Ifá will mend our broken world – Thoughts on Yorùbá Religion and Culture in Africa and the Diaspora*, Ifé, Iroko Academic Publishers, 1997.

___________, Wándé, A concepção ioruba da personalidade humana, Paris, 1981, tradução, nota e comentários de Luiz L. Marins, in, Internet, Revista Olorun, n. 03, Abril de 2011, http://www.olorun.com.br

ABRAHAM, R. C. *Dictionary of Yoruba Modern*, London, 1962.

ADESOJI, Michael Adémola, *Nigéria, História – Costumes, cultura do povo Ioruba e a origem dos seus Orixás,* 1990, edição do Autor.

BOWEN, Rev. T. J., *Grammar and Dictionary of the Yoruba Language: With an Introductory Description of the Country and People of Yoruba,* Interior of Africa, 1879-1856.

CORRÊA, Norton F., *O Batuque do Rio Grande do Sul (Antropologia de uma Religião Afro-Rio-Grandense),* Editora Cultura & Arte - 2ª edição, Porto Alegre, 2006.

COURLANDER, Harold., *Tales of Yoruba gods & heroes*, Original Publications, New York, 1973.

DREWAL, Margaret Thompson, *Yoruba Ritual (Performers, Play, Agency)*, Indiana University Press, Indiana, 1992.

FAMULE, Olawole F., *Art And Spirituality: The Ijumu Northeastern-Yoruba Egúngún*, Phd. Dissertation, University of Arizona, 2005.

HOULBERG, Marilyn H., *"Egungun Masquerades of the Remo Yoruba" in Special Egungun , African Arts Journal*, XI, 3, UCLA, African Studies Center, University of California, 1978.

JONHSON, Rev. Samuel, *The History of the Yorubas - From the Earliest Times to the Beginning of the British Protectorate*, Lagos, 1921-1960.

OSAMARO, Mr. Cromwell, *Ifism the complete Works of Ọ̀runmìlà,* Athelia Henrietta, 1998.

SANTOS, Juana Elbein dos e Deoscoredes M. Dos Santos, *Ìpọ̀rí,* Trabalho apresentado no Colloque International sur La Notion de Personne em Afrique Noire, Paris, 1971 / Publicado pelo C.N.R.S. Centre National de la Recherche Scientifique, Paris, 1981, Edição número 544 (Tradução, introdução, transcrição e organização: Luiz L. Marins, São Paulo, 2011, in, Internet, Revista Olorun, n. 06, Outubro de 2011, http://www.olorun.com.br

VERGER, Pierre, *Orixás (Deuses Iorubás na África e no novo mundo)*, Editora Corrupio, São Paulo, 1993.

ITUTO

CEREMONIAS FUNEBRES

DE LA SANTERIA AFROCUBANA

Oriate Yrmino (Omi Dina) Valdés

ITUTO

Y

HONRAS DE EGUN

SOCIEDAD DE AUTORES LIBRES

INDICE

Cantos:

Agradecimentos

Quisiera o gradecerle a varias personas la colaboración que me brindaron en la confección de este trabajo. La razón deser de este libro es brindarle a los iniciados y estudiosos de las religiones afroamericanas los conocimientos y procedimientos para llevar a cabo las ceremonias fúnebres de un iniciado.

Tomé esta encomienda por iniciativa de varias personas interesadas en que estos conocimientos no se pierdan, sino que estén al alcance de todo el que los necesita.

Quisiera agradecer en especial a mi padre Alfredo Valdés y mi familia; a los doctores Luz María Martínez Montiel y Rafael López Valdés, quienes despertaron en mí la inquietud de compartir los conocimientos que otros me habían dado; Apolinar González (q.e.p.d.); Normando García; Santiago Pedroso; el Oluo Félix Manuel Manun por sus enseñanzas; Julia Román; Cristóbal Díaz Ayala; Rubén Malavé; Josean Ramos; Rafi Trelles; Lulio Vargas y otros que hicieron posible este libro.

PROLOGO

La religión de los Orishas, cultos religiosos de los yoruba o Santería formas cómo se conocen díchos fenómenos constituyen el conjunto de creencias y rítos de los grupos étnicos africanos denominados genéricamente yoruba.

El origen de estas creencias es anterior a los de la era cristiana y ha sido, sín duda alguna, un objeto de estudio que ha interesado por igual a etnólogos, antropólogos, historiadores, teólogos, filósofos, musicólogos, sociólogos y otros investigadores, debido a las implicaciones que el tema conlleva.

Esta religión ha sido transmítida durante siglos en forma oral; con un complejo panteón de Orishas o personajes míticos de un complicado y minucioso ritual que se acompaña de música y baile. En occidente existe la ausencia de un sistema centralizado de organización, divulgación y jerarquización; religión además de pueblos sometidos, esclavizados y removidos de su terruño africano, en gran parte, y trasladado a Améríca desde el siglo XV hasta medíados del XIX.

A pesar de esto, aún se mantiene con una fuerza extraordinaría de supervivencia, si no de un desarrollo notable de sus practicantes en las tres últimas décadas, que incluye el crisol étnico de nuestra cultura tan diferente a la de los yorubas africanos iniciadores de estos cultos.

La importancia, posibles explicaciones y consecuencias de este fenómeno, escapan del contexto de este prólogo que pretende ser breve. Pero sí podemos señalar que parte de este revivir se debe al grupo de escritores que desde finales del siglo pasado comíenzan a transcribir lo que hasta entonces fue mayormente testimonio oral.

Estos exponentes los podemos dividir en dos grupos; los propios sacerdotes u oficiantes de la religión, que dictaban sus conocimientos sobre la materia las famosas libretas transmítidos y copiados celosamente de generación en generación. Los otros eran científicos o literatos de distintas especialidades, que estudiaban la religión, digamos, desde otros puntos de vista. Específicamente en el área caribeña, inicia estos estudios Fernando Ortíz y los continúa Lydia Cabrera en Cuba. Otros exponentes se encuentran en Brasil y un gran número en Estados Unidos. Algunos de estos eruditos reúnen felizmente a su condición de iniciados en la religión yoruba sus conocimientos científicos de antropología u otras materias afines que los capacitan mejor para exponer organizada y lógicamente los elementos litúrgicos de esas creencias, con la mente analítica del científico que organiza, pondera y expone.

Uno de esos casos, quizás de los más representativos por las razones que veremos, es el del sacerdote u Oriate Yrmino Valdés Garriz. Nacido en Cuba, en la década de los años 40, el destino o los Orishas, según el punto de vista de cada cual, lo llevan a vivir parte de su niñez y juventud, primero a Tampa, Florida, y después en California, donde termina sus estudios de Escuela Superior.

En 1962 se traaslada a San Juan, Puerto Rico, y en 1967 se inicia en la religión. Pasa diez años de intensa práctica y estudio, y ya le vemos convertido en Oriate hacia 1977, pero ese mismo año decide ampliar sus conocimientos científicos e ingresa a la Universidad de Puerto Rico.

Si examinamos su curriculum vitae, encontramos que durante la década del 80 se le verá cubriendo un inmenso periplo mundial, cual misionero de esta fe vieja y al mismo tiempo nueva.

En 1980 dicta conferencias sobre esta religión en el Museo de Historia Natural de Nueva York y un seminario de santería en la Universidad Central de Caracas. En el 81 hace estudios de campo de la religión Yoruba en Brasil y al año siguiente viaja a Trinidad Tobago con el mismo fin. En 1983 viaja a Nigeria para beber de las fuentes originales de esta religión. En el 86 funda y preside el Centro de Estudios y Cultos Religiosos yoruba en San Juan, y produce y anima un programa sobre las mismas materias, que se transmite por la emisora Radio Luz.

En 1987 ofrece una serie de conferencias sobre la religión yoruba en el Centro de Estudios Avanzados de Puerto Rico y el Caribe, y en el Museo de Arte e Historia en San Juan. Ese año vuelve a Nigeria en un amplio recorrido por varias ciudades del país, viaje que repite al año siguiente. Así mismo ofrece un seminario en San Francisco, California.

En 1988 participa como conferencista y miembro del Comité Asesor sobre religión afrocubana en el primer simposio Afroamérica y su Cultura Religiosa, celebrado en la Universidad de Puerto Rico. Ese mismo año participa en el Cuarto Congreso Nacional de la

Asociación Latinoamericana de Estudios Afroasiáticos, celebrado en Guadalajara, México. También es nombrado Asesor en Asuntos Religiosos de Ascendencia Africana del African Diaspora Research Project, de la Universidad de Michigan. Más adelante vuelve a ofrecer una conferencia en el Western Addition Culture Center de San Francisco, Califonia.

El 89 es otro año activísimo para el profesor Valdés; imparte un Seminario sobre Africa y su Herencia Religiosa en el Caribe, en la Universidad Veracruzana; uno de la Religión yoruba en Nigeria y el Caribe, en el Museo de la ciudad de Veracruz, y otro en el Centro de Asia y Africa del Colegio de México.

Combinando siempre el enseñar con el aprender, regresa nuevamente a Nigeria, donde dicta una conferencia en el Centro de Estudios Africxos de la Universidad de Oba Femi Owolowo de Ife.

Y tal parece que la década del 90 mantendrá el mismo ritmo para el profesor Valdés. En 1990 fue conferencista invitado al Congreso Ay Bobo sobre Cultos del Caribe celebrado en la Universidad de Austria, Viena. Vuelve a participar como conferencista del Segundo Simposio de Afroamérica y su Cultura Religiosa en la Universidad de Puerto Rico y dicta, conjuntamente con la conocida antropóloga, Dra. Luz M. Martínez Montiel, el curso postgraduado en Hístoria y Geografía del Caribe, organizado por la Universidad Católica de Santo Domingo, República Dominicana.

Se fusionan, pues, en el profesor Valdés el sacerdote oficiante de su religión, con el investigador y conferencista, no tan sólo en sus prácticas afrocubanas, sino de otros cultos y aportaciones culturales transportados de Africa.

Los conocimientos y experiencias del Oriate se reflejan en el tratamiento minucioso, específico y gráfico de las ceremonias litúrgicas a la muerte de un iniciado a la religión yoruba. Esperamos que ésta sea la primera de una serie de monografías en las que el profesor Valdés vaya tratando estos temas tan necesitados de exposición, tanto para los creyentes de esta fe, que encontrarán en los mismos una base fundamental de usos y ceremonias, como para los estudiosos de distintas disciplinas estrechamente relacionadas con la entronización de las culturas afrícanas en América. Así, consideramos el presente trabajo como un valioso aporte.

Cristóbal Díaz Ayala

ITUTO

Ingredientes necesarios para hacer un Ituto.
- Una jícara o igüera grande.
- Nueve hojas de álamo que se cogen del suelo, al pie del árbol, y que estén con la nervadura hacia arriba.
- Pescado ahumado, jutía ahumada y maiz tostado
- Dos pedazos de jabón prieto y dos de jabón blanco.
- Pintura blanca, roja, azul y amarilla una yarda de tela blanca, una yarda negra y una yarda roja.
- Carbón vegetal, ceniza y cascarilla.
- Un pollo negro de una libra de peso.
- Quimbombó seco (Hibisaus Esculentus).
- Maribó seco (hojas desneivadas de los retoños de la palma real).
- Estropajo de soga.
- Tres platos blancos.
- Aberikunlo (espantamuerto en Cuba) (yerba cangá en Puerto Rico)

PARA HACER EL ITUTO

Se acomodan todos los Santos en el piso y se acuesta a Osun[15], colocándose todas las bolsas de los caracoles encima de las soperas y se ponen los Santos en orden, empezazdo con Elegua hasta el Angel de la Guarda del difunto, (Véase ilustración # 1) En una esquina del cuarto, donde se va a hacer el Ituto, se pone un vaso de agua, una vela y un bakuko (palo del muerto).



Ilustración # 1.
Forma en que se disponen los atributos en sus respectivos recipientes para celebrar la ceremonia de Ituto. Nótese que Osun se encuentra en posición horizontal, significando la muerte del sacerdote.

[15] Osun: Pedestal y copa de metal de siete pulgadas, con un gallo encima representativo de la vida del sacerdote.

Seguidamente se procede a preguntarle a los Santos si se van o se quedan, haciéndose esto con el caracol de cada deidad, empezando por Elegua, hasta llegar al Angel de la Guarda de la persona. Al caracol no hay que darle coco, pues no se le dio en el lavatorio cuando nació y por consiguieute no hay que dárselo en la muerte. Se coge el caracol en la mano izquierda y se levanta para moyubar[16] primero a los muertos y después a los vivos, incluyendo a los Iworos[17] presentes. Luego de moyubar, se tira el caracol al piso sin estera y el Oriate[18] debe estar sentado en banquito pequeño. (Véase ilustración # 2).

Los Santos se quedan sólo con dos letras o signos adi-vinatorios, que son Oshe y Obara, y las demás letras se van con el santero muerto.

Si el Santo se queda con la letra Oshe, se queda con un familiar o familiares de sangre del difunto, y si se queda con Obara, se queda con la familia de Santo de éste. Los guerreros, si son de Ifa, se pregunta con el caracol si se van o se quedan, y si se van, hay que entregárselos al padrino para que él sea quien los rompa.

---

[16] Moyubar: Conjurar, atraer la voluntad benéfica de los espíritus y las deidades.
[17] Iworos: Iniciados presentes.
[18] Oriate: Sacerdote que dirige los ceremoniales iniciatorios y mortuorios.

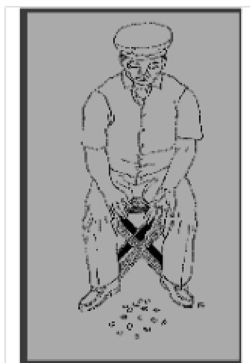


Ilustración # 2.
Oriate consultando el oráculo del caracol para conocer la voluntad de cada Orisha del difunto, a quedarse o despedirse.

Los Santos que se van se ponen a un lado y los que se quedan a otro. Los caracoles de los que se van se colocan en sus bolsitas y se les entregarán a algún familiar del difunto para que se los ponga al cadáver en el lado izquierdo del pecho, que es el lado del corazón.

Las piedras de los Santos que se van, se sacan de las soperas y se ponen en el piso. El que está haciendo el Ituto[19] le da un golpe de martillo a cada piedra con el correspondiente rezo, Baga Baga Eni Omo - Bale. Estas piedras de los Santos que se van se echan en una caja o recipiente cualquiera que después se llevará al río. Las soperas se rompen con el mismo martillo y los pedazos rotos se echan en otra caja o recipiente para ser llevados al monte después de terminado el Ituto. Las soperas se rompen con el mismo rezo que las piedras. (Véase ilustración #3)

[19] Ituto: Ceremonia de desiniciar al difunto.

3). Si no se ha preparado con anterioridad, después de romper las soperas de los Santos que se van, se procede a preparar la jícara.

Primeramente, se coloca el paño negro en el piso y sobre éste se pone el rojo y luego el blanco. Sobre los paños se acomoda la jícara y frente a ésta, tres platos blancos; en uno se ponen los pedazos de maribó, en el otro el quimbombó seco y en el tercero los hilos de estropajo de soga. (Véase ilustración # 4)

Dentro de la jícara se echan las nueve hojas de álamo, maíz tostado, pedazos de pescado ahumado y de jutía, un trozo de jabón blanco y otro de jabón negro, las pinturas de cuatro colores (blanco, rojo, azul y amarillo), el carbón y la ceniza, el pelo trenzado obtenido durante la ceremo- nia de iniciación, el peine utilizado en el mismo ceremo- nial, que es preciso romper, y el Ashe[20]. La navaja y la tijera no se echan ni se rompen pues representan a Ogun[21] como iku[22] y éste no se puede destruir.

Cada uno de los presentes se parará frente a los platos y, cojiendo primero un pedazo de hilo

---

[20] Ashé : Se compone genéricamente de yerbas pertenecientes a las deidades en cuyo culto fue iniciado el difunto, maceradas y mezcladas con los componentes sagrado consistentes en semillas de vegetales africanos, agua, miel, pimienta de guinea, pescado y jutía ahumados.
[21] Ogun Deidad yoruba representada por el hierro.
[22] Iku: La muerte.

de estropajo, se lo presenta en la frente y luego la nuca, donde se rompe y se echa en la jícara. Después se procede a hacer lo mismo con el maribo y el quimbombó.

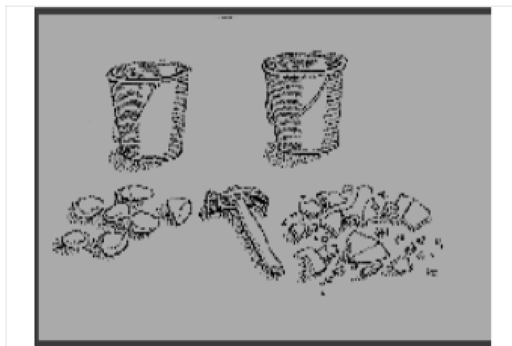


Ilustración # 3.

Piedras sagradas de los Orishas y los recipientes rotos que las contenían, que serán depositados en sendos cubos para ser llevadas, respectivamente, al río y al monte.

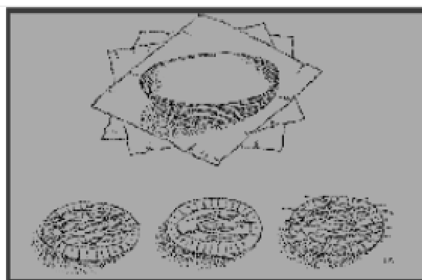


Ilustración # 4.
Sobre los paños de distintos colores, se coloca la jícara; los tres platos conteniendo quimbombó seco, maribó e hilachas de estropajo de soga.

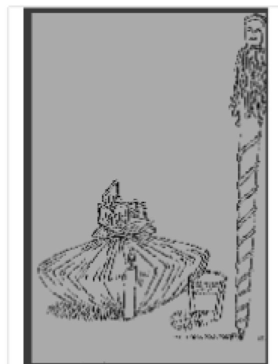


Ilustración # 5.
El atado consiste en la jícara con los ingradientes mencionados en el texto; a su laso el vaso con agua, la vela encendida y el Bakuko utilizado para el Oro de Egun.

Al terminar esa parte, los presentes rompen sobre la jícara los collares del difunto, enganchando el dedo como cuando se ponen, y con el dedo meñique, tirando de ellos, hosta que se rompan. Hecho esto, se procede a hacer el paraldo[23].

El Oriate coje el pollo, y de acuerdo con los años de iniciado, (de mayor a menor), comenzando por él mismo, limpia a cada uno de los presentes, haciendo el rezo correspondiente. El pollo se mata dándole contra el piso; se le echa cascarilla, se espera a que muera y se coloca en la jícara. Después de hacer esto, se atan los paños que estan colocados debajo de la jícara, punta con punta, hasta que ésta quede cubierta con los tres paños. Esta jícara en-vuelta en paños se pone al lado del vaso de agua y la vela antes mencionada. (Véase ilustra-ción # 5)

Después, el Oriate toma el palo en la mano, da golpes en el piso y comienza a hacer el oro (rezo) a las deidades, desde Elegua hasta el Angel de la Guarda del difunto y luego los siguiente rezos a Egun, repetidos tres veces.

Solista:
Aumba awa ori
Aumba awa oiri
Awa osun, awa oma
Leri oma leyao

[23] Paraldo: Limpieza que se hace con un pollo a todos los presentes en la ceremonia de ituto.

("nombre de santo " del difunto)
Araorun kawe

Coro:
Araonu kawe
Aumba awa ori
Aumba awa ori
Awa osun, awa oma
Leri oma leyao
(nombre de la persona muerta
en la vida social) kawe

* * *

Omo alawo oyare fiedenu
akofao akofao
Omo alawo iku fiedenu akofao
akofao

* * *

Okokan la mi waye okokan la
mi Orun (bis)
omolocha omolorisha
Okokan la mi waye

* * *

Tele moba tele
Tele moba tele
Waye ke waye ke
Odoso umbo alake
Umbo waye ke bi owa yeye

* * *

Solista:
E iki ambelao la ocha ambelao
Shombolo ambelao shombolo
ambelao

* * *

Dede la ewe dede la eweo
iku oromake odideo

* * *

Osu kuere kuere mi iya
Osu kuere kuere mi íya
Temina unlo iya
Osu kuere kuere mi iya
Abure unlo iya

* * *

Irolo ikula irolo ikula
iku choncho a la gayadona
irolo ikula

* * *

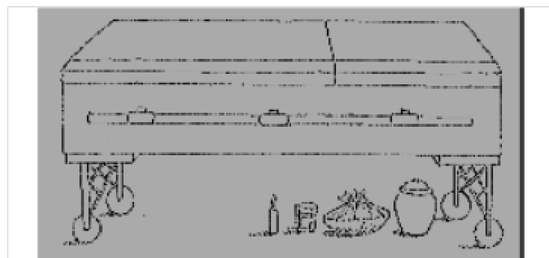
Shon shon shon ko omo
La mefa mi shom bomi
Shon shon shon ko omo
La mefa mi shon bomi

Luego de estos cantos, si el Oriate sabe otros, los canta hasta que él quiera, si no, se le va a continuar el rezo al cadáver al lado de la caja, se cierra en este momento con el aumba awa ori. Si se le piensa cantar al lado de la caja,

NO SE PUEDE CERRAR EL ORO HASTA QUE NO SE VAYA A SACAR EL FERETRO DE LA CASA O DE LA FUNERARIA.

Terminado el ituto, al salir del cuarto, todos los presentes se lavarán la cara y la nuca con omiero[24] de Aberikunlo, el cual debe haberse preparado antes del comienzo de la ceremonia.

La jícara envuelta en los paños, el vaso de agua, la tinaja utilizada por el difunto para traer agua del río durante la iniciación, y la vela, se colocarán debajo de la caja donde se encuentra el cadáver (en la cabecera). Si el ituto es de un Babalawo, se sacrificará una paloma blanca al colocar todo lo antes mencionado en su debida posición, con sus respectivos rezos.



Ilustación # 6.

Debajo del ataud se disponen la tinaja, el atado con la jícara, el vaso con agua y la vela encendida.

24 Omiero: Palabra compuesta de omi agua y ero sedar; manceración de hojas tomadas de plantas mezcladas con agua.

Antes de sacar el cadáver de la casa o la funeraria, hay que mandar a una persona hasta el lugar donde se vaya a enterrar al difunto, con la jícara envuelta en los paños de diferentes colores, que se colocó debajo de la caja, para que esta persona la ponga en la sepultura o en el panteón donde se vaya a enterrar al babalosha o iyalosha (santero o santera). Lo debe poner en la parte correspondiente a donde estará ubícada la cabeza del difunto cuando la caja baje a la sepultura.



Al momento de sacar la caja de la casa o de la fune- raia, la Yubona[25] coge la tinaja con agua y sale detrás del cadáver, y en la puerta, ya en la acera, la deja caer para que se rompa. (Véase ilustración # 7) En este instante el o la Yubona puede ser poseído por su deidad tutelar que se manifiesta de forma luctuosa. En tales casos la deidad se despide dando golpes sobre el ataúd.

Ilustración # 7.
La Yubona sostiene la tinaja con el agua del rio, disponiéndose a romperla al salir el féretro de la funeraria o la casa.

[25] Yubona (oyu bo ona): Palabra compuesta que alude a la persona en segunda posición con respecto al iniciado. Significa en yoruba "ojos de mi camino".

El canto paro sacar el cadáver es:

Shon shon shon, ko omo
La mefa mi shon bomi

Cuando la Yubona va a romper la tinaja, el Oriate canta el siguiente rezo:
Baga baga eni omo bale

CEREMONIA DE LOS NUEVE DIAS

Al noveno dia del entierro, los familiares y ahijados del difunto sacerdote o sacerdotiza acudirán a una misa en la iglesia católica en memoria de éste. Posteríormente irán a casa del difunto, donde se ofrecerá un desayuno y se pondrá en ofrenda al difunto por primera vez algo de cada alimento que consuman los asistentes.

Al terminar, se le hará la primera consulta al difunto a traavés del oráculo del coco, para saber si está satisfecho con todo lo que se ha hecho hasta ese momento.

En esta consulta al difunto, si el que está ejerciendo la función oracular considera que es necesario hacer algún rezo cantado en el lenguaje yoruba, se procederá al mismo.

En caso de que esta ceremonia se esté haciendo para un ahijado difunto, con ella concluye el período de luto de los mayores hacia los menores.

Si el caso fuese que el difunto haya sido un mayor, y los ahijados sean los que ofrecen esta ceremonia, aquí no termina el período de luto, el cual es de tres meses, cuando se hace un homenaje que tributan los menores al mayor.

HONRAS DE EGUN

Al ver las palabras Honras de Egun, muchos de los que no estén familiarizados con este ritual, se preguntarán: ¿Qué cosa exactamente son las Honras de Egun?

El significado en español de la palabra honra es rendír honor, homenaje o tríbuto. Entonces, cuando se le hacen honras a un difunto, lo que se hace es rendirle honor, homenaje o tríbuto al espírítu de ese sacerdote o sacerdotiza, que se ha marchado hacia Araorun (el más allá).

Hoy día, en particular fuera de Cuba, esta práctica religiosa se está perdiendo, por no conocer la importancia que tiene este ritual, no sólo para el espíritu del difunto, sino también para sus seres queridos que quedan.

Al llegar a Cuba los yoruba, el culto a Egun Gun (los antepasados), que son de suma importancia en Africa, fue perdiendo terreno en la nueva atmósfera caribeña. Hoy día, dentro

de la Santería, lo que queda es una reminiscencia de lo que antes era un culto muy complicado y respetado. Para comprender enteramente cómo funciona el culto a Egun en Nigeria, tenemos que profundizar mucho en Africa para luego buscar sus raíces en este nuevo ambiente, que no es el tema de este libro, pero debemos tocarlo muy brevemente para comprender el comportamiento de esta persona durante su vida en la tierra, pues los familiares practicaban una seríe de rítuales y ceremonias para rendirle honor al espíritu de este difunto.

Estos rituales eran muy parecidos a aquéllos llevados a por los antigus egipcios, que procedian a embalsamar el cuerpo, lo envolvían en lino y lo sepultaban junto a sus posesiones terrestres. Si éste era un personaje importante, sus esclavos, y a veces hasta sus esposas, eran sacrificados y sepultados con él. La creencia subyacente consiste en que de este modo el espíritu no regresa al mundo a reclamar lo suyo, y permanece tranquilo en el inframundo, sin molestar a sus sobrevivientes.

La creencia yoruba no está basada en los mismos principios que la egipcia, pero el ritual es muy parecido. Al morir algún familiar, se preparaba el Omiero, con el cual lavaban el cuerpo del difunto y lo vestian después con sus mejores ropas para recibir a los visitantes que venían a ofrecer sus condolencias. Eran tiempos de dolor, pero de gran festejo, ya que se creía que éste iba hacia un mundo mejor. Antes de enterrar al difunto, acomodaban todas sus pertenencias. Si era guerrero o cazador, le echaban sus armas. Si era herrero, sus herramientas, y así sucesivamente. A la tumba también se le echaba comida para que éste tuviera suficiente alimento para emprender el largo camino que tomaría llegar al otro mundo.

Hecho esto, procedían a sacrificarle un animal de cuatro patas, usualmente carnero si era hombre y carnera si era mujer, llevando a cabo un gran y costoso ritual. El cadáver era enterrado siempre de pie porque se creía que en esta posición se facilitaría el camino hacia el Araorun, donde se reuniría con sus demás familiares y amistades que le hubiera precedido.

Aparentemente, al llegar a Cuba los yoruba tenían este ritual en mente, pero al serles impuesta la religión ca tólica, tuvieron que adaptarse a las reformas que les fueran impuestas en sus hábitos y costumbres. Ya no se podía hacer el sacrificio en la tumba porque sus creencias y prácticas ancestrales eran perseguidas por las autoridades, la Iglesia y las instituciones de la sociedad colonial. Tenían que enterrar, entonces, a los difuntos siguiendo las costumbres católicas impuestas.

Transcurrído el tiempo, cuando se crearon condiciones para ello, surgió de nuevo esta forma de rendirle tributo a sus muertos, conocida hoy día como honras. Aparentemente esperaban que el transcurso del tiempo borrara el recuerdo de este suceso, por una parte, para poder costear el ceremonial, que siempre ha sido costoso; y por otra, evitar la persecución de las autoridades y la sociedad colonial. Quizás sea ésta la razón de porqué hoy día se hacen honras a los tres meses de haber muerto el iniciado.

Durante estos tres meses, en la Santería, suponiendo que el muerto haya sido padríno de un grupo de personas o aunque haya iniciado a una sola persona, sus ahijados están en la obliga ción de guardarle luto durante este tiempo. Si el caso fuese a la inversa, que se haya muerto el ahijado, el padríno sólo está en obligación de guardarle nueve días de luto.

Las honras constituyen una forma de cumplimentar con el espíritu del difunto para que éste tenga tranquilidad eterna y no ven ga a molestar a sus sobrevivientes de la tierra, ya que es muy posible que éste se interponga en ceremoniales que lleven a cabo sus discípulos (ahijados), entorpeciendo la ceremonia. De este modo se logra que el espíritu del difunto sacerdote pueda cumplír con sus funciones benéficas, con sus ahijados, familiares y allegados.

No todo difunto tiene derecho a honras. Para su celebración, hay que cumplir ciertos requisitos, pero se dan casos en los cuales hay que hacerlos por pedido directo del difunto, ya sea a través del oráculo de Ifa o el caracol. Para hacer honras es necesario que el difunto:

Haya sido presentado al Tambor[26] (ya que en todo el ceremonial de las honras en el que se utilice este instrumento, es menester que sea Tambor de Fundamento).

Haya iniciado a otras personas a la religión.

Debió (pero no necesariamente) pasar de los diez años de haberse iniciado en la religión.

26 Tambor: Presentar al iniciado ante la comunidad religiosa y a los tambores sagrados.

Cuando se van a llevar a cabo estas ceremonias, si están todos los ahijados del difunto en conjunto, todo se hará a través del mayor. Dado el caso de ser un sólo ahijado el que esté costeando todo, será a éste al que se le presentarán las ofrendas, pero los demás hermanos de santo y sus ahijados estan en la obligación de asistir. Cito este caso porque desafortunadamente se da, pero se supone que las honras se hagan entre todos los ahijados, aunque hayan tenido diferencias con el padrino cuando estaba en vida.

Para este ceremonial también se invitará a aquellas personas que hayan tenido algún tipo de relación con el difunto, y por supuesto, sus familiares de sangre, aunque las honras se hacen a puertas abiertas y todo el que esté iniciado puede asistir sin tener que ser ínvitado especialmente.

Esperamos que la información ofrecida aclare muchas dudas sobre este tema tan complicado y que sirva de provecho para todo aquél que lo lea con el interés de aprender y llevar hacia adelante nuestra religión, ya que dice el Odu Ogbedi lele que la sabiduría está dispersada en el mundo; y Obara Meji dice que el que sabe no muere como el que no sabe. Quisiéramos que esta serie de escritos sirvan para que nuesta religión pueda seguir creciendo, contando a la vez con personas interesadas e instruídas en ella.

PROCEDIMIENTO DEL PRIMER DIA

Preparativos para el sacrificio.

El día que se vaya a dar la carnera o carnero se empieza desde temprano a preparar y cocinar todas las comidas que se vayan a ofrecer. Según se cocinan, se va colocando cada una en su plato. Aparte de las comidas reglamentarias de Osha[27], se hacen también los platos favoritos del difunto cuando estaba en vida.

Comidas Primordiales

Salcocho de viandas - Ajiaco con una cabeza de cerdo
Tamal de maicena - Eko
Frituras de frijoles - Ekru aro
Tamal de frijol de carita hervido y molido sin cáscara -Olele
Bolas de frijol de caríta majados - Akara
Harína de maíz agria - Ogidi
Arroz con frijoles negros

[27] Osha: Contracción de la palabra Orisha, que también significa deidad.

Arroz con frijoles colorados
Arroz amarillo
Arroz moro - congri
Nueve bolas de plátano
Nueve bolas de malanga
Nueve bolas de malanga amarilla
Nueve bolas de gofio (maíz tostado, molido y endulzado)
Nueve bolas de Oshinshin (revoltillo de huevos con acelga)
Nueve bolas de ñame
Nueve bebidas alcohólicas distintas
Nueve frutas variadas
Harina y quimbombó
Chicharrones de cerdo
Platanutre-mariquitas de plátano
Dulce de coco
Natilla de huevo de chocolate
Harina en dulce
Arroz con leche o arroz en dulce
Malarrabia (papa dulce en almíbar)
Boniatillo (dulce de batata seco)

Quien se encargue de preparar las comidas y dulces debe tener suma precaución de que todas las comídas se preparen como si fuesen para consumo personal.

Aparte de las comidas hay que tener.

1 1/2 yarda de tela negra
1 1/2 " " " roja
1 1/2 " " " blanca

La tela negra y la roja se firmarán, con sus Odu[28] apropiados con cascarilla; la tela blanca con carbón, con los apropiados signos del oráculo. También hay que tener nueve cujes de rasca barriga (Randía aculeata L., Tintillo en Puerto Rico), de por lo menos una yarda de largo cada uno, amarrados en haz con cinta negra, roja y blanca; nueve velones blancos, nueve cabos de vela blanca, bastante cascarilla, una tela de florones o de colorínes que se pone en la parte posterior de la sepultura, para adornar ésta como si fuese un trono, nueve pañuelos de diferentes colores, flores, tabacos, 1/4 de galón de sangre de cerdo, nueve pedazos de cepa de plátano, nueve platos blancos, una cazuela grande de barro, una teja, un pargo, "vistas"[29] de coco y cualquiera otra cosa que pueda pedir el Babalawo o el Oriate que vaya a oficiar la ceremonia. (Véase ilustración # 8).

---

28 Odu: Signo oracular.
29 Vistas: Se denominan los cuatro pedazos de la nuez del coco que se utilizan como una forma de adivinación, tomando en cuenta la combinación de sus caras cóncava y convexa.

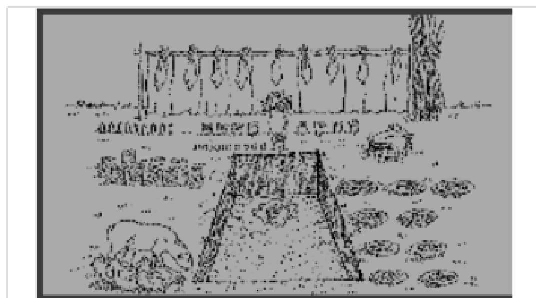


Ilustración # 8.
Disposición de tdos los elementos rituales utilizados en las honras fúnebres.

Se le pagará un derecho monetario a dos personas para que ese día abran un hoyo en el patio de la casa donde se hará la ceremonia. El hoyo debe tener una profundidad de por lo menos seis pies y semejar una tumba. Hecho esto, se acomodará la tela de florones en la parte posterior de la tumba, con los nueve pañuelos alrededor del paño de colores. Se acomodarán nueve copas de agua en la cabecera del hoyo, delante de los pañuelos y las flores, dejando todo preparado para la noche, cuando se inicie la ceremonia.

Antiguamente, se acostumbraba a hacerle una misa por la iglesia católica al difunto. Esta debe hacerse por la mañana de ese mismo día, si es posible; si no lo es, entonces se puede hacer por la tarde. Hoy día esta misa hay que solicitarla con bastante antelación.

El iniciado hijo de Oya[30] que haya sido contratado para bailar el tambor de Egun debe estar presente desde el momento en que comienzan las ceremonias de honras al difunto.

El sacrificio.

Para hacer honras, es necesario hacer un sacrificio de carnera o carnero en todas las ocasiones. También hay que ofrendar los animales de plumas correspondientes.

Después del regreso de los que hayan ido a la iglesia, comienza la ceremonia a las 6:00 p.m. del mismo día. En esta ceremonia pueden estar presentes todos aquellos que hayan sido iniciados y todos los ahijados o aquellos que hayan tenido algún tipo de relación religiosa con el difunto. Todos deben ir vestidos de blanco y con la cabeza cubierta.

Al llegar el Babalawo u Oriate que está oficiando las ceremonias, éste pedirá las telas para firmarlas. Después de firmadas, las colocará en el hoyo. Firmará la teja igual y la colocará también en el hoyo, con la cazuela de barro y el pargo. La cazuela también será firmada con cascarilla y ceniza. Hay oficiantes que en este momento echarán la sangre de cerdo en la cazuela de barro. En la cabecera del hoyo se colocarán los cujes de rascabarriga en posición vertical. Los iniciados presentes ayudarán, colocando los platos con las comidas en el área

30 Oya: Deidad del panteón de yoruba que se relaciona en la religión afrocubana con la muerte y el cementerio.

donde se va a hacer la ceremonia. Antes de sacrificar la carnera o el carnero, éste debe ser bañado anteriormente con un Omiero preparado con tal propósito.

El Babalawo u Oriate hará dos líneas paralelas desde la puerta de la casa hasta el hoyo que está en el patio, una con cascarilla y otra con carbón. Todos deben estar del lado de la línea de la cascarilla, pendiente siempre de no cruzarla en momento alguno.

Al lado opuesto, el Babalawo u Oriate comenzará dándole coco en la puerta y sacrificará ahí dos palomas con todos los ingredientes que se usan. Dejará la ofrenda y junto a ella colocará dos velitas encendidas y comenzará a caminar desde ahí hasta el hoyo, paseando la carnera. Al llegar al hoyo, la carnera le será presentada al que esté haciendo las honras, o al mayor de los ahijados, teniendo en cuenta no tocarle la cabeza a la persona con el animal. Esta persona masticará un pedazo de coco con nueve pimientas de guinea, todo lo cual se le soplará a la carnera en las orejas, los ojos y la frente. Dependiendo del Babalawo u Oriate, hay quien, antes de comenzar el sacrificio le dará coco a Egun (del difunto) para darle conocimiento de lo que se le está haciendo, o para conocer su disposición. Otros simplemente proceden a hacer el sacrificio y dan coco después que todo haya terminado, antes de tapar el hoyo.

Los ayudantes del oficiante sostendrán la carnera para ser sacrificada, teniendo en mente que la cabeza no se le puede desprender del cuerpo. Cuando se haya desangrado por completo, se echará el cuerpo al hoyo, asegurándose que la cabeza quede dentro de la cazuela de barro.

Después se procede al sacrificio de los animales de plumas, dando un animal de cada clase, comenzando con el gallo. Si el difunto tenía hecho un Orisha masculino, el gallo se da en la

cabecera y la gallina en los pies; si tenía hecho un Orisha femenino, entonces es a la inversa. De este modo, se matarán todos los demás animales. Dependiendo del sexo del Orisha del difunto, se buscará la gallina de guinea que concordará con éste y se dará en la cabecera. Todos estos sacrificios tienen su canto particular que se encuentran al final de este libro.

Dependiendo del Babalawo o del Oriate, que en este ceremonial pueden funcionar juntos, lo siguiente lo pueden hacer cualesquiera de los dos. El que ejerza esta parte de la ceremonia, comenzará a cantar y en su canto irá mencionando todos los animales sacrificados primero, para después comenzar a echar al hoyo las comidas de los platos, mencionándolas cada una por su nombre en yoruba, echando las comidas y encima tirando los platos al hoyo para romperlos. Esto se hará plato por plato hasta que se hayan echado todas las comidas. El ajiaco no se echará al hoyo. Este se deja para el final y se colocará encima de la tumba.

Acabado esto, el Oriate o el Babalawo comenzará a hacerle Oro a Egun (rezos). El palo ceremonial de Egun con el cual ha estado dando golpes en la tierra desde el comienzo de los rezos cantados, pasará a manos del oficiante durante estos rezos.

Los rezos comenzarán, como en todo lo concerniente a Egun, cantándose el canto Aumba awa ori... Después de cada canto, antes de comenzar el próximo, el oficiante siempre dirá: Oro, a lo cual los presentes responderán Egun. Después del Aumba, el oficiante cantará un canto que reza:

Omolawo yare fiedemu....

Durante este Oro, se manifiestan los Orishas en las cabezas de las personas ¨subidoras¨, en una forma frenética, dando gritos escalofriantes y llorando, con excepción de Oshun, quien, aunque brote lágrimas viene riéndose a carcajadas. Los ahijados del difunto que sean "subidores"[31], están en la obligación de caer en estado de posesión. Quien no queda poseso en las honras de su padrino o madrina, pone en duda la reputación y la validez de su Orisha.

El primer Orisha que toma posesión de su adepto es Oya a través de la persona antes mencionada, que ha sido contratada para bailar el tambor en el segundo día de las ceremonias.

En todo lo concerniente a Egun, cuando bajan los Orishas, la posesión no es nunca igual que en otros mo mentos en los cuales los Orishas vienen a la tierra a bailar y a divertirse. En estas ocasiones, los Orishas vienen en la forma frenética antes mencionada, e inmediatamente ellos solos se desposesionan de sus adeptos, llegando a la pared y dando palmadas en ella.

Cuando el oficiante crea conveniente termina el Oro, pedirá cuatro pedazos de coco para consultar a Egun y para saber si puede continuar con la ceremonia. A esa parte de la ceremonia se le llama darle coco a Joro - joro[32]. Si la respuesta es positiva y el Egun ha aceptado todo, se procederá a hacer el Iyefun, ceremonia en la cual se pulveriza la cascarilla, se echa en un plato y todos los presentes, por mayoría, cogerán un poco de cascarilla con las dos manos, se la presentarán a la frente y a la nuca y, como si se estuvieran lavando las

---

31 Subidores: persona poseída por las deidades (caballo de santo).
32 Joro joro: la tumba.

manos, la echarán al hoyo, sacudiéndose las manos tres veces. Este ceremonial tiene su canto y en ese instante también se posesionan los Orishas. En caso de que la respuesta la pregunta a Joro - joro sea negativa, hay que cumplir con lo que falte antes de proceder.

Hecho esto, se procede a tapar el hoyo. Aquí, al igual que en lo anterior irán todos los presentes, por orden de mayoría de los iniciados, con la pala, echando tierra al hoyo. Este proceso se hace con sus respectivos rezos. Ya tapado, el oficiante pedirá un gallo que se ha puesto a un lado para hacer el Paraldo. Se limpiarán todos con este animal y después, éste se matará, dándole contra el suelo.

Se repartirán las nueve velas y se colocarán las nueve cepas de plátano alrededor de la tumba, una en la cabecera y cuatro a cada costado. Cantando el rezo correspondiente, irán todos uno por uno, y encenderán su vela, encajándola respectivamente en las cepas de plátano ya dis-puestas alrededor de la tumba, según puede apreciarse en la ilustración. Las personas a las cuales se reparten las velas son al Babalawo, al Oriate y al ahijado que está haciendo las honras. Si no lo hace uno en particular y es hecho entre todos, se prenden las velas por orden de tiem po de iniciado (de mayor a menor), si los mayores del difunto están vivos, entonces a éstos también se les dará su vela. (Antes de prender las velas, se ha echado un cubo de agua en la tumba para que se acomode la tierra.) Se pondrán las copas de agua, el café, el ajiaco y las bebidas sobre la tumba y todos entrarán a la casa, terminándose la parte más fuerte de esa noche. (Véase ilustración # 9)

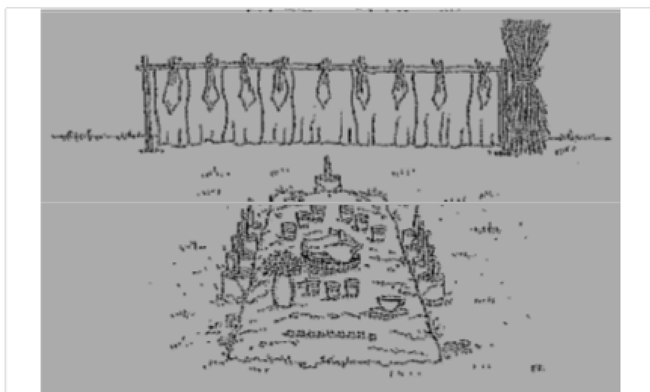


Ilustración # 9.
Forma en que definitivamente quedan dispuestos los elementos rituales al concluir la ceremonia del primer día de las honras.

Al llegar dentro de la casa, se tiene preparada una palangana que, por lo general, siempre la prepara el Babalawo, con un Omiero hecho con ciertas plantas, de las cuales la principal es el Aberikunlo, que no puede faltar. Con este Omiero todos los presentes se lavarán la cara los brazos y la nuca. Dicha acción también tiene su canto.

Acabado esto, comienza otra ceremonia en preparación para el tambor al dia siguiente, que consiste en darle de comer a todos los Orishas de cabecera del difunto. Esto se hace a través

de un simulacro, ya que en el Ituto no todos los Orishas se quedan. Si algunos de los Orishas del difunto se han quedado con alguien, en este momento se le quitan las lágrimas, lavando los atríbutos de cada Orisha con Omiero y, seguidamente, sacrificando un animal de plumas a cada uno, según su preferencia. A los Orishas que se fueron en el Ituto también se les da de comer en este momento, simbolizados en un plato con pedazos de coco formando el signo correspondiente a cada Orisha. La matanza procede normalmente, dándole un sólo animal a esos Orishas o símbolos, y los animales se le presentarán al que está haciendo las honrras. A todos los Orishas hay que preguntarles en qué forma se dispondrá de los animales después de haberlos sacrificado. Terminado esto, se encenderán dos velitas a los Orishas o los simbolos de éstos. De esta forma concluye el ceremonial del dia.

SEGUNDO DIA.

Desayuno, almuerzo y tambor a Egun.

Al día siguiente, se comienza con un desayuno temprano en la mañana. Se servirá la mesa con café, leche, pan, mantequilla y lo normal en un desayuno. En el piso de una esquina de este recinto se colocarán estas ofrendas a Egun, consistentes en partes de los mismos alimentos que consuman los presentes. AI terminar el desayuno se se procede a preguntar al espíritu del dífunto, utilizando el coco, si está conforme con lo hecho hasta ahora.

A las once de la mañana, aproxímadamente, llegan los tamboreros, a los cuales se les servirá su mesa, como de costumbre, para que almuercen. Después que ellos hayan almorzado, se servirá la mesa para los santeros, en la mis ma forma, sentándose en ella los famíliares de religión, el Oriate y el Babalawo, dejando siempre un sitio vacío para el espíritu del difunto. En muchos casos, no alcanza una sola mesa y hay que acomodar varias, ya que se supone que todos los presentes, que no sean ahijados, almuercen a la misma vez. La ultíma mesa que se sirve es la de los ahijados. En ella se sentarán nueve personas, incluyendo el mayor de los ahijados y el último iniciado por el difunto. Como en las mesas anteriores, también se reservará un sitio para el difunto en el cual se colocará un muñeco hecho con la cera de la vela que se encendiera en el velorio, que debe conservarse para este propósito. De no poderse disponer de esta cera, se tomará la de una vela derretida para ello. Esta mesa estará vestida con un mantel blanco nuevo y un jarrón con flores de colores.

Cuando todos hayan terminado de almorzar, en esta última mesa, se recogerán las sobras de todos los platos. Estas serán enviadas a Eshu[33], en la esquina de la calle de la casa. En la mesa se dejarán los platos de las nueve personas que allí comieron, aparte del plato que se le sirvió al difunto. Las copas de vino, agua y refresco, cubiertos, Fuentes, y Shekete[34] (que no debe faltar en este ríto) y el jarrón de flores se retirarán de la mesa. Se organizarán los tamboreros e irán al frente de la tumba. Los nueve ahijados que están sentados en esta mesa cogerán cada uno el mantel por los bordes y lo levantarán todos a la misma vez, al comenzar

[33] Eshu: Deidad mensajera de los Orishas.
[34] Shekete: Refresco de maíz fermentado y naranja agria, endulzado con azúcar prieta. De rigor en toda ceremonia de Osha.

a tocar el tambor, y caminarán hacia la tumba, balanceando el mantel de modo tal que se rompan los platos.

El tambor comienza a tocar y el ofciante comenzará a cantar el canto apropiado a este ritual.

Ya para esta parte de la ceremonia, a la que se le da el nombre de levantamiento de platos, debe estar presente el Olo Oya (iniciado al culto de esta deidad) que se debe haber contratado antes, colocándole los derechos (dinero) correspondientes al pie de su Orisha, y habiéndole ofren dado en sacrificio a su deidad tutelar los animales de pluma preferidos por ésta. Se le tiene una cola de caballo preparada que debió haber sido cargada y lavada anteriormente, y también se le tendrán nueve pañuelos de colores, que usará el Orisha en el momento que posesione a su "caballo".

Al llegar a la tumba, todos con el mantel en mano, comenzarán a desgarrarlo encima de la tumba, rompién dose todo lo contenido en él. Aquí vuelven a posesionarse los Orishas en la misma forma que la noche anterior y en este momento, casi siempre, viene Oya, que quedará posesionada de su "caballo" desde ese momento hasta que se termine el tambor. Los Orishas que visitan estas ceremonias, por lo general, se despiden enseguida, pero a veces suelen quedarse un rato azotando la casa con gajos de paraíso (Melia Azedarach). Los únicos Orishas que pueden bailar este tambor y quedarse hasta que concluyan son: Oya, Obaluaye, Iyewa, Oduduwa, y muy raras veces Yemayá. Para cuando se despiden los Orishas debe haber siempre alguna persona pendiente detrás de la puerta prin cipal de la casa, que es donde normalmente se despiden, y debe haber agua fría para darle de beber a los posesos cuando despierten del trance.

Hecho ya el levantamiento de platos, procederán a entrar a la casa los tres tambores tocando, el oficiante cantando Aumba awa ori... con todos los presentes detrás, y los Orishas "subidos", especialmente Oya. Cuando se llega al lugar donde se va a tocar, se acomodarán los tambore-ros en sus sillas y comenzará el tambor. Este se bailará en una rueda constante, con el cantante en el centrodando en el suelo con el palo. El Orisha que está en control de toda la situación durante esta parte de la ceremonia es Oya quien se paseará por toda la casa, sacudiéndola y limpiando a todos los que estén presentes, sino con la cola de caballo (Erukere)[35], pañuelos o mazos de paraíso. En estos rituales, Oya no suele venir como lo hace en otiras ocasiones, sino con los ojos bien abiertos y es muy impresionste. No habla y se dice que no se le debe mirar directamente a la cara.

Más o menos una hora antes de cerrar el tambor, se deja de cantar para Egun y se le empieza a hacer Oro a los Orishas, empezando por Elegua[36] y contínuando con todos los Orishas, terminando con el Orisha tutelar del difunto. En el tambor de Egun, con el rezo que se abre se cierra, así que éste se cierra cantando Abba awa ori....

Al concluir el tambor, Oya se despedirá. A veces se va igual que los demás Orishas, corriendo frenéticamente hacia la puerta de la calle, dando tres palmadas contra ésta y gritando.

---

35 Erukere: Un rabo de caballo con un mango adornado en cuentas de colores identificados con Oya, que se utiliza para toda ceremonia fúnebre.
36 Elegua: Otro nombre con el cual se conoce a Eshu.

Las ceremonias a Egun son las únicas oportunidades en que los Orishas se despiden solos sin la ayuda de otro iniciado. Oya es el único Orisha que puede pedir ser llevada a otro cuarto donde se despedirá como normalmente se despiden los Orishas.

Esa noche se procederá a hacer un trono para el Orisha del difunto, al que se le tocará al dia siguiente un tambor de festejo. Si en el ituto se quedó el Orisha del difunto, éste será puesto de manifiesto en dicho trono Si se fue, se pondrá un plato con los correspondientes pedazos de coco con el signo oracular que identifica al Orisha.

Para este tambor hay que contratar un iniciado en el mismo culto de adoración que estaba íniciado el difunto, para que el Orisha tutelar venga a bailar este tambor y comunicarse con los ahijados, amigos y familiares de éste.

En todos los rituales de honras en los que se utilice el tambor, éste debe ser de fundamento, es decir, consa grado; nunca se debe tocar con otros tambores. De esta forma nos damos cuenta de la importancia que tiene que todos los iniciados estén presentados ante el fundamento del tambor, pues el iniciado que no haya pasado por este ritual de presentación al tambor, al morirse no se le pueden hacer honras fúnebres.

Al espíritu que no se le hagan honras, nunca tendrá descanso eterno. Estos ceremoniales son muy importantes para todo santero, en particular para todo aquel que en vida haya iniciado a otras personas a la religión y llegado a ser lagbalagba (mayor), que se es después de los diez años de iniciación.

Cantos

Todos los cantos durante estos ceremoniales se repiten tres veces.

Para el sacrificio de los animales

SOLISTA: Akutan mankio akutan mankio *
Onaremakodara akutan mankio
CORO: Igual

* La palabra akutan (carnera) se sustituye por el nombre del animal que se está sacrificando en ese momento.

OTRO.

SOLISTA: Iku leye iku leye
CORO: Eye íku leye
SOLISTA: Iku mankio Iku mankio
CORO: Eye iku mankio

SOLISTA: Iku miloro iku miloro
CORO: Eye iku miloro

Para echar las comidas al hoyo

SOLISTA: Baile kuku si wadeleo íku oro
Balle kuku si wadeleo bailele
CORO: Igual

Según se echan las comidas, el oficiante irá diciendo: Ibayen bayen torun Egun (Fulano de
tal y el nombre de la comida en yoruba).

Para comenzar el oro de
Egun.

SOLISTA: Aumba awa ori
Aumba awa ori

Awa osun
Awa oma
Leri oma leyawo
Araorun kawe
CORO: Igual

La segunda vez que se canta se menciona el nombre del difunto en vez de Araorun, y la tercera, el nombre que recibió en su iniciación.

* * *

SOLISTA: Tele imoba tele
Tele imoba tele
Wayeke wayeke
Orosowmbo alaumbo
Wayeke wayeke
Bio wa yeye
CORO: Igual
* * *

SOLISTA: Ikunla irolo
Ikunla irolo

Shon shon
Ayaya dola
CORO: Ikunla irolo
SOLISTA: Lairo lairo
Ayaya dola
CORO: Ikunla irolo
* * *

SOLISTA: Okokan la miwaye
Okokan la mi Orun
Okokan la miwaye
Okokan la mi Orun
Omo Orisha Bogbomiwaye
Okokan la miwaye
CORO: Igual
* * *
SOLISTA: Lagba lagba ofeunsoro
Ofeunsoro ofeunsoro
CORO: Lagba lagba konfesoro

SOLISTA: Ofeunsoro ofeunsoro
CORO: Lagba lagba ofeunsoro
* * *

SOLISTA: Igi ambelawo
Igi ambelawo
La osha ambelawo
CORO: Igual
SOLISTA: Yombolo
CORO: Ambelawo
SOLISTA: Araorun
CORO: Ambelawo
* * *

SOLISTA: Bakeomi
CORO: Bakeoma
SOLISTA: Muni muni
CORO: Bakeoma
SOLISTA: Ala tosha
CORO: Bakeoma
* * *

SOLISTA: Laye laba
Laye laba lafisi
Laye laba laye
Yeye
Laye laba lafisi
CORO: Igual
* * *

SOLISTA: Iyami ku yeo
Babami ku yeo
Ala baro dolaye
CORO: Igual
SOLISTA: Ala baro dolaye
CORO: Igual
SOLISTA: Mofoyuborere
CORO: Igual
SOLISTA: MoFoyuborereo
Ala baro dolaye
CORO: Igual
SOLISTA; Ala baro dolaye
CORO: Igual
* * *

SOLISTA: Eweo maboni sokun
Maboni sokun
Maboni oyare

CORO: Eweo maboni sokun
SOLISTA: Maboni sokun
Maboni oyare
CORO: Eweo maboni sokun
* * *

SOLISTA: Mariwo ye ye ye
CORO: Akaye o iye
SOLISTA: Mariwo ya mabona
CORO: Odola mabona
SOLISTA: Komola yoko faremi
CORO: komola
* * *

SOLISTA: Aye aye lerí leyo
Omoloyere omoloya
Lerí leyo omoloyere
Akara irawo leri leyo
Omoloyere layeo
CORO: Igual
* * *
SOLISTA: Eshukuele melodiya
Eshukuele melodiya
Te mina ikule miya
Baba eshukuele miya
Abure ikule miya
Te mina ikule miya
CORO: Igual
* * *

SOLISTA: Emi soku e a
Emi soku e a
Emi soku
Araorun emi sokuo
CORO: Emi soku e a
Emi soku
Emi soku
SOLISTA: Fulalo de Tal(nombre de iniciación)
Emi soku
CORO: Emi soku e a
Emi soku
Emi soku
* * *

SOLISTA: Araorun Inle soku
CORO: Aribo ese
Ese aribo

SOLISTA: Ile soku
CORO: Aribo ese
Ese aribo
SOLISTA : Shekete
Motin motin shawo
Shekete
Araorun motin shawo
CORO: Shekete
Motin motin shawo
Shekete
* * *

SOLISTA: Ekela ewe
Ekela ewe o
Iku olorun make
Ekela ewe o
Kodideo
CORO: Igual
* * *

SOLISTA: Alawifoma
Alawifoma
Ona oroyina
CORO: Igual

* * *
SOLISTA Ikin balelemio
Ikin balele
Ikin balelemio
Ikin Ikin balele
Olomode bio sambale
Ikin balele mio
CORO: Igual
* * *

SOLISTA: Bamboniboshe
Bamboniboshe
Bioshe bioshenireo
CORO: Bamboniboshe
SOLISTA: Araorun bioshenireo
CORO: Bambonishe
* * *

SOLISTA: Ashukua ile okere
Irawo ile okere
CORO: Igual

SOLISTA: Bosi Olodurre
Akunfo akunfo

Bosi Olodumare
Akunfo
CORO: Igual

* * *

SOLISTA: Eye ku ye iku ye
Iku loyare
CORO: Eye ku iku ye
SOLISTA: Araorun loyare
CORO: Eye ku ye iku ye

* * *

SOLISTA: E iku oni Oba
E iku oni Oba
Omo lekete motiwo
E iku oni Oba
Omo lekete motiwo
CORO: Igual

* * *

SOLISTA: Ile Oba la iro
Ile Oba la iro
Ile Oba la iro
Ile Oba la iro
Awa Ota omo loya
Ile Oba la iro
CORO: Igual

* * *

SOLISTA: O oiro
O oiro
Oiro oyokoro
Bioro
CORO: Igual

* * *

SOLISTA: Inakoro farawo
Inakoro farawo lode
CORO: Igual

* * *

SOLISTA: Awalona la iku oslo awalona
Awalona la iku osio awalona
Oke onao la iku osio
Awalona la iku
CORO: Igual

* * *

SOLISTA: Awapetekun iku
Olorun kobeweo
Olorun kobeweo Araorun
Olorun kobeweo
CORO: Awapetekun iku
Olorun kobeweo
SOLISTA: Olorun kobeweo
Olorun kobeweo
CORO: Awapetekun iku
Olorun kobeweo
* * *

SOLISTA: Odele oyoko
Okile oyona
Odele oyoko
Okile oyona
Ye okile oyona oyoko
Okokowaye wale
Ye okile
CORO: Okokowaye wale
* * *

SOLISTA: Iku manya awe
CORO: Yawiri yawiri
SOLISTA: Egun manya awe
CORO: Yawiri yawiri
* * *

SOLISTA: Sokuo
CORO: Iyakambele
SOLISTA: Sokuo
CORO: Iyakambele
SOLISTA: Ile ile ikuere o
Iku okodide
CORO: Igual
* * *

SOLISTA: Lagba lagba lamishe
Lagba lagba lamishe
Araorun la mishe
Lagba lagba la mishe
CORO: Igual
SOLISTA: Lagba lagba la mishe
Fulano de tal a la mishe
CORO: Lagba lagba la mishe
* * *

SOLISTA: Iku nyanya delo
Iku nyanya delo
CORO: Eaae
Iku nyanya delo
* * *
SOLISTA: Ileloya farana
Ileloya laosi
CORO: Igual
* * *

SOLISTA: Omoshebi aro
CORO: Ta aro
* * *

SOLISTA: Awa kunle ki Olofin
Awa kunle ki Olofin
Olofin lo yiki
Olofin lo yare
Awa kunle ki Olofin
Olofin lo yiki
Olofin lo yare
CORO: Awa kunle ki Olofin

Para echar los nueve platos al hoyo

SOLISTA: Omalawo yare fiedenu
Akunfao akunfao
Omalawo
Akunfao akunfao
CORO: Igual

* * *

Para echar la cascarilla

SOLISTA: Ayelodo iyefun
Irelodo iyefun
CORO: Iyefun moile
Ayelodo iyefun
Para echar la tierra al hoyo

SOLISTA: Obakuleye Obakuleye
CORO: Eye Obakuleye

Para hacer el paraldo

SOLISTA: Onire onire

Paraldo alado
Eshuburuku lode
Paraldo siomo
CORO: Igual

Para encender las nueve velas

SOLISTA: E iku lao
Itana lau lau

Para lavarse con el Omiero de Aberikunlo

SOLISTA: Aberikunlo
Foshe wao
Aberikunlo
Foshe wao
CORO: Aberikunlo
Foshe wao
Aberikunlo
SOLISTA: Foshe wao
CORO: Aberikunlo
Foshe wao
Aberikunlo

Para llevar el mantel a la tumba

SOLISTA: Baka Baka
CORO: Emi omo bale

Para entrar con el tambor a la casa

SOLISTA Shon sho

n shon kwami
Komolo meta mi
shobode
CORO Igual

El que es cantado antes del IYEFUN (echar la cascarilla)

SOLISTA: Bobowanishe bobowanishe
Arao Olodwmate*
Bobowanishe
CORO: Igual

*En este monento se mencionará el nombre de todo lo que se le ha dado al difunto, desde los animales hasta el vaso de café. La respuesta del coro siempre será la misma.

Organização de Texto:
Luiz L. Marins
Grupo Orixás
http://grupoorixas.wordpres.com

Àwọn Ìtàn Deodé

(As histórias de Deodé)

Resumo

Este texto tem a intenção de registrar as deliciosas histórias contadas pelo Babalorixá João Carlos de Odé, popularmente conhecido como "Deodé", sacerdote do Batuque, rito religioso afro gaúcho, nação Ijexa, filho de santo de Mãe Miguela do Bara e neto de Mãe Jovita de Xangô.

O trabalho traz as seguintes histórias de Deodé: As Travessuras do Bará Lode de Mãe Toninha; O Negro Danilo de Ogun; O Pássaro da Liberdade; O grito do Silêncio; O Manto Sagrado; Negro Jayro de Iemanjá Bocy; Muito Além da Lenda; Iemanjá quer falar contigo; O Cajado Sagrado de Oxala Bocum; O Motorneiro.[37]

Luiz L. Marins (Org.)
Novembro 2011



[37]www.deode.com.br e www.orkut.com. As notas de rodapé serão sempre do organizador do texto.

INTRODUÇÃO

As maravilhosas histórias do Deodé já são conhecidas, sabemos. Entretanto, o formato do layout apresentado na web não facilita a leitura, nem na tela do computador, nem impresso. Isto, em nosso entender, dificulta a divulgação e o interesse dos mais jovens por este que foi um líder.

Para que não caia no esquecimento, resolvemos colher as histórias disponíveis (talvez hajam mais) e transcrevê-las em novo layout que possa ter agradável leitura em qualquer circunstância.

Assim, destacamos e italizamos as falas de seus personagens, paragrafando o texto na intenção de melhorar o fluxo da leitura

Esperamos com isso, que as encantadoras histórias de Deodé deliciem os olhos de novos leitores, deste que será, sem dúvida, uma pessoa inesquecível da religião dos Orixás no Rio Grande do Sul.

DEODÉ

Deodé dispensa apresentações, ou melhor, na Internet ele mesmo se apresenta, como podemos ver em seu perfil do Orkut:

orkut BETA início perfil scraps comunidades aplicativos usar esse tema

João C. Deodé de ode adicionar como amigo ignorar | denunciar

local: Porto Alegre, Brasil

ver perfil inteiro

Sobre João C. Deodé

teimoso, obstinado, perseverante, inquieto, líder, autêntico e acima de tudo amigo, sou aquariano
meu link :http://www.youtube.com/watch?v=j8OZPHeIERo

orkut

Babalorixá João Carlos de Odé
(144 membros)

participar

fórum
eventos

Babalorixá João Carlos de Odé

Início > Comunidades > Religiões e Crenças > Babalorixá João Carlos de Odé

descrição:	Essa comunidade foi criada para quem admira esse "SER" abençoado pelos Deuses. Para quem curte as obras dele. E para quem quer discutir, aprender e ensinar alguma coisa.
idioma:	**Português (Brasil)**
categoria:	Religiões e Crenças
dono:	Rê ...
moderadores:	João C. Deodé
tipo:	moderada
privacidade do conteúdo:	aberta para não-membros
local:	Caxias do Sul, RS, Brasil
criado em:	10 de setembro de 2006
membros:	144

João C. Deodé de ode

adicionar como amigo | ignorar | denunciar

local: Porto Alegre, Brasil

Social

filhos: sim – moram comigo

religião: outra

humor: extrovertido/extravagante

fumo: regularmente

animais de estimação: gosto de animais de estimação

esportes: futebol

música: MPB

cinema: A filha de Ryan e Lendas da paixão

etnia: afro-brasileiro (negro)

visão política: esquerda-liberal

estilo: alternativo, contemporâneo

bebo: não

moro: com companheiro(a), com filhos

paixões: escrever sobre minha religião(Batuque)

livros: "Yemanjá Quer Falar Contigo". "O Malandro e o Gaudério" E toda a coleção do Hermam Hesse.

programas de tv: de debates e filmes

cozinhas: Campeira

Profissional

escolaridade: Superior Incompleto

Pessoal

cor dos olhos: preto

tipo físico: atlético(a)

do que mais gosto em mim: pernas

cor do cabelo: preto

aparência: médio

o que me atrai: inteligência

Como colunista do Jornal Bom Axé,[38] publicou algumas de suas maravilhosas histórias, Deodé registrou esta simpática mensagem:

Oi leitores do Bom Axé
Sou João Carlos de Odé ou o Deodé.
Sou o contador de Histórias do Batuque.
Leiam minha coluna :"*Histórias do cotidiano*."
È um prazer estar aqui e poder contribuir.
Abraços do amigo Deodé.
Email: alaketu.ode@ig.com.br

[38] http://www.bomaxe.com.br/portal/index.php

Às vezes fazia algumas observações mais contundentes, como esta sobre os estudiosos acadêmicos, que fez na comunidade Orkut BatuqueRS [39], no Orkut, ao melhor estilo Pierre Verger:

João C. Deodé 16/09/09

Parabéns Rogério.

Grande Rogério.

Como eu gostaria de ter escrito este texto.
Porque há anos eu falo de dentro do Batuque, na condição de Babalorixá, ai vem um antropólogo e escreve sobre a visão externa e o povo bobalhão tem orgasmo pelo texto escrito de fora para dentro.
Faço sacrificios, oferendas e canto, e danço, e jogo búzios há 40 anos, mas não tenho palavras bonitas para definir o que executo ai não serve. Não posso traduzir em palavras minha fé, pois, Ela é de fórum intimo singular e intransferivel. Só posso vive-la não traduzi-la.
Pensei que ia morrer sem ler um texto assim.

Parabéns Rogério.

Abraço do amigo Deodé.

[39] O Batuque é uma religião afro-brasileira, mas especificamente afro gaucha, que possui ritos próprios e diferenciados do todo o universo religioso afro-brasileiro, tendo por semelhança apenas o culto de alguns Orixás mais populares. Para saber mais sobre o Batuque, visite: http://www.xangosol.com/ e http://www.oxum.com.br

Muito eloquente, Deodé gostava de explicar a forma como escrevia. No texto a seguir, explica o que sentia e pensava, quando vinha a inspiração. Meditemos em suas palavras iniciais e em seguida, vamos nos deliciar com suas histórias, que jamais esqueceremos.
Assim explica Deodé:

"Quando começo a escrever uma história penso sempre na relação de troca que ela vai ter com quem vai ler. Para isso, meu processo de criação passa por uma série de etapas a serem cumpridas.

Primeiro relato de supetão tudo que me vem à mente. Numa ânsia louca e desenfreada a história vai saindo pela mente, pelas mãos e pela boca, numa velocidade descontrolada, num frenesi, expelindo de minha alma toda a trama.

A inspiração e a vontade de escrever parece-me como uma dor, só cessará no momento que estiver no papel. Inicio com o que pretendo dizer, de como tudo se passou, da realidade dos fatos ali narrados, para, no passo seguinte, repassar a história, o que significa "tirar todos os cacos e palavras que considere desnecessárias".

Isso eu chamo de limpar o texto, desta forma preservo a autenticidade do relato e me esforço o máximo para trazer o texto para a linguagem batuqueira. Está pronta a primeira parte.
No passo seguinte tem um método que considero infalível: Objetivando ser persuasivo e convincente, passo a ler em voz alta por diversas vezes a mesma história, até encontrar o equilíbrio que eu considere adequado ao sentido que quero dar aos fatos.

Ouvindo o som de minha voz posso encontrar a sonância da linguagem do meio da comunidade batuqueira, assim sei que ela será fidedigna ao meio onde tudo se passou. Outro valor do qual me mantenho irredutível é objetivar que ela seja uma mensagem para reflexão de quem a lê.

Penso no meu leitor, não como um telespectador que vai a um cinema e ouvindo os sons e vendo as imagens não precisa elaborar, pois ali, ele não precisa de nada, está tudo pronto perante seus olhos. Ao contrário do que escrevo, para ele se deliciar terá que reconstruir meus personagens e se identificar com suas ações e reações de acordo com a relação que ele, meu leitor, tem com a sua realidade e conhecimento do Batuque.

Tenho a pretensa intenção de forçar meu leitor a refletir e questionar, o melhor seria debater e confrontar o que escrevo com sua realidade, não quero que ele receba o que escrevo como prato feito, pronto para digerir. Preciso saber que ele pode interagir no que escrevo e, desta forma, contribuir para melhorar sua vida.

O mundo é feito de sons e imagens, mas na leitura cada um de nós pode criar o rosto de cada personagem a seu belo prazer. Quero dar ênfase ao universo do batuque dentro do enredo da história, mas não quero fugir da realidade do mundo em que vivemos, isso faz com que ele lendo minhas histórias, faça alguma coisa para melhorar a relação com sua religiosidade.

Minha pretensão é de dar a pauta do questionamento de sua vida dentro da comunidade batuqueira, de sua participação e do que ele pode fazer para melhorá-la. Por mais simples que seja o que escrevo, em cada história busco exemplificar os verdadeiros fundamentos do

Batuque e o seu real significado. Quero o questionamento, o debate, a réplica, o confronto no sentido de mudanças e evolução nas relações com sua crença e fé nos Orixás. O mito, o herói de minhas histórias é o meu leitor.

Nos livros, nos filmes e nas peças de teatro, o herói é geralmente branco, boa pinta, abastado, bem informado e vitorioso, este é o estereótipo de tudo que a sociedade de consumo pretende impor ao mundo, ou seja, sejam brancos, tenham dinheiro e sejam felizes para sempre.

Balela, bobagem, me poupem. A realidade não é assim e todos nós sabemos que a maioria do povo brasileiro é negra, pobre, desdentada e analfabeta, e, o pior de tudo, desinformada. É para estes que escrevo, estes são meus personagens, meus heróis, minhas heroínas, aqueles que na mais miserável das vilas encontra forças para lutar pela dignidade de sua vida, de sua crença e de sua fé.

Uma Casa de Batuque é antes de tudo o último reduto de resistência da raça negra, um fórum de pequenas causas onde, aquele que nada tem, não tendo mais a quem recorrer, busca na justiça dos Orixás as respostas para suas dores, seus anseios e suas amarguras.

Este é o real sentido que sempre procurei dar as minhas histórias, o significado e a função de um Babalorixá da religião Africana, o Batuque. De resto me conformo com a critica daqueles que nunca fizeram nada para melhorar suas vidas, quiçá a vida dos outros.

E morrerei com uma certeza: minhas histórias ficarão, ou como diria o meu poeta maior, Mario Quintana: "eles passarão, eu passarinho".

João Carlos de Odé

AS HISTÓRIAS

As Travessuras do Bará Lodê de Mãe Toninha

Naquele verão ensolarado de 1962, as coisas que já não andavam bem na vila São José, pioraram com a notícia do falecimento de Mãe Antoninha de Yemanjá.[40] O batuque que já vinha carente, sentiu a dor da perda de mais um de seus líderes.

Mãe Toninha de Yemanjá era tudo que restava dos mais antigos. Sua perda foi irreparável e aquela data marcaria uma nova era dentro do batuque. Como herança, Mãe Toninha deixou um Bará Lodê[41] assentado que deveria ser cuidado por um dos seus filhos de santo. Aquele Bará Lodê era o guardião do templo, fruto da herança de seu bisavô, um legado hereditário de sua bacia. Ninguém tinha a mínima idéia sobre quem o havia assentado, mas sabíamos que aquele Bará Lodê tinha pra lá de cem anos de feitura.

Na manhã seguinte ao Arissum, os filhos mais antigos reuniram-se em torno da mesa de búzios, em frente ao quarto de santo. Coube, por hierarquia, ao filho mais antigo, José de Yemanjá, jogar os búzios para saber quem o Bará Lodê escolheria como seu novo guardião.

[40]Deusa iorubá do rio Ogun, sendo no Brasil também orixá do mar, devido a perca do culto a Olokun.
[41]Exu "do lado de fora", Exu da rua, ou Exu do portão. Popularmente chamado no Batuque, de Bará.

No silêncio daquele enorme salão o único som que se ouvia era o dos búzios sendo jogados sobre a mesa, todos ansiosos pelo veredicto final.

Foi quando o negro Ademar de Xangô saltou da cadeira aos brados:

- *Comigo é que este homem não vai ficar! Mas não vai mesmo!*

A negra Paula de Oxum, esposa do negrão, agarrou o marido pelo braço e ponderou:

- *Tenha paciência, Ademar, o José ainda não disse o nome do escolhido.*

O negro José de Yemanjá, com calma e perícia, examinando os búzios na mesa, voltou-se para os irmãos e revelou a decisão do Bará. O temor do negro Ademar foi confirmado. Sim, ele fora o escolhido.

- *Eu não disse que isto ainda ia estourar nas minhas mãos? A Mãe já tinha me avisado, agora, o que eu vou fazer com dois Barás?*

Bem, agora era pegar ou largar, e neste caso pegar, já que o largar significava bronca e das grossas com o homem. Dentro dos fundamentos da nação Ijexá, há um que reza que o Bará Lodê não pertence ao Orumalé,[42] ou seja, ele não é despachado no caso de morte do dono do

[42]Nome popular dado ao panteão afro-batuqueiro.

templo. Seu assentamento é feito para proteger na rua os filhos daquela casa. É ele quem decide com qual dos filhos da casa vai ficar para dar continuidade a sua permanência na terra.

Esse era o temor do negro Ademar, ter que sustentar o Bará pelo resto de sua vida. Quem decide é o homem, e decidiu, tá resolvido, não há lugar para explicações ou negativas, tem que assumir. E foi assim que terminou aquela reunião. O negro Ademar não voltou mais aquela casa, ou como ele mesmo dizia:

- *Não perdi nada lá para fazer visitas.*

Os irmãos mais velhos saíram revoltados com o despautério do negrão. Dona Beti de Ossanhã,[43] uma das filhas mais velhas, buscava uma solução mais plausível:

- *Olha, gente, a Mãe não sentou Lodê pra mim, bem que eu poderia ser a escolhida e ficaria tudo de bom tamanho.*

Mas ela não fora a escolhida e qualquer decisão entre os humanos seria contrária a do Orixás. Bem, o que fora dito estava escrito, e o juramentado teria que ser respeitado sob pena de ter a revolta do Bará. E quem se atreveria a desobedecer ao homem? Quem? Eu? Eu fora! Já tô tirando o meu da reta.

[43] Corruptela de *Ọ̀sanyìn*, orixá iorubá da fitoterapia por conhecer o segredo das folhas.

O negro Ademar fincou pé, foi irredutível, não levaria o Bará para casa de jeito nenhum. Que bom se fosse assim! Para quem pensa que no batuque se governa está muito enganado, aqui quem manda são os Orixás, aos humanos cabe obedecer, e quem pensa ao contrário terá que arcar com suas responsabilidades. É botar para ver. E o negrão botara! Agora era esperar pelo resultado.

Os dias se passaram e eu até pensei que o Bará havia partido com sua dona já que tudo continuava na maior calmaria no Partenon, centro nervoso do batuque, lugar onde as fofocas são as desgraças que envolvem os batuqueiros. Tudo continuava na mais santa paz, dava até para desconfiar. Ou será que este Bará está satisfeito? Bem, tem quem pense assim, infeliz deste.

Um dia o negro Zé do Agelú [44] passou em frente ao meu portão e perguntou:

- *E aí, Deodé, como é que ficou o caso do homem?*

- *E eu sei lá de assunto de homem*. Respondi.

- *O Bará da Mãe Toninha ainda não viajou?*

Agora me liguei no que ele queria saber, era se o negro Ademar de Xangô havia levado o Bará para casa.

[44] Qualidade do Exu de "dentro de casa". Assentado numa casinhola que fica dentro do quarto de santo.

- *Pois agora, Zé! Tu sabes que eu não sei?*

Claro que eu sabia, o que eu não queria era ver meu nome envolto naquela baita fofoca. O negrão não levara e, para completar, promovia o maior festere para o aniversário de seu Orixá Xangô Aganjú, coisa de derrubar mais de trinta e dois quatro pés.[45] O que poucos sabiam é que mais alguém aniversariava naquela data, o tal de Bará Lodê de Mãe Toninha.

Pra quê!

A matança seria na sexta-feira e a festa, como é de praxe, no sábado, com grandes comensais e rufar dos tambores, festa para mil convidados. Mas, na quinta feira à noite, o negrão recebeu a visita inesperada do Bará Lodê.

Já que ele estava de aniversário, resolveu dar uma passadinha na casa do negro Ademar e, aproveitando a visita, comeu trinta e dois quatro pés, setenta galos, cinquenta galinhas e todos os pombos que tinha no pombal e, de lambuja, levou seu compadre Ogum Avagã,[46] que comeu toda a cachorrada e os animais domésticos do terreiro, coisa de pouca monta, nada mais que o básico.

Na manhã seguinte o que se ouviu foi a gritaria do negrão:

---

[45] Expressão popular para referir-se ao sacrifício de quadrúpedes.

[46] Ogun muito perigoso, que é assentado junto com Bará Lode. Seu assentamento geralmente é um prato najé com o simbolo de uma cobra enrolada forjado em ferro, pronta para o bote.

- Lodê, tu não tem respeito com um filho de religião? Aonde se viu tal afronta?

O Lodê, com a barriga farta, cochilava, fazendo ouvidos de mercador para o chorumela do negro Ademar, que teve que abrir um enorme buraco e enterrar toda a bicharada. O negrão não se deu por vencido:

- Amanhã ele me paga, vou despachá-lo e quem tentar me impedir, eu mato.

Bem, isso é quizila grande e todos que ficaram sabendo se afastaram do caso, uns por medo, outros desejando o acontecido só para ver a rasteira que o negrão Ademar de Xangô levaria do Lodê.

O carro do negrão era uma Sinca três andorinhas, coisa linda de se ver, flamante, comprado com parte do dinheiro ganho de uma herança. Embarcou nele e foi com tudo na direção da casa de Mãe Toninha, decidido a despachar o Lodê.

A estrada que liga Viamão e Porto Alegre era sem asfalto, terra solta e curvas perigosas. Estava um dia chuvoso e como ele tinha pressa, imprimiu velocidade. Encontrou uma curva de areão solto... E foi aquilo tudo de se perder, encontrar uma árvore, destruir o carro e ter a cara desfigurada pela trombada.

Fui visitá-lo na Santa Casa de Misericórdia onde o encontrei em estado lastimável, todo quebrado, enfaixado, cheio de curativos, gemendo pela dor, mas irredutível:

- *Ele me paga, assim que eu sair daqui vai ter pro lombo dele.*

- *Ele quem?* Pergunto, mesmo sabendo a resposta.

- *Aquele Lodê, foi ele quem me atingiu naquela curva. Antes de capotar eu ainda ouvi a risada daquele infeliz.*

Bem, há quem tem cabeça pra estas quizilas, eu que não tenho... Debandei.

Recuperado, lá vai o negrão Ademar de Xangô cumprir o prometido: despachar o Lodê. Para não perder tempo, já que tinha pressa, avançou, meteu o pé na porta da casa do homem e foi com tudo pra cima. Sacou de dentro da casa o alguidar com o assentamento do homem e enfiou tudo dentro de um saco que botou sobre o ombro e saiu. Seu destino: o cemitério local onde fora sepultada Mãe Toninha de Yemanjá.

Lá chegando, entrou como quem chega na casa da sogra. Foi quando ouviu alguém lhe chamando, voltou-se para ver quem era e levou um tabefe na cara que o jogou para trás. Era Mãe Toninha, sua Mãe de Santo, que aproveitando, enfiou-lhe mais dois ou três catiripapos e, para não perder a conta e aprumar o negrão, sapecou de pronto:

- *Onde tua vais com este Bará Lodê, negro infeliz?*

O negrão Ademar, no maior medo, tentando se desculpar, soltou o choro e aos gritos clamou:

- Não me bate, Mãezinha, não me bate. Me perdoa, eu prometo, não faço mais.

- Então, infeliz, eu te deixo um Orixá pra cuidar da tua família religiosa e tu me afrontas querendo despachá-lo? Onde eu estou que não te levo junto?

O negrão deu de mão no Bará e retornou por onde veio, só que desta vez correndo. Passou na frente da casa de sua Mãe e foi depositar o Lodê junto com o seu.

- Agora tu tens um companheiro pra prosear.

Os Orixás nos dão lições valiosas, se fôssemos inteligentes, até aprenderíamos. Mas, todos sabiam que aquele negro era tinhoso e que não desistiria tão fácil. Com a nova morada, o Bará Lodê se aquietou e tudo voltou a calmaria, afinal, as coisas estavam como ele ordenara, tudo dentro dos conformes. Nas festas dos batuques o povo do Santo, só para embaraçar o negrão, perguntava aos risos.
- E aí, negrão, como vai o compadre?

Povo sem respeito, desaforados. E lá vinha a sua resposta:

-Vai bem, obrigado, só que se depender de mim, na maior seca.

Isso significava sem achôro,[47] sem ecó,[48] sem frente,[49] sem o trato que requer um Orixá. Ele pensava que na penúria iria dobrar a força do homem: *"Sem forças ele não pode me atingir, afinal, eu já tenho Bará assentado, pra que vou tratar dois quando preciso apenas de um?"*. Assim ele achava, mas o homem pensava diferente. Os Filhos de Santo daquela casa foram debandando, os clientes desapareceram da porta do negrão e a miséria chegou para ficar. E o negrão nada de mudar. Quando o café da manhã passou a ser jacuba, a coisa encrespou, desta vez foi a mulher que entrou na parada:

- *Tchê, negrão... Agora com tuas loucuras tu botou pra toda a nossa família, mas nós não estamos juntos nesta jogada, amanhã mesmo eu me mudo com as crianças para a casa da minha mãe.*

Com isso, tudo mudou de figura e o negro Ademar se sentiu mais apertado que rato em guampa. Naquela noite, o negrão se postou na frente da casa do Bará Lodê a dizer desaforos:

- *Onde se viu um Orixá que está morando de favor em minha casa se postar diante do portão a correr meus clientes, Filhos de Santo e amigos? Mas é muito despautério deste homem.*
Irritado com tantas dificuldades e desiludido com os ditames dos Orixás, largou o serviço e passou a beber toda a cachaça do mundo. Mas, o que mais o deixava louco de raiva era ver de madrugada os dois Barás e o Ogum Avagã chegarem em casa as gargalhadas, no maior porre.

---

[47] Expressão utilizada na diáspora afro gaucha para o sangue vertido nos sacrifícios.
[48] Oferenda semanal composta de água, farinha e dendê.
[49] Oferenda semanal de comida seca, geralmente composta de milho torrado, batatinha inglesa assada e pipoca.

- *Mas estes exus querem me deixar louco. Eu na maior penúria e eles fazendo farra. Deixa estar, amanhã acabo com esta brincadeira.*

Na noite seguinte deu de mão num litro de gasolina, derramou sobre a casa do Bará e tocou fogo, saiu dali rindo, feliz com a vingança. Para comemorar tal façanha, tomou um porre e foi dormir.

De repente, viu três negrões entrarem em sua casa e se acomodarem como se donos fossem. No começo ele custou em aceitar aquilo, mas, estando morando sozinho naquele casebre, topou a parceria.

Agora ele não sofria de solidão, tinha amigos com quem partilhar sua miséria e dificuldades. Foram noites de farras e risadas, conversas e mais conversas que varavam a madrugada, confidências que só os amigos dividem, cumplicidade e respeito pela vida um do outro, afinal, amigo é pra essas coisas. Pela manhã ele saía em busca de mais trago e a noite o povo assistia atônito aquelas algazarras, churrascada e cachaçadas das boas.

Alguns pensaram até em chamar a polícia tal a perturbação do sossego da vila. Uma noite, enquanto os outros companheiros dormiam, o Bará Lodê se pegou a conversar com o negro Ademar de Xangô. Falou sobre sua passagem na terra, seu tempo de vida e revelou o porquê de ter escolhido o negro Ademar para protegê-lo. O negrão, na maior atenção, ficou por longo tempo ouvindo. Dentre as revelações, uma ele nunca esqueceria:

- Tchê, negrão, tu sabes por que te escolhi? Foi por tu ser obstinado. É virtude obedecer alguém ou alguma coisa, mas o mais belo é a tenacidade, porque ela revela que neste momento o homem não está mais só e a voz a que ele obedece é a do coração, a que está vindo do seu Orixá. É isso o que te diferencia dos demais homens. Tu és um homem honesto e puro de coração, vencerás por teu esforço e trabalho e eu estarei aqui para te ajudar a criar teus filhos e protegê-los na rua.

Então era isso. Na sua teimosia demonstrara a força de seu caráter. Ele só não entendia como o Bará destacava como virtude aquilo que para ele era um grande defeito. Agora ele entendia...
O que todos consideravam defeito, sua obstinação, fora determinante para que o Bará Lodê o escolhesse como herdeiro e zelador. Na manhã seguinte saiu determinado a cumprir uma grande tarefa. Já que ele era considerado excelente mestre de obra, pretendia construir uma enorme casa para seus compadres.

Comprou duzentos tijolos, uma bolsa de cimento e areia barrenta. Obra acabada, ficou linda de ver, digna de elogios. Buscou sete galos vermelhos, três cabritos e os sacrificou como agrado aos homens.

Chamou o tamboreiro [50] Valter Calixto, o Borel, e mandou tocar por uma hora as rezas para que seus compadres não comessem em silêncio. Na semana seguinte conheceu o poder da magia do Bará Lodê.

---

[50] O tocador do tambor.

Os Filhos de Santos, os amigos e clientes se multiplicaram. A mulher e as crianças corriam pela casa, felizes com o novo homem no qual que ele se tornara. À tardinha, quando a gente passava pela frente daquela casa, podia se ver o negro Ademar de Xangô sentado em um banquinho, em frente à casa do Lodê, com a porta aberta, tomando mate e proseando como se os parceiros estivessem ali.

Quer parecer que a frente e oferendas dos Orixás, além do churrasco[51] do Ogum, foi acrescida de erva mate e chimarrão.
Mas bah, tchê! Tri legal.

O Negro Danilo de Ogum

O negro Danilo era respeitado no meio da Batuqueirada do Partenon. Acreditem, todos que conheciam sua história e feitura e os longos anos de dedicação e aprendizado dentro do batuque sabia, ele era um dos mais importantes filhos de santo de mãe Chininha de Yansã.

Dentro da lista dos nomes mais fundamentados da nação Oió, ele era considerado um dos herdeiros dos fundamentos.

[51] Oferenda de Ogun, no Batuque.

Mas, o que o tornara famoso no meio da batuqueirada não fora seu Orixá, Ogum Onira, mas a fama de ser espiritado. Aqui para quem não é do batuque uma pequena explicação: espiritado é a pessoa que vive enxergando coisa dos espíritos. Coisa que convenhamos o povo do batuque dispara léguas de campo, temendo este tipo de maluco e suas elucubrações.

Mas, dizer o quê! Falar o quê? Quando o negro Danilo de Ogum era considerado um ícone da cultura e religião africana! Resta-nos ter que aguentar calado, ou como diria meu irmão Roberto de Ossanhã:

-Aguenta! Aguenta firme, Deodé, um dia ele cansa.

E todos nós esperávamos que um dia ele parasse com aquelas adivinhações e percepções doentias, somadas às mensagens ocultas e subliminares. Até sua mãe de santo segurava no osso do peito, as enxergações e visões do mundo dos Orixás explanadas pelo negro Danilo de Ogum.

Antecipo que somente ele detinha este poder mágico entre seus irmãos de santo. Mesmo que todas estas histórias fossem de doer na alma dos viventes.

Na época, o negro Danilo trabalhava na C.R.T (Companhia Riograndense de Telecomunicação), recebia um bom ordenado, e vivia com uma certa abundância em sua qualidade de vida. Independente disso, sua companheira trabalhava no INPS, no cargo de secretária. Somado, os dois salários dava para criar e educar as duas crianças e viver

abastado. Boa casa, bom trabalho, e uma fusca na garagem a lhe outorgar o título de burguês da vila.

As tardes de sábado com o tempo livre, eu e meus irmãos de santo íamos visitá-lo, mas era só passar o portão para ser recebido com a derradeira frase, capaz de derrubar elefante: *"Bem que o teu pai Odé me avisou: meu filho virá ter contigo hoje à tarde"*.

Aquilo me punha louco de raiva, mas fazer o quê! Quando o negrão era só amor e gentileza, somada a isso, sua recepção aos irmãos do batuque era qualquer coisa de dar inveja. Deslumbrantes comensais, muita caipirinha, carne assada, maionese, tudo regado à cerveja gelada. Declinamos de corrigi-lo ou contrariá-lo e passávamos à cozinha para nos fartar e dar o devido desconto às visões quixotescas do negrão Danilo.

Ao som do pagode, aguardamos que fossem servidos as sobremesas, sagu com creme branco. Coisa de louco, tchê. O resto, bem, é o resto, deixa pra lá as percepções do negro Danilo de Ogum.

Às vezes a boca pequena e cochichos ao pé da orelha ele não perdia a oportunidade de confirmar algumas de suas previsões:

-Eu não te disse Deodé, que a negra Isaura de Oxum ia se amancebar com o negro Armando de Xangô.

Eu cá com meus botões pensava: *"Sei lá quem é essa tal de negra Isaura de Oxum e o tal de negro Armando de Xangô"*.

Mesmo assim confirmava, balançando a cabeça, embora desconhecendo seu vaticínio anterior. Não podia me dar ao luxo de perder aquela boquinha. E tome-lhe cerveja gelada, a rega-bofe.

Nas noites de serões e obrigações tínhamos que ter muita paciência com aquela mala sem alça e suas frases despudoradas, soltas em hora imprópria:

-Olha Deodé, aquele galo vermelho (já apontando para o pobre bichinho), *o Bará Ajelú não vai aceitar, o filho dele deu de má vontade.*

Ou outra mais atrevida: *"Aquela negra deu ares de conhecimento dos fundamentos dentro do quarto de santo, por isso a Oxum não vai chegar ... o Zé não vai aparecer, tá em dívida com seu Orixá"*.

E por aí se seguiam suas previsões e adivinhações. Mas o pior é que tudo que aquela boca maldita vaticinava acabava por acontecer. O galo na hora do corte saltou pela janela e se foi a rua e, para completar na reza da Oxum o tamboreiro se rasgou de cantar e nada da Oxum aparecer, quer mais? E pelo Zé estamos até hoje esperando.

Alguns irmãos de santo até disparavam do negrão, tinham medo de suas visões e previsões, outros até caçoavam de seus "contatos imediatos de primeiro grau" com o mundo dos Orixás.

Independente disso tinha dias que ele abria a bateria de sinais, avisos e advertência e matraqueava mundo afora o poder de destruir ou enaltecer alguns fatos, ou alguma personalidade de destaque nacional do meio religioso, bem como político ou empresarial, artístico e futebolístico.

E tome-lhe aviso e mais aviso, parecia uma metralhadora disparando para todos os lados, do tipo:

"O jogador tal não vai ser convocado para a seleção brasileira de futebol."

"O ator tal vai ser dispensado da novela da Rede Globo." "

"O Silvio Santos vai errar no qual é a música."

E por aí se seguia a grande viagem de disparates e chistes das percepções dos Orixás, aquela língua de trapo passava a tarde de domingo em frente da televisão a detonar os célebres e nobres da mídia eletrônica televisiva.

Teve uma vez que ele insistiu tanto em uma previsão macabra que ela aconteceu da noite para o dia. Um famoso jogador de futebol se apegou de doença desconhecida. Agora vem a parte principal, pois com os axés do negro Danilo o rapaz obteve a cura e voltou a correr pelos gramados do país.

Numa outra oportunidade em um batuque no Morro da Cruz logo após a balança ele me chama para a rua e solicitou-me:

- *Deodé, volta lá no salão e observa o Ogum do compadre Zeca.*

Fui e depois de longo período observando a dança do Orixá do compadre Zeca. Voltei e relatei que nada vi de interessante ou anormal que merecesse destaque, seja ele positivo ou negativo.
-*Mas como, Deodé! Tu não viste que o Ogum está triste?*

-*Não, não vi isso que tu estás afirmando.* Foi quando ele vaticinou:

-*O compadre Zeca tem pouco tempo de vida, com aquela dança, o Ogum já está se despedindo.*

"Meu Deus! Este negro enlouqueceu?" Pensei. Aquilo me irritou, "este infeliz já foi longe demais, deu para enxergar coisas até na cabeça dos Orixás."

Tempo depois a notícia explode na vila: O compadre Zeca de Ogum cufou. Não dei o braço a torcer, pensei: isso é mera coincidência.

Mas sabia que não era, ele acertara na mosca. Como? ... Sei lá! Mas, que aquele exu preto tinha realmente o poder e a magia de falar com os Orixás e decodificar suas percepções, isso

ele tinha. Benza a Deus! Mas, o povo maldoso caçoava do falastrão chamando-o de espiritado, visionário, enfim maluco de cara limpa.

Em outra ocasião, em outro Batuque no Morro da Cruz, na casa de pai Adão do Bará Ajelú, festa rolando, beleza pura. Eu solto das patas dançava mais faceiro que burro no azevém. Não é que o negrão teve o despautério de me sacar da roda, me pegar pela mão e com um grito de comando dizer:

- *Vamos, Deodé que a merda vai pegar no tamanco.*

Fui furioso, onde já se viu sair de uma festa sem se despedir! E fomos pelos becos e vielas, em correria desenfreada morro abaixo, parecia que fugíamos da policia. Cansado de tanta pressa sem saber o motivo estanquei de vez e exigi uma explicação:

- *Tche negrão, o que é que te deu desta vez? O que é que tu viste para sairmos feitos loucos do Batuque do negro Adão do Bará Ajelú?*

-Deodé aquilo vai terminar a bala, os desafetos do negrão chamaram a polícia.

-Mas como tu sabes disso?

-O teu pai Odé que me avisou e pediu para eu te tirar de lá, pois tu és metido a besta e ias apanhar também.

-Agora chega, negro desgraçado. Deu pra ti, tu não respeita nem o meu Orixá.

E completei:

-Vai a merda negro filho da puta, me respeita.

E saí fora e deixei o negrão conversando sozinho, era um basta:
-Tô cheio destas baboseiras, chega, deu pra ti.

Me mandei.

No outro dia à tardinha eu soube que a merda tinha pegado no tamanco, o Batuque havia terminado a tiros, afora os feridos, a polícia fechou o morro. Que baita demanda, coisa forte, quizila das boas, feitiçaria da grossa, macumbaria tremenda.

E agora José, dizer o quê! Fazer o quê? À noite, baixei a crista, pus a cola no meio das pernas e fui pedir desculpas ao negro Danilo, total ele tinha me tirado de uma enrascada.

O pior era ter que aguentar a gabolice do negrão. Recebeu-me com ares de pouco caso e ainda por cima com jactância e orgulho ele me passou uma reprimenda.

- Tu tens que ouvir mais o teu orixá e obedecer, coisa que tu burro e teimoso não faz.
Agora eu me pergunto: pode, ter que aguentar estas gabolices? Tem quem não acredite. Azar. Daquela data em diante passei a acreditar.

O negrão deu uma melhorada de vida e mudou-se da vila de mala e cuia, foi morar em um apartamento na avenida Bento Gonçalves e perdi o contato.

Passados alguns anos fui a um batuque em Viamão e veja com quem eu dou de cara: ele, o negrão Danilo de Ogum. Continuava o mesmo, não mudara em nada, o mesmo visionário, o mesmo espiritado, sempre com seus prenúncios, avisos e advertências. Não me importei, gostava dele e nada me faria mudar de sentimentos, gente boa, a mais fina flor de amizade sincera.

Na volta percorremos junto o caminho de mais de 10 quilômetros entre a vila Santa Isabel em Viamão e a vila São José em Porto Alegre. Pelo caminho ele passou a me relatar o horror que sua vida se tornara. Havia sido abandonado pela mulher e o pior para ele, um machista de carteirinha, levar um par de chifres era o fim da picada. Abandonado pela mulher e os filhos, dera para beber, com isso perdera o emprego. Para viver, trabalhava de changueiro no porto à beira do cais descarregando navios de farelo e adubo. Meu Deus! Que horror se tornara à vida daquele vivente.

Naquela noite eu ouvi pela primeira a vez à frase que explodiu em minha mente:

-Sabe Deodé eu estou comendo o meu prato de merda sozinho, não chamei ninguém para dividir comigo, mas sei que tudo isso tem seus dias contados para terminar, pois meu pai Ogum nunca me abandonou, ontem mesmo ele me apareceu e disse: "Quando tu não aguentares mais teu sofrimento, me chama eu virei te buscar".

O que me surpreendeu foi que mesmo naquela miséria havia dignidade e respeito a seu Orixá, Ogum Onira, o amor e a cumplicidade e o companheirismo era a marca que os unia, ele não estava só, tinha seu orixá para lhe aconselhar. E quem era eu, um fedelho, um guri do Batuque, para orientar tão ilustre mestre no relacionamento com seu Orixá. Calei-me, mas no fundo de meu coração pedi pela misericórdia daquele Orixá: "não demore, meu pai Ogum, não demore, não deixa teu filho sofrer tanto assim".

Os amigos mais chegados o viram remexendo latas de lixo em busca de comida, e ainda comentavam de suas bebedeiras nos bares da volta do Mercado Público, quando aos gritos enfrentava os soldados da P.M:

-Me respeitem seus filhos da puta, eu sou filho do comandante, do chefe supremo da cavalaria, o guerreiro, o protetor da Brigada Militar.

Desafiando os soldados a o enfrentarem. Brigava e levava surras de borrachas até ficar caído no chão. Ao saber destes atos de covardia, me punha louco de raiva, ainda mais me sentindo sem condições de poder fazer alguma coisa por ele.

Mas, em minha mente eu pensava: "o que uma mulher pode fazer na vida de um homem? Assim como pode construí-lo, pode destruí-lo".

Uma noite de chuva fria, de inverno rigoroso quando o vento Minuano sopra na beira do rio Guaíba, eu corria para pegar o ônibus, no que fui impedido por um bêbado que me agarrou

por trás, me virei e dei de cara com ele. Estava imundo e maltrapilho, bêbado de não poder se manter de pé estava mais para um pudim de cachaça. Ao me reconhecer se pegou aos gritos a todo os pulmões:

-Eis aqui meu irmãozinho Deodé, o filho do rei de Ketu, o filho do caçador, o menino do bodoque, o pai da fartura. Deodé, tu não vais deixar teu irmão com fome? Vai?

Que baita cagaço ele me deu.

Abraçado ao pinguço entrei no primeiro boteco que encontrei na volta do mercado. Procurei uma cadeira e sentei o cristão e perguntei o que ele queria comer e beber.

-Olha Deodé, quero comer um churrasco e uma cerveja em homenagem ao meu pai Ogum para comemorarmos nosso reencontro e o dia de hoje.

E foi o que fizemos, mesmo que o português dono da bodega se negasse a fazer a tal carne assada, mas vendo o dinheiro, mais que depressa providenciou o pedido.

E ficamos a prosear por longas horas esquecidos que a noite chegara para ficar, tinha que voltar para casa e resolvi me despedir, foi quando ele disse:

-Deodé, me leva no Campo da Tuca.

-Não tem problema eu te deixo lá.

Dizendo isso passei meus braços em volta de sua cintura e comecei a caminhar em direção da parada do ônibus. Foi só acomodá-lo e ele se pegou em um sono profundo, assim eu pude fazer uma melhor avaliação do homem que ele fora e do farrapo que agora eu carregava.

Pelo peso ele estava com menos de cinquenta quilos, sujo, embarrado, sem banho, fedendo a mijo e cachaça, ali estava um trapo onde antes existia um homem nobre, fino e respeitoso. A dor que sentia naquela hora foi de raiva e ódio pelo destino desgraçado que o escolhera para aquele fim.

Olhando pela janela do ônibus misturei minhas lágrimas com as gotas de chuva. Foi quando senti junto ao meu rosto seus dedos encardidos e fedidos, buscando puxar meu rosto junto ao seu. Voltei-me, e ele colou sua boca junto ao meu ouvido como se quisesse me contar algum segredo.

-Deodé, eu já te contei que meu pai virá me buscar?

-Sim eu sei.

Falei aquilo da boca pra fora, para não contrariar. Ele concluiu:

-Pois bem Deodé: é hoje.

Dito isso voltou a dormir.

Voltei meus pensamentos ao passado lembrando-me do tempo que ele era considerado um mestre da Cultura e Religião Africana, sim, ele fora um exemplo de dedicação, amor e carinho pelos Orixás.

Mas, eu me perguntava a toda hora o que dera errado para tudo aquilo acontecer? Perguntas sem respostas que nem o tempo conseguiu me responder.

Chegamos perto do fim da linha, despertei-o para que pudéssemos descer do ônibus, nossa parada estava próxima. Ele naquela calma me diz:

-Deodé, tu me leva até o Campo da Tuca.

Aceitei e desci e caminhamos um bom bocado. Quando chegamos perguntei onde era sua casa.

-Eu não tenho casa, Deodé, eu moro no mundo.
"Meu Deus!" Pensei. "Mais está!"

-Deodé, tu me leva para a beira do mato, perto do campinho e me deixe ali, pois hoje tenho um encontro com meu pai Ogum, hoje ele vem me buscar.

Pensei: "desta vez ele endoidou".

Caminhamos mais alguns metros, ele empacou.

-É aqui. Podes ir embora.

-Como posso ir embora Danilo e te deixar assim? Quero ficar contigo, não posso ir.

No meio daquele temporal terrível ele se pegou a conversar com as matas, com o vento, com a chuva, com os raios, e tome-lhe conversas misturadas com gargalhadas. No meio da chuva, naquele lodaçal ele dançava e cantava o canto de seu Orixá.

"Onira epêê Onira epê Ogum Anirê
Onira epêê Onira epê Ogum Anirê
Ogum Onira euatauá Ogum Anirê"

Olhando o relógio e vendo o adiantado da hora, eu me perguntava: será que isso tem hora para terminar? Foi quando ele apontou para a estradinha e dizendo:

-Veja, Deodé, lá vem meu pai Ogum em seu cavalo branco com sua espada na mão, ele vem me buscar. Olhe, Deodé, veja Deodé, veja Deodé, é ele meu pai Ogum.

Por mais que eu me dispusesse e por mais boa vontade que eu tivesse, a única coisa que eu via era o cavalo, e a carroça do negro Dão que voltava da Ceasa abarrotado de frutas, dirigia-se para dentro da vila. Era isso que eu via, mas ele o espiritado e visionário via seu pai Ogum que vinha lhe buscar. Pobre louco, eu ainda pensei: "pelo menos é um louco feliz".

E o cavalo e a carroça foram se aproximando e quando estava bem próximo, ele saiu em louca disparada de braços abertos de encontro ao cavalo, aos gritos:

-Obrigado, meu pai Ogum, obrigado.

Tive que segurá-lo para que o cavalo não passasse por cima do infeliz. Foi quando um raio espocou sobre nossas cabeças e o cavalo empinou e com as patas apontadas para o céu relinchou.

Aquilo me causou o maior susto que caí sentado de bunda no meio do barral. Os raios pipocaram no meio do temporal, eu sentado no meio do barro voltei meus olhos para o alto e então eu pude ver o grande cavaleiro, o guerreiro, aquele que nunca perdeu batalha, o detentor da obé, o senhor da guerra. Sim, ele prometera e viera cumprir sua palavra: "Quando tu não puderes mais carregar tua cruz me chama, e eu virei te buscar".

Ali estava ele, Orixá Ogum Onira, o guerreiro, senhor da guerra viera buscar seu filho e acabar com aquele sofrimento. E foi o Ogum se abaixar e estender a mão e ter entre as mãos à do seu filho, negro Danilo de Ogum, firme e confiante. Foi um puxar e o trazer para a garupa do cavalo. A seguir um tropel se misturou com os raios e trovões, e o vento frio do Minuano que soprava, a névoa os envolveu dentro do breu da noite. Era capa do Orixá Ogum a cobrir aqueles dois. E assim desapareceram. Ainda hoje as pessoas céticas me perguntam se eu vi isso tudo acontecer, no que eu respondo:

-Isso é lenda gente, bobagem, coisa de gente espiritada, me poupem.

Mas sei que existem uns poucos abnegados que acreditam, estes são os puros de coração, os que têm crença, fé, amor e devoção nos Orixás. Quanto a mim, tenho dito e quem souber que conte outra.

O Pássaro da Liberdade

Sete e meia da manhã, fim da festa do Batuque. Todos sonolentos esperam receber seu pedaço de bolo e seu copo de atam[52].

De repente, um beija-flor irrompe no meio do salão, feito um convidado inesperado. Voa de um lado para o outro, se acerca de algumas pessoas que temerosas de machucá-lo procuram mostrar-lhe a saída, no exato momento em que o ultimo Orixá se despacha cantando suas rezas de despedida entregando a festa.

Odé sumalaia sesçumalê Odé sumalaia sesçumalê
Orô, orô cundê Odé sumalaia seçumalê male.

Todos voltam os olhos para o Orixá aguardando sua atitude. Ele calmamente volta-se e manda parar os tambores e levantando o braço oferece à mão para que o pássaro venha

[52]Bebida composta por frutas picadas, groselha e água.

descansar. O povo cala e pelo silêncio que se fez pode-se ouvir o bater das asas do passarinho.

Todos ficam boquiabertos, pois ele aceita e vem pousar na mão amiga do Orixá, que lhe é ofertada. O pequeno pássaro bebe do suor que escorre no rosto do Orixá, parece matar sua sede.

Como se houvesse um colóquio entre ambos, o sorriso estampa na boca do Orixá ora ofertada ao pássaro como um cálice de mel onde ele sorve a doçura e meiguice de Odé o deus da caça e do alimento.

A seguir ele parece despedir-se do Orixá, e dando novos vôos pelo salão, repentinamente encontra a janela, desaparecendo tão rapidamente quanto chegara.

Será isso a liberdade? Um pássaro frágil e bonito que roça com suas asas as nossas vidas e some deixando em nós um gostinho de quero mais.

Será a liberdade um minúsculo pássaro que mãos torpes e cruéis podem esmagar a qualquer momento?

Para um ex-preso político como eu, a liberdade é tão indispensável quanto o ar. E embora invisível como ele, posso senti-la preenchendo meu coração e me fazendo sonhar, assim como o ar estufa meus pulmões e faz continuar a viver.

Mas a sinto mais fortemente quando a querem roubar de mim, como alguém a quem repentinamente é subtraído o ar. Sufoco, sinto-me morrer. Anseio por ela que é minha musa inspiradora.

Sinto-a nas madrugadas, onde o silêncio é mais silêncio e diz muito mais ao meu coração, enchendo-me de poemas e solidão.

Sinto-a na chuva que cai indistintamente sobre o rico e o pobre, sobre o bandido e o honesto, sobre o crente e o ateu.

Sinto-a no mar, no imenso mar de Yemanjá, nas suas águas que ninguém exceto ela e Oxalá podem dominar.

Sinto-a em muitas ocasiões, mas também sinto a sua ausência em tantos outros momentos.
Tenho medo que alguém a roube de mim para sempre. Por isso me fecho, me escondo atrás de ironias, deboches, insultos. Escondo a minha dor e a minha solidão no fundo de mim, desconfio dos outros e os policio a todo instante para surpreendê-los antes que me surpreendam.

Neste momento amargo que estou vivendo, como o meu prato de merda sozinho, protegendo-o como um cão feroz, simplesmente para que não me tirem também o direito de sofrer em liberdade, já que não me permitem ser feliz.

Ou será que sou eu mesmo que me imponho às barras que forma a minha prisão?

Será que alguém é realmente livre?

Afinal estamos sempre presos a alguma coisa ou a alguém: família, casamento, trabalho, religião, clube de futebol, etc. Isso nos dá alegrias... E preocupações que acabam cerceando nossa liberdade.

Mas será que realmente essas coisas podem nos prender?

Pode-se, certamente, prender o corpo como fazem com os prisioneiros políticos, mas e a alma?

Torturam, invalidam, quebram a vontade e o controle que um preso considerado subversivo tem sobre si mesmo, porém quando chega à madrugada, escrevo poemas com um pequeno prego na parede de minha cela.

Estou doente.

Dos olhos, da boca, da mente até.

Dos olhos que viram mulheres perfeitas.

Da boca que disse poemas em brasa.

Da mente manchada de fumo e café.

Sinto morrer.

Mas saiba que antes de morrer, eu quero um punhado de estrelas maduras.

E a doçura do verbo viver.

Mas viver eternamente em busca do pássaro da liberdade de ser.

Mas, o que eu gostaria imensamente de saber: é quem é mais livre?

Se for aquele que torturou fanatizado por ideias e ideais, ou se é aquele que transcendeu a dor e encontrou alívio dentro de si mesmo?

Se a tortura física ou psicológica é muito forte o prisioneiro acaba fugindo, seja pela fuga real, seja pela alienação ou pelo sonho, ou pelas recordações de momentos mais felizes, ou, ainda, pela morte. E se ele foge quem se sente torturado pelos ressentimentos é o próprio torturador.

E o mesmo acontece em outras situações da vida, como num casamento, por exemplo. Muitos casais ou um de seus membros usam o status social, os filhos ou a situação financeira

para manterem-se atrelado um ao outro. Conservam tudo isso e ganham o corpo, embora este possa também se envolver com outros corpos, mas perdem a alma.

Então, não há prisão de verdade. Não afirmaria isso tão rapidamente.

Há prisão maior que a dor de um pai que vê seu filho chorar de fome? E o que dizer daqueles que vivem suas vidas presos a corpos deformados? Ou daqueles que estão encarcerados em suas próprias camas por serem doentes? E daqueles que morrem sem ter vivido? Que liberdade eles tiveram para escolher seus corpos, suas vidas?

Há alguém livre de verdade? Ou livre da verdade?

Não, não há! Todos somos prisioneiros de alguém ou de alguma coisa: da família, da moral, da sociedade com suas hipocrisias, do estado, das leis, ou de alguma religião.

De repente, escuto risadas e vejo o filho que há pouco chorava e seu pai, brincando com bolinhas de sabão, esquecidos da fome... Não estão eles neste momento livres como passarinhos?

E mais adiante percebo que o aleijado supera seus limites físicos e avança pela vida com mais dignidade do que muitos ditos normais. Não será ele mais livre do que muitos destes?

É, creio que a liberdade seja realmente um frágil, belo e minúsculo pássaro que esvoaça sobre nossas cabeças: uns pensam que para conservá-lo a seu lado devem armar arapucas e trancafiá-lo numa gaiola, alegando muitas vezes que o estão protegendo.

É, a liberdade é muito estranha!
Há outros pensam que nada precisam fazer para conquistá-la, são os comodistas que preferem ficar sentados esperando a vida passar a lutar por aquilo que acreditam.

Há os pessimistas que pensam que nunca vão encontrá-la e os artistas que quando não a vêem de verdade, criam-na com sua imaginação. E há aqueles que simplesmente são humanos, que oscilam em sua confiança, que temem perdê-la e se alegram ao reencontrá-la.

Felizes os convidados para a ceia da vida. Felizes aqueles que têm a hombridade e a confiança de dividir seu prato, ainda que seja de merda, com quem o ama, pois estes encontrarão a solidariedade, a admiração e o respeito por serem autênticos e passíveis de erros como todo os humanos são.

Felizes aqueles que encontram o pássaro da liberdade e o dividem com outras pessoas porque estes herdarão, senão o Reino dos Céus, pelo menos, o amor incondicional daqueles com quem repartiram esta dádiva.

Felizes são os que acreditam ou pelo menos sonham com a liberdade cujo codinome é Beija-flor, o pássaro da liberdade.

O grito do silêncio

Este texto é a estória do meu amigo negro Ginot, a alimentação dos anos sessenta, e sua cultura. Naquela época, as mães procuravam os consultórios médicos quando seus filhos não queriam comer por falta de apetite. Os médicos sacavam de um receituário e prescreviam remédios para despertar o apetite: Biotônico Fontoura, Emulsão de Scoot, estimulantes, fortificantes a base de cálcio e, o pior de todos, os esteróides anabolizantes.

Além destas práticas médicas, haviam também as propagandas enganosas e mentirosas de produtos alimentares, produzidos, em sua maioria, por multinacionais, e que eram veiculadas nas rádios, canais de televisão e jornais.

Nunca esqueci o slogan de um iogurte fabricado por uma empresa estatal chamada Danone: "Um Danoninho vale por um bifinho". Aquela empresa era um grande cabide de emprego. Hoje se sabe que tudo isso é balela, pois saúde requer uma alimentação saudável, rica em proteínas e o mais natural possível.

O Brasil é um país de clima tropical onde existem milhares de variedades de frutas, mas, mesmo assim, é campeão de vendas de sucos artificiais, depositando nos rins das crianças o pó de seus adoçantes. Mas o que eu quero contar é outra história.

Conheci uma destas mães que tinha um bebê com meses de idade. Como ele era muito magrinho, procurou o médico e recebeu a receita de um estimulante de apetite a base de hormônios e uma caixa de comprimidos de anabolizantes. Feliz, foi para casa e a criança

tomou aquele maldito medicamento que terminou por afetar sua tiróide e todo o metabolismo. Resultado: gerou distúrbios e confusão mental.

A pobre mãe, inocente e ingênua, ajudou a criar os problemas que afetaram seu bebê por toda a vida. Ela queria apenas que seu menino fosse saudável, e agora, com a ação daqueles medicamentos, tinha ela um filhinho gordo e fofo para mostrar para as amigas, mas com sequelas e confusões mentais irreparáveis.

Com sete anos de idade ele ainda não falava e apresentava dificuldades para andar tal a sua gordura. Aos oito anos entrou no primário, repetindo a primeira série por mais de três anos. Afora as dificuldades de aprendizado, haviam as de comunicação e relacionamentos com outras crianças de sua idade. Era rejeitado pelos colegas do colégio por seu jeito molengão, desajeitado e dificuldades de raciocínio.

Como consequência disso, a mãe foi aconselhada pelas professoras a tirá-lo da escola. Sua vida então girou em torno de sua casa e dos parentes que, por sua vez, também o rejeitaram.

Quando o conheci, tinha ele treze anos, mas sua idade mental não passava de sete. Ginot, este era seu nome. Ou será que era Jinot? Ou será que era Gino, ou diminutivo de algum outro nome?Não sei ao certo, mas era um nome estranho. Acho que era francês.

Pretendo contar a história do negro Ginot, mas antes quero destacar um fato que sempre me impressionou dentro das religiões de matriz africana e, especialmente, no Batuque, algo que

foi comprovado após anos de estudos e observações: nosso Batuque tem predileção especial pelas crianças. Basta observar que nele os achêros são Orixás em estado infantil.

No Candomblé diz-se que o Erê, uma segunda personagem, é o intermediário entre o Orixá e os humanos. Na Umbanda existe o culto a Cosme e Damião. Existem até os que afirmam que os Orixás são crianças. Há uma infinidade de colocações sobre este tema, mas nenhuma dá o devido valor e a real importância das crianças para todas as religiões. Para complementar, nada melhor que a citação de uma passagem Bíblica onde Cristo afirma que o reino de Deus é das crianças: "Vinde a mim as criancinhas, pois é delas o reino dos céus". Por aí se vê que a coisa é bem mais ampla.

Isso não quer dizer que nós, os adultos, nos tornemos imbecis para ganharmos o reino do céu, mas é verdadeiro afirmar que somente aqueles puros de coração serão agraciados com tal prêmio.

Agora eu me pergunto: pode haver algo mais puro que as crianças? Não, não pode. Aqui afirmo eu.
Voltemos ao negro Ginot, ou seria Jinot? Neste momento estamos com o negro Ginot as portas de uma casa de Batuque e tendo para recepcioná-lo e fazer as honras da casa eu, João Carlos de Odé.

Nossos primeiros diálogos, se é que eu posso chamá-los assim, já que enquanto eu falava ele somente escutava, normalmente era por sinais. Com o tempo ele aprendeu a falar a minha linguagem e a compreender minha filosofia preferida, ou seja: "Dentro de uma casa de

Batuque se entra mudo e se sai calado, deve-se falar unicamente com os olhos[22]. Pronto, fomos feitos um para o outro.

O negro Ginot não falava e quando tentava, emitia um som animalesco, selvagem, um arranhado gutural horrível que me irritava e dificultava ainda mais sua compreensão. Quando ele estava nervoso, coisa que invariavelmente acontecia, complicava. Era um horror. Para entender o que ele queria, tínhamos de abraçá-lo e, segurando seu rosto entre as mãos, gritar para fazê-lo se acalmar. Isso significava gritar diversas vezes: - Te acalma, te acalma, te acalma. Isso não durava mais de dez minutos. Com o tempo eu aprendi a me comunicar com ele, ou melhor, poderia dizer que ele aprendeu a me entender, e finalmente chegamos a um bom termo.

Negro Ginot amava o Batuque. Fez dele sua vida, ou o melhor seria dizer que o Batuque fez a vida dele? Ele apareceu lá pela curiosidade que todas as crianças têm, chamado que foi pelos sons dos tambores - hoje podemos dizer pelos Orixás. Foi se achegando como quem não quer nada e ficou. No começo as pessoas não lhe deram importância, o tratavam como um debiloide. Sem notarem sua presença, o deixavam sentado em um pequeno banquinho por horas a fio.

Suas primeiras reações dentro do Batuque foram estranhas e cômicas. Numa noite de serão, ele se levantou de onde estava, pegou um galo e o levou até a porta do Quarto de Santo, segurando-o firme para que executassem o corte. Todos se olharam para ver quem teria coragem de tirar o galo de suas mãos, mas foi só escutarem a reza que o tamboreiro cantava para recuarem um passo atrás.

- *E nagorô naguia chaorô, nagô eieio, nagorô naguia chaorô, nagô eieio.*

A negrada se arrepiou, fez vistas grossas e deu passagem para o negro Ginot seguir em frente. Feliz e sorrindo muito, passou batido com o galo a tiracolo. Eu, considerado seu responsável e anjo da guarda, poderia ter intercedido por ele, mas cai na risada, era engraçado ver aquele menino desengonçado com aquele enorme galo embaixo do braço.

Chegando a porta do Quarto de Santo ele se ajoelhou e, segurando corretamente a ave, ainda se deu o luxo de cantar para Xangô Aganjú. Claro que com aquela voz de taquara rachada.

Bem, ai foi a vez da Vó Jovita cair na risada, e olhando para o negro Ginot, disse:

- *Finalmente teu Orixá de cabeça, Xangô Aganjú, encontrou a porta de minha casa.*

Daquele dia em diante o negro Ginot passou a ser considerado na casa, a fazer parte da família e participar de tudo que acontecia ali. E mais que rapidamente aprendeu a rotina, os horários, as obrigações e deveres de um bom Filho de Santo.

Com o tempo descobri o que ele mais gostava: quando na casa tinha alguém de obrigação, isso era razão para ele ficar lá e não sair enquanto não fossem levantadas todas as obrigações. Ajudava a servir os que estavam de chão, carregava os pratos de comida, acendia os cigarros (já que quem está de obrigação não pode chegar perto do fogo), arrumava os cafés, lanches e limpava o salão.

Dormia ao lado dos presos (quem estava no chão)[53], mesmo que tivesse poucas cobertas para se cobrir durante o inverno rigoroso. Sem dizer uma única palavra, participava de tudo e sabia o que se passava em seu redor.

As pessoas, agradecidas por seu carinho e zelo, sempre o presenteavam com roupas ou com chocolate, o que ele mais gostava. Com o tempo ficou estabelecido que naquela casa obrigação que não tivesse a participação do negro Ginot, não era uma boa obrigação, ou, na pior das hipóteses, não seria bem aceita pelos Orixás.

Nas festas dançava para Orixás de uma forma desengonçada, tomava axé com todos, mas não escondia sua predileção pelas rezas e axés de Xangô Aganjú. A vó Jovita nunca se interessou em jogar os búzios para confirmar se ele era realmente filho deste Orixá, mas também não precisou.

Num belo dia, quando a vó estava tocando uma mesa de Ibeiji oferecida por uma mãe em agradecimento pela graça alcançada na cura de sua filha de alguns meses de vida, foi quando tudo aconteceu.

O negro Ginot, que adorava crianças, estava com a menina no colo em frente ao Quarto de Santo, sorrindo diante da fartura dos doces (ele adorava quindim), quando o tamboreiro virou a reza de Oxum para Xangô para encerrar a mesa, e repicou um alujá[54] para Xangô Aganjú.

---

[53]As pessoas que estão de obrigação.
[54]Ritmo rápido do tambor.

Bem, foi o que bastou. O que se ouviu foi um grito que veio do fundo das entranhas daquele menino, dilacerando a garganta do Ginot como uma explosão dentro do salão. Aquele grito rompeu com raiva o silêncio de toda uma vida, com uma energia louca e desenfreada, desafogando o coração daquela criança que até então era muda. Ali estava quem poderia falar no lugar onde tudo fora o silêncio. Saltando por cima da mesa de Ibeiji e tendo a criança ainda no colo, foi para frente do tambor e dançou o alujá.

Por meu Pai Odé! Aquilo foi de arrepiar os cabelos da nuca. O povo, em polvorosa, enlouquecidos com tamanha força e desenvoltura, estáticos e boquiabertos, assistiam pasmos aquela apresentação. Para completar tamanho espetáculo, o Xangô da Vó Jovita despencou do galho[55], e com ele vieram as Oxuns, Ossanhã, Xapanã, Odé, Yemanjá...

E começou o festival de danças e mais danças. Uma loucura só. Por meu Pai Odé! Por meu Pai Xangô! E eu que pensava já ter visto tudo neste mundo do Batuque.

Feita a chegada do Xangô do Ginot, este levou a criança até os braços da mãe que, ajoelhada, segurou a filha e agradeceu sua presença e a graça alcançada. Entre as lágrimas da mãe e a de todos que participaram daquele ato de fé, amor e devoção aos Orixás, ficou a certeza de que mais uma graça havia sido alcançada.

---

[55]Que dizer: "o Orixá manifestou-se".

Todos ficaram felizes, especialmente por tudo acontecer durante a mesa de Ibeiji que é feita em homenagem aos Orixás Xangô Aganjú de Ibeiji e Oxum Epandá de Ibeiji.

Ficou em meu coração uma certeza: "Não a de que os Orixás são crianças, mas que as crianças são dos Orixás".

Tomei o meu axé com o Xangô do negro Ginot e agradeci aquele Orixá por sua presença, certo de que daquele dia em diante o Ginot nunca mais estaria sozinho. Não precisaria mais do padrinho João Carlos de Odé.

Meses depois o Ginot partiu, deixando um rastro de bondade, amor e devoção. Negro Ginot de Xangô Aganjú, o meu menino, o preferido dos Orixás fora mandado buscar por Oxalá, por certo para ajudar em alguma tarefa mais importante. Deixou entre nós a saudade e a lembrança do menino mais puro que pisou num salão de Batuque e a magia dos que aprenderam a amar nele o grito do silêncio.

O manto sagrado

Confiava por demais naqueles Orixás. Nunca lhe faltou trabalho para pôr o pão na mesa e terminar de criar seus barrigudinhos. Aquele ano foi de muita dificuldades, mas, olhando em volta, no meio daquele povão onde reinava a miséria absoluta, só tinha motivos para agradecer aos Orixás a benevolência da proteção de sua família.

O corpo de delicada compleição física, cansado pela idade, já não tinha forças necessárias para o trabalho braçal de descarregar navios no porto. Os anos de luta e sacrifício começavam a pesar sobre seus ombros. O Pai de Santo sempre teve para com ele e sua família uma dedicação especial. Vendo sua luta, nunca cobrou sua participação; naquela casa era considerado.

Agora ele estava ali para pedir auxílio. A doença chegou em seu lar e não havia jeito de sair. Seu filho menor não sarava, e não havia remédio ou médico que o curasse. Chegou cedo à casa do Pai de Santo que precisava muito de sua ajuda. Naquele sábado se realizaria a festa de aniversário de Pai Xangô, Orixá dono da casa. Festa grande e com muitos convidados para servir, procurou esquecer seus problemas e meter a mão no trabalho, tinha que preparar o amalá, o sarrabulho, o atam... A canja colocara cedo no fogo. Coordenou o tempero das carnes para o assador. Ali reinava a fartura.

- *Bem, está tudo conforme o Pai pediu, agora vou dar uma chegadinha até o barraco e ver como a negra está se virando com febre do neném.*

Pediu licença e saiu correndo. Chegando na vila, viu de longe a aglomeração dos vizinhos na porta do barraco. Tomou um susto e apressou o passo, antevendo o pior: *"Meu Deus! O que será que houve?"*

Conseguiu entrar e viu a companheira abraçada no pequenino corpo enrolado em um cobertor, aos prantos e clamando:

- *Eu quero meu filho de volta, eu quero meu filhinho com vida e saúde. Meu Deus! Tudo menos isso. Meu Pai Ogum, o que será de nós agora?*

Ali todos choravam, mulheres e crianças foram tomadas de um choro convulsivo, de desespero. Tomou em seus braços o corpinho franzino do bebê e viu que o rostinho de traços delicados ainda mantinham a chupeta entre os lábios, parecendo um anjinho.

- *Tenho que voltar lá no pai e avisá-lo. A esta hora deve estar preocupado comigo.*

Chegou. O batuque seguia para seu final. Entrou calmamente, não sabia como dar a notícia.

Viu que o Xangô de seu Pai estava no mundo. Caminhou em sua direção, bateu cabeça e abraçou-o com dor e desespero. Ali sentiu-se seguro, naqueles braços foi tomado de um pranto lastimoso. Foi quando Pai Xangô lhe perguntou:

- *Por que choras, meu filho?*

As palavras não saíam de sua boca, não conseguia formular um pensamento. Pai Xangô lhe falou:

- *Tome meu manto, volta para tua casa, envolva teu filho nele e o traga até aqui.*

Agarrou o mantinho encharcado de suor - dava para torcer de tanta umidade. Lembrou que sua mulher sempre lavava-os com carinho e respeito, pois eles eram sagrados, serviam

unicamente para secar os Orixás. Mantos sagrados tinham o suor e a umidade dos Orixás, que só os usavam quando vinham ao mundo. Muitos humanos já haviam sido curados com o suor deles.

Ele pensou: "Mas de que adianta se ele já está se despedindo do mundo? O próprio médico o desenganou, e no próximo ataque epiléptico a doença o levaria".

Mas quem era ele, um mortal comum, para duvidar de um Orixá? Não teimaria nunca, cabia unicamente obedecer ao seu Pai Xangô. Voltou e encontrou seu menino ainda naquele estado de catalepsia, com a respiração fraca. Tentou ouvir as batidas do coraçãozinho, o menino estava dentro de um ataque cataléptico. Chegou a pensar: "Agora não tem mais volta".Abraçou o menino, despiu-o e o envolveu no manto encharcado do suor de Pai Xangô. A seguir, enrolou-o em um pequeno cobertor e saiu pela porta do barraco.

Chegando lá, entrou no meio do salão com seu menino nos braços e o entregou ao Pai Xangô, dizendo:

- *Tome, eu choro porque meu filho está morrendo.*

Pai Xangô não quis pegar o menino e falou:

- *Deixe ele aí no meio do salão, pois se ele quiser pegar os doces que eu trouxe para ele, terá que se levantar.*

Dito isso, entoou seu canto:

- *Nagorô naguiachaorô, agô iê iê, omodibau, lai lai...*

O povo, boquiaberto, dividido entre o desespero e as lágrimas, respondeu aquela que era a reza de misericórdia de Pai Xangô:
- *Lai lai modibau aiê omodibau, lai lai modibau aiê.*

Ele, de joelhos, viu quando o seu menino começou a engatinhar na direção do quarto de santo.

No inicio lentamente... Devagarinho foi se chegando, primeiro com dificuldade, e depois afoitamente abraçou-se ao bolo de aniversário de Pai Xangô. Ali se lambuzou de glacê, era como se estivesse entrando em um conto de fadas e encontrasse uma festa só para ele. Foi devorando as cocadas de Mãe Iemanjá, o doce de abóbora de Iansã, e a maria-mole de Oxalá, fazendo a maior festa, com a cumplicidade de Pai Xangô, que a esta altura fazia vistas grossas àquele banquete do moleque.

O povo se prostou de joelhos diante da misericórdia daquele Orixá. Para nós que o conhecíamos, éramos apenas testemunhas de mais uma de suas façanhas corriqueiras e comuns. O menino voltou para a vida, desta vez sem o famoso Gardenal, remédio que nunca mais entrou naquele barraco.

Mas, antes de partir, Pai Xangô repetiu aquela célebre frase que há dois mil anos um outro moço já dissera, e que nós, pobres ignorantes, ainda não conseguimos aprender:

- *Oh, homens de pouca fé.*

Negro Jairo de Yemanjá Bocy

O negro Jairo era feio, Meu Deus como era feio aquele vivente. Deus devia estar de porre quando criou aquela criatura.

Imaginem dois metros e dez de altura, por 1.20 de largura, mais parecendo um guarda roupa de casal com as quatro portas abertas, tendo as outras partes do corpo mal distribuídas se é que se pode dizer distribuídas quando, mais pareciam emendadas ou colados naquele corpo. Sobre os ombros largos, aquela enorme cabeça, que mais parecia uma melancia.De braços desconjuntados carregando enormes mãos como se fossem duas raquetes de tênis, somadas as pernas tortas, tipo as do Mané Garrincha. Ali onde supostamente teria que ter uma barriga, encontramos uma trouxa de roupas sujas de imenso volume, já que metade da cueca dançava por fora das calças. A base para dar estabilidade e segurar aquela imensa obra eram dois pés do tamanho de duas pranchas de surfe.

Aquilo que se pensava gente circulava no meio batuqueiro como se fosse a bela adormecida, desperta que fora de seu sono angelical, por um beijo de algum príncipe encantado. Delicado

e cerimonioso, obsequiado e gentil com todos que o cortejavam dentro do universo do Batuque. Quem o conhecia fazia questão de desconhecer. Nos salões de festa de Batuque o povo desviava de conversações e cumprimentos ritualísticos: "sai pra lá urubu de mau agouro".

Mas ele não estava nem ai para cara amarrada ou desdouro, seguia em frente como se nada o dispusesse ao contrário, feliz e radiante dançando e cantando as rezas dos Orixás.

Convite para participar de Batuque nunca chegou a sua porta, ninguém era louco de querer aquilo em suas festas, mas ele não queria nem saber, tinha festa e lá estava ele de plantão sendo sempre o primeiro a chegar e o último a sair.

Bobagens me poupem... Festa de Batuque é como missa em igreja de vila, a porta aberta é convite irrecusável a participar. Avante estamos dentro. Mas uma coisa a destacar: era a conduta irretocável digna do povo do santo.

A Mãe de Santo Dona Chininha de Yansãn quando jogou os búzios para saber que Orixá governava aquela cabeça quase teve um derrame quando na queda dos Búzios, entre os oitos jogados o ultimo saltou por sobre a guia imperial [56] de mesa e foi se alojar entre o Bará Ajelú e Yemanjá Bocy.

[56] Colar divinatório, que é a base do oráculo, possuindo em suas contas as cores de todos os Orixás, geralmente seguindo a sequencia do fundamento da casa e nação.

Ela apanhou rapidamente os búzios tentando esconder o que eles revelavam, quando ela própria não queria acreditar. Não! Aquilo não podia ser verdade. Ela Mãe caridosa, com paciência relutou em aceitar tal afirmativa e voltou a apanhar os búzios e jogar novamente, buscava uma afirmativa na decodificação da queda dos búzios, total aquela configuração era um descalabro, Mãe Yemanjá Bocy só podia estar brincando. Mas não era.

O infeliz quer queiram, quer não queiram, era filho de Yemanjá Bocy. Sim da coquete dos Orixás, a princesinha das águas salgadas a mais doces da Yabás nossa Mãe Yemanjá.

O negro atrevido recebeu a sentença derradeira com indiferente e soberba e aproveitando a ocasião afirmou em alto e bom tom:

- *Eu sempre soube que Mãe Yemanjá Bocy era meu Orixá de cabeça.*

Mas que audácia daquele Exu, como se cada um pudesse escolher seu Orixá de cabeça a porta do quarto de santo. Mas era e tenho dito, tchau e bença, estava decretado que aquele monstrengo tinha Mãe e o resto, bom o resto é o resto. E quem não gostou que fosse se queixar no Orún [57] para Oxalá de Orumiláia [58].

O negro Jairo saiu daquela mesa de Búzios com o peito inflamado de tanto orgulho por ser escolhido por aquele Orixá.

---

[57]Mundo espiritual.

[58]No batuque, Orunmila é uma qualidade de Oxala que preside o jogo de búzios.

O povo do santo, quando a noticia saiu às ruas, passaram a comentar a boca pequena que dona Chininha de Yansãn estava muito velha e não enxergava mais nos Búzios, aquilo não podia ser verdade. Mas o pior é que era.

Passado tempos, o que todos aguardavam era a revelação, a chegada, ou como diria o gaudério: *"Ser do Orixá tudo de bom, o que eu quero ver é a incorporação"*.

E todos aguardavam ansiosamente a chegada da grande Mãe para cavalgar aquilo. Sim, pois, ninguém sonhava ver uma Yemanjá carregar aquele monstro. Ora bolas... Com tanta menina bonita naquela casa o que uma Yemanjá Bocy quereria com aquilo.

E por ai seguiram-se as expectativas, e o longo tempo de espera. Teria a Mãe Yemanjá Bocy coragem de se lançar ao meio do salão cavalgando aquele monstrengo em sua dança divina de doce enlevo, quando aquilo tinha a figura do ogro Sherek. Não. Isso não podia acontecer, era pedir muito da tolerância dos Orixás.

O que me obrigou abrir a bolsa das apostas e ver da possibilidade de faturar uma grana por fora. A cada festa de Batuque punha o povo em polvorosa na busca apostar para faturar o premio, ou seja: vai ser nesta festa que a Mãe vai chegar? Para os incrédulos era apostar que nunca uma Yemanjá cavalgaria aquela cabeça e se tratando de cabeça aqui estamos sendo indulgentes, pois, aquilo era um terror. E nunca esquecendo dos cabelos, um emaranhado tipo de grama, como se fosse uma leiva relvada, alisada com ferro quente e óleo. E na dificuldade de enxergar tinha sobre o nariz um óculo fundo de garrafa que ele carregava os muitos anos,

tendo no centro na ligação dos dois aros um fio de arame atado e um pedaço de esparadrapo a emendar a parte quebrada e assim poder sustentá-los sobre o nariz. Se é que pode se chamar de nariz aquilo que mais parecia uma batata doce assada. Quando questionado sobre as emendas de cor branca, trocou por um pedaço de fita isolante preta.

O mais debochado de meus irmãos negros, Roberto de Ossanhã, saiu pela vila a captar as apostas e choveu dinheiro do grosso, todos queriam participar na possibilidade de fatura o premio maior e, que a estás altura já tinha três dígitos.

Mas imaginar a Mãe Yemanjá Bocy dançando um jejo [59] era coisa que não passava pela cabeça dos apostadores, pois todos apostavam que aquilo nunca a uma Yemanjá nasceria.

Agora, aqui comigo, no meu imaginário, enxergava aquela Yemanjá menina deitada no fundo do mar, dentro de sua concha cercada por cavalos marinhos, golfinhos e peixinhos de todas as cores, saboreando um cacho de uvas brancas e ouvindo o som dos tambores, chamando por sua presença na Festa de Batuque para cavalgar seu filho querido. Será que ela viria? Claro que não, aquela guria não seria louca de vir ter com o tal filho. Se ainda fosse o Janequine [60], tudo de bom, mas aquilo nem pensar.

E passamos a ficar só na fresta do salão a observar o rol dos acontecimentos já que nossa aposta era que a mulher viria e botaria para derreter, sem essa de temer tal feiúra.

---

[59] Refere-se ao ritmo de tambor próprio da nação Jeje.
[60] Referencia ao ator.

Tinha ela que pegar. Total, as mães nunca repara na feiúra, todos os filhos são lindos perante os Orixás. Na nossa aposta em questão, com perdão, a pobre Mãe Yemanjá teria que cavalgar aquilo para que a grana viesse ter em nossos bolsos.

Em uma festa no jejo de Yemanjá, alguns Orixás mais atrevidos cercaram e levaram o monstro a desfilar pelo salão, primeiro a porta da rua e a seguir porta o quarto de santo, era a justa homenagem pelo sacrifício por ele despendido na realização daquela festa.

Pra que! O povo foi à loucura juravam que a Mãe Yemanjá tinha se encostado no negrão. Bem, aquilo foi o ápice das apostas e fez tremer a bolsa de valores de São Paulo e ouve queda na NASDAC.

No outro dia, o rumo das apostas tomou outra direção, dividiu o grupo dos que era contrário à chegada da Yemanjá, e aumentou consideravelmente o numerário do premio. O que antes tínhamos como fava contada, considerada uma barbada de faturar, virou osso duro de roer. Eu que já sonhava com aquela grana no bolso vi que se não arquitetasse um plano para os fatos acontecerem o premio ia criar asas.

E na manhã seguinte fui à busca do Roberto de Ossanhã ali no Morro da Cruz para um pacto na divisão daquela grana e elaboração do projeto para que o destino tiver o desfecho final. E o combinado foi o seguinte: Iríamos dar um empurrãozinho para a Yemanjá pegar o negrão no tranco na hora da execução dos jejo. Para facilitar a chegada do Orixá ficou estabelecido que um de nos empurrasse a criatura salão adentro e a Mãe Yemanjá que tomasse conta, total o filho era dela. E foi o que fizemos.

Pra que Meu Deus! Foi o Roberto empurrar o negrão para dentro da roda que na mesma hora uma força estranha mandou o negrão de volta. Aquilo me irritou e com raiva dei um solavanco e mandei o negrão para dentro do salão no meio dos Orixás e ele saiu dando dois passos pra frente e dois passos pra trás. Mas de chegar a tal Mãe nada.

- *Que coisa de louco tchê, hoje em dia não da pra confia nem nos Orixás.*

Alguns mais entendidos de chegada de Orixás juraram ver a Yemanjá Bocy empurrando o negrão de volta, mas isso é bobagem. Coisa de gente espiritada e visionaria interessada em faturar a grana do premio. E eu não sou louco de entregar mão beijada o montante reunido com tanta dificuldade. Vamos aguardar essa Mãe se manifestar.

E o povo se fazendo de louco querendo receber a grana no mole afirmavam ter visto a Yemanjá dançando em batuques dos mais diversos nas cercanias do Partenon. Espertos eles. Comigo não, violão. Quero testemunhas, coisa que nunca apareceu.

Para não sermos injustos com os apostadores ficou estabelecido que a grana fosse para o bolso do primeiro que tomasse um axé da grande Mãe Yemanjá. Isso sim, é justo e de bom tamanho.

Foi assim que o assunto foi parar nos ouvidos de Mãe Chininha de Yansãn que nos mandou chamar para uma conversa ao pé do ouvido dentro do quarto de santo. Aqui a cobra fumou e a merda pegou no tamanco.

Dona Chininha não era de muito assuntamento, foi à gente botar as fuças no salão, que ela já foi pra cima de dedo em riste gritando:

- *Não quero nem saber de quem foi à idéia e não estou aqui para julgar se a Mãe Yemanjá chega ou não chega, só quero que acabem com essa brincadeira.*

Socorro policia! Não dizemos nenhuma palavra, entramos mudos e saímos calados. Já na saída pelo portão a ouvimos ela aos gritos perguntar do quanto andava o montante da grana do premio. Eu falei:

- *De mais de três contos de reais.*

Ela gritou lá do salão:

- *Então taca duzentinhos de ficha na aposta que ela chega, pois, hoje eu mesma vou dar um jeito deste fato se consumar.*

E soltou uma enorme risada debochada. Fez-me até pensar que a Mãe Yansãn tinha chegado. Mas não era ela. Então era o que? Então era isso, ela também estava de olho no grande premio.

E o que se seguiu foi o grande terror e a expectativa de ver a tal Mãe se fazer presente. Agora quando se daria? Só Deus sabe.

E veio a grande festa do dia 2 de fevereiro dia consagrado a Yemanjá. Festa que entrou nos anais histórico do calendário litúrgico dos batuqueiros do Partenon.

Quatrocentas pessoas se acercaram ao salão de dona Chininha de Yansãn, tinha gente botando pelo ladrão. Os tamboreiros Micharia e Borel, mais o amigo Tureba se dividiram no toque aos Orixás. Mãos divinas consagrado pelos Deuses ao canto e toque para evocar os Orixás a vir dançar naquela festa. Quando ouvi o toque e o canto daqueles três pensei: "é hoje que a Yemanjá Bocy despenca do galho e nos brinda com danças e mais danças". Antevia que naquela madrugada estaria reunido a amigos, para comemorar com uma cervejada fruto do grande premio o nascimento de Mãe Yemanjá Bocy do negro Jairo.

Ledo engano, pois, foi só passar o portão e ver que mais cabecinhas imundas como a minha tinham tido naquela ocasião à mesma ideia, pois, aquela festa do Batuque quer me parecer era só dos apostadores. Todos estavam ali com a mesma predisposição: o de faturar o premio. Que coisa de louco será possível que não tem mais pessoas de bom coração e honesta neste mundo?

Dos comensais a farta distribuição dos quitutes da cozinha africana, canjas, amalás, atam, cocadas e melancias fatiadas em bandejas percorriam os corredores e o pátio acercando que os convidados sairiam felizes com tanta riqueza dos alimentos.

Convite para participar da Balança nos obrigou a entrar no salão, ali um calor de mais de 32 graus, fazendo sair um vapor dos corpos suados pelas danças dos Orixás, o suor que vertia e

escorria, caia em forma de gotas molhando o piso do salão. Um terror os minutos passados ali, pareciam horas.

Terminada a balança, me fui à rua ao encontro do Roberto de Ossanhã. Precisávamos arquitetar a execução do plano e quais as atitudes a serem tomadas. Aguardávamos com certa ansiedade o toque e canto a Yemanjá, pois, era nesta hora que entraríamos em ação.

E foi os tamboreiros Borel de Xangô dar aquela olhadela para o Micharia de Yemanjá e o Tureba e o Jaci de Bará, pegarem os agês para nós entendermos que era chegada à hora. Não perdemos tempo corremos na direção do salão buscando o espaço reservado para a execução do plano diabólico.

Mas foi entrar no salão para entendermos que alguma coisa muito estranha acontecia ali, uma luz de um azul brilhante percorria cada espaço, como uma cauda de peixe deixava antever que era acompanhada por inúmeros fachos de pequenas ondas de uma energia que fez arrepia os cabelos de minha nuca. Pensei estar vendo coisas, busquei os olhos do Roberto de Ossanhã para ver de sua reação, e o que encontrei foi uma cara misturada de medo e espanto. Bateu o terror.

Os Orixás que dominavam o centro do salão em danças e evoluções pararam de dançar e voltaram-se todos e tive meus pensamentos lidos pelos olhos de cada um e me vi cercado por mil condenações. Socorro eu fui descoberto. Voltei meus olhos para a esquerda do salão dei de cara com a Yansãn de Mãe Chininha, que para minha surpresa escancarou um largo

sorriso, quer me parecer com ares de cumplicidade e aprovação. Pensei: vou me dar bem. Tudo de bom.

Quando encontrei o Roberto de Ossanhã, vi que estava branco quem nem cera de vela, tremia dos pés a cabeça e foi logo falando:

- *Estou fora disso, se tu quiseres vais em frente.*

Bobagem, eu estou aqui e vou me pronunciar. Deixa estar que agora estou conluiado a Mãe Yansãn. E veio o jejo de Yemanjá.

Meu Deus! Foi tudo aquilo de bom, o canto de doçura e doce enlevo cercado de magia e encanto tomou conta do salão e as mil luzes voltaram a brilhar, só que desta vez pude com estes olhos que a terra a de comer, enxergar cada Orixá em sua verdadeira forma e beleza. Sim eles estavam ali cavalgando aqueles corpos humanos, mas, para mim que humano eu sou, vi-os em suas formas naturais: A de Deuses. Podem imaginar a loucura desta visão? Claro que não ninguém pode nem sequer eu que vi e vivi e estou aqui a descrever. Vou ficar louco se insistir nesta descrição. Deixa pra lá.

E ali chegou a Yemanjá Bocy, minha nossa Mãe Yemanjá quanta beleza pode existir em um Orixá. Indescritível. E cercada por todos os Orixás aproximou-se de seu filho negro Jairo de Yemanjá Bocy. Pensei cá comigo: "É agora".

Mas não foi.

Foi ela abrir os olhos e dar de cara com aquela assombração e dar um pulo pra trás. Negou o estribo e não montou para cavalgar. Abri a boca para dar o sorriso de satisfação: "To rico". Ledo engano.

No que avançou a Yansãn de Mãe Chininha aos berros:

- *Pega, tu pegas porque este filho é teu, tu não vai me fazer passar vergonha.*

E a pobre santinha assustada com o monstro, meteu as mãos nos peitos do negrão e deu um baita empurrão que o vivente caiu fora da roda. E naquela luta que parecia não ter fim, cercada por todos os Orixás a menina coquete, a fina flor dos Orixás a mais doce da yabás, a Yemanjá Bocy tremula e espantada avançou e finalmente tomou conta da cabeça do negrão.

"Socorro!!! To endividado!!!!". Pensei.

No que me lembrei que o primeiro que tomasse axé com ela receberia o montante do premio. Corri abri a roda e avancei, me prostrando de joelhos perante a Mãe Yemanjá, recebi o seu primeiro axé. E Deus que salve os justos e oprimidos.

E foi assim que nasceu aquela que era a mais bela Yemanjá dos salões do Batuque do Partenon e adjacências, minha doce Mãe Yemanjá, a Mãe do negro Jairo.
E tem gente que não acredita.

Estes são os impuros de coração e os que não tiveram a felicidade de participar naquela madrugada da grande festança que transcorreu ali ao pé do Morro da Cruz, no Boteco do Tio Nicanor de Ogum, no dia 2 de fevereiro de 1968, churrascada regada à cervejada das boas e benevolentes doses de conhaque São João da Barra. Estes incrédulos e impuros não mereceram participar destas comemorações. E tenho dito e quem souber que conte outra.

Muito além da lenda

Ali, na divisa de Tramandaí e Imbé, na barranca do rio, morava o negro Roberto de Ogum Adiolá. Jovem bonito e faceiro, fazia graça por onde passava. Ele era muito considerado pelos moradores da vila, em sua maioria como ele, pescadores. A pesca era artesanal, dispunham de pequenos barcos para adentrarem ao mar. Ali não tinha moleza, o neguinho tinha que ser macho pêlo duro para enfrentar a barra que ligava o rio ao mar, não tinha escolha, era pegar ou largar e todos os dias colocar a vida em jogo. Saíam para o mar sem saber se iriam voltar.

Para ele, um meninão de corpo atlético, em cima dos seus dezoito anos, aquilo tudo não passava de uma brincadeira, dominava o mar e tinha por ele respeito e uma certa cumplicidade. Ria ao ser perguntado se tinha medo.

- Eu? Filho de Ogum Adiolá, escravo de Yemanjá, protegido por Oxalá, o senhor das águas, como posso ter medo de viver no paraíso?

Mas seus companheiros não pensavam assim, sabiam que muitos já haviam partido para os braços de Yemanjá e ali, naquela colônia de pescadores, viúvas e crianças sem pai eram testemunhas que aquilo não era trabalho digno de certeza, todo o dia era considerado o último. Sair sim, voltar? Talvez.E a lenda? Bem, a lenda conta que Ogum Adiolá, apaixonado por Yemanjá, pediu-a em casamento e, por obter um sonoro não, havia se jogado ao mar e sucumbira na sua imensidão. Ora bolas, lenda! Poupem-me das tais lendas! E mais uma lenda conta que por não aceitar um não, Ogum Adiolá passara a viver as margens do mar só para estar perto de sua amada. Lenda e mais lendas, nada além de lendas.

E assim vivia o negro Roberto de Ogum Adiolá, conhecendo as lendas e estórias de Yemanjá, mas, como ele mesmo dizia:

- *Se eu não conheci ainda a mulher que vai gerar meus filhos, por que razão vou me preocupar em morrer no mar? Meu Pai Ogum tem o mar como pradaria onde galopa em seu cavalo branco, o mar é campo onde meu Orixá vence suas demandas, e eu navego com maestria o timão de meu barco como ele maneja sua espada.*

Toda a manhã lá estava ele de bermuda branca, descalço e sem camisa, trazendo no pescoço sua guia azul feita com as pedras extraídas do fundo do mar, cumprindo o ritual de ajoelhar e pedir a bênção de Yemanjá ao aventurar-se na busca dos peixes para vender no mercado, e assim, dar o sustento aos seus pais e irmãos menores.

E foi naquele ano que, durante uma festa de Yemanjá no dia 02 de fevereiro, que ele a viu no meio da procissão, carregando uma garrafa de plástico com uma vela azul dentro e cantando para Yemanjá. Era a Janaína de Yemanjá.

Cabrocha, mistura de negro e branco, uma mulata de encher os olhos, boca carnuda, cabelos encaracolados, pele de um bronze dourado e olhos brilhantes... Era ela uma filha de Yemanjá, para não dizer a própria. Passou a noite toda a admirando e voltou para casa carregando uma certeza, dizendo para si:

- *Esta será a mãe de meus filhos, e isso, minha Mãe Yemanjá, a dos pedidos impossíveis mas sempre realizáveis, me dará.*

Na segunda vez que a avistou foi numa festa de batuque. Ao vê-la ocupada pela doce Mãe Yemanjá, soube a quem pedir a realização de seu sonho. Bastava querer muito, do fundo de seu coração e fazer o pedido: casar com ela. "Ela é o meu bem querer, a quem amarei eternamente. Oxéu, minha mãe, oxéu, minha bela Iabá, Oxéu, minha Mãe Yemanjá". Assim seja.

E no verão daquele ano juntaram os trapos e foram morar num pequeno casebre na vila dos pescadores, numa casinha branca cercada por Paineiras e Coqueiros que gemiam nas noites frias de inverno, época em ela poderia tê-lo por mais tempo. No verão o trabalho era dobrado, nos períodos em que era proibida a pescaria, ele trabalhava como ajudante de pedreiro e pintor.

A juventude daqueles dois resplandecia de alegria e felicidade, mas, como todo jovem, tinham seus anseios: ela por um filho que demorava a chegar e ele, querendo oferecer uma vida mais digna para a sua princesa, pecava por se atirar no trabalho feito louco, deixando-a muitas vezes sozinha, num período de espera e com a solidão amargando seu coração. Um filho que não chegava e um marido sempre ausente não faziam parte de seu sonho, não desejava isso nem para a sua pior inimiga.

Ele era um meninão que nas folgas do trabalho queria estar com os amigos, jogando futebol ou surfando sobre as ondas do mar, como a cavalgar o mar bravio, com a felicidade estampada no rosto e nos olhos. Ele passava dias dentro do mar e ela a caminhar pela praia, tentando se comunicar com ele através das ondas que iam e vinham a espraiar na praia sua espuma branca, molhando seus pequenos pés. Ela, uma menina a brincar com conchas e pequenos cavalos marinhos, carregava dentro do peito um coraçãozinho apertado pela saudade. Ali ela conversava com sua Mãe Yemanjá, fazia seus pedidos, comungava com seus sonhos e entoava o canto da sereia para agradar seu Orixá, sua doce iabá, sua Mãe Yemanjá.

E, numa noite de total abandono saiu e, encontrando algumas amigas, foi passear na pequena pracinha e saborear uma taça de sorvete. Foi o que bastou para as fofoqueiras de plantão deitarem falação sobre sua moral e conduta, afinal, sendo ela mulher de pescador, não era recatada e aproveitava a ausência do companheiro para passear.

Pra quê! Quando o negro Roberto de Ogum Adiolá desembarcou, viu-se cercado pelas cobras a pedir:

- *Abre o olho, meu filho, abre o olho.*

Foi este quadro de horror que ele encontrou ao chegar em terra. Como quem conta um conto aumenta um ponto, o dele significava traição, sem-vergonhice e deslealdade, coisa que nunca aconteceu em sua vida e foi com tristeza que ele ouviu, calou e consentiu. Daquele dia em diante sua vida não foi mais a mesma, passou a beber e a perambular pela praia no maior desespero, a gritar:

- *Aonde foi que eu errei para passar por esta prova, minha Mãe Yemanjá?*

A bela Janaína de Yemanjá, sem saber de nada, vivia preocupada com seu companheiro, até que sua Mãe de Santo a procurou. Queria ajudá-lo, mas sentia-se sem forças e não compreendia a causa de tanta revolta. Ela também se perguntava:

- *Aonde foi que eu errei?*

E foi na mesa de búzios que ela teve a revelação e passou a conhecer as lendas de seu Orixá Yemanjá. Seu companheiro era filho de Ogum Adiolá, o Ogum apaixonado por Yemanjá, quem refutara seu amor. Mas ela, Janaína, queria este amor e tudo faria para conservá-lo, lutaria por ele e, se preciso fosse, morreria por este amor.

Negro Roberto de Ogum Adiolá, o pescador, sofrendo a dor da traição que nunca existira, deixou-se levar pelas maldades e difamações que amarguraram seu coração. Tinha vontade de

falar com ela, mas os votos de confiança mútuos não permitiam isso, seria um desrespeito ao amor conclamado. Tudo não passava de conjeturas e expô-las, seria uma afronta.

- *Mas um dia eu saberei a verdade, mesmo que isso me faça perdê-la,* dizia.

Dúvida cruel a remoer mente e coração. Uma noite de chuva e temporal, quando os raios rasgavam o céu e o mar revolto vinha bater na praia, o negro Roberto de Ogum Adiolá, podre de bêbado, arrastou a embarcação e navegou em busca da morte, o bálsamo dos desesperados, o alivio dos corações sofridos, o alento dos oprimidos e a libertação para os que amam e sofrem a dor de uma traição.

A notícia de sua ida para o mar chegou a casa de Janaína. Agora ela entendia o que a queda dos búzios havia anunciado... Então era verdade, seu companheiro sofria por uma suposta traição sua e pelo medo de perdê-la. Como uma forma de atingi-la, resolvera pôr fim a vida.

- *Não, isso não está certo e vou agora mesmo resolver esta quizila.*

Ao abrir a porta, recebeu no corpo a golfada do vento e da chuva fria. Uma multidão de pessoas a cercaram, eram os companheiros de pesca de seu marido e um bando de viúvas desesperadas que sabiam que ele nunca mais voltaria, que o mar o havia tragado. Como o seu Chico, um pescador antigo, dizia:

- *As águas do mar não são árvores, por isso não possuem galho. Ali entrou, ali sucumbiu.*

Janaína correu até a praia e, no meio daquela tempestade, avançou mar adentro. Possuída pela revolta, queria, se possível, ir até o fundo do mar buscar seu marido, não entregaria facilmente o sentido de sua vida, viera ali para lutar e ela estava apenas começando. Gritou para sua Mãe Yemanjá:

- *Se eu não o trai, se eu não menti, se ele me ama, qual a explicação para tudo isso? Não, minha Mãe Yemanjá, tu não vai fazer isso comigo, não vai mesmo.*

Algumas pessoas ainda tentaram dissuadi-la, pedindo para que retornasse para casa e ficasse na espera de noticias. Ninguém se atrevia a enfrentar o mar. Na noite escura como um breu não se enxergava um palmo a frente do nariz, a não ser quando os raios explodiam sobre suas cabeças. Mas ela continuou firme, dali não arredaria o pé, não desistiria, era obstinada e sua Mãe Yemanjá sabia o quando ela era sincera em seu amor. Não nascera para perder, ainda mais se tratando de seu amado. Sentada na areia, cochilou. Foi quando a tempestade aplacou, o vento parou e o mar doce veio beijar seus pés.

Despertou assustada, sem saber que horas eram, mas, pela fome e pela dor que remoíam seu corpo, pressentiu que passava do meio-dia. Tinha que voltar para casa e saber se os homens haviam entrado no mar para procurá-lo. Estava pensando em ir até a capitania dos portos onde as grandes lanchas faziam o socorro, quando viu um jipe aproximar-se, eram os colegas de seu marido. Eles não precisaram falar nada, traziam a reboque o barco que levara o negro Roberto para o fundo do mar. Aproximou-se e acariciou o barco, passando a mão no local onde em muitas noites de lua cheia os dois sentavam para admirar as estrelas e namorar. Constatou que o barco estava intacto, nenhum arranhão na pintura.

- Se o barco está assim, é sinal que não foi a tempestade que o matou, mas sim ela, aquela maldita, que veio cumprir sua lenda e me roubar a única coisa que eu tenho na vida. Maldita sejas tu, minha Mãe Yemanjá. Mas tu me paga, eu não saio daqui sem o meu marido, tu tens que me devolver ele como eu te entreguei, forte e sadio, não vim aqui para buscar um cadáver. Só saio daqui com ele e nada me fará desistir, nem mesmo a morte.

As amigas falaram até cansar e finalmente, quando todos partiram para as suas casas, ela sentou e chorou, vertendo todas as lágrimas do mundo, deixando vazar o desespero e a dor que a sufocavam.

"Chora, Janaína, chora que o mar vai te encantar. Chora, meu golfinho, chora que o mar vem te abençoar. Chora, Janaína, chora que o mar vem te beijar..."

Assim cantou o poeta e assim caminham as filhas da mais doce das iabás, elas, as sereias de Abéokutá, a morada de Yemanjá.

À noite chegou e o vento frio que soprava do mar calou fundo naquele corpo mirrado, vestido com o fino morim que nada cobria. Ela não sentiu frio nem fome, apenas o vazio da alma que buscava compreender o inexplicável, o fim inexorável da vida, o que estava escrito, a lenda, o sentido da vida. Na praia as pequenas gaivotas buscavam o alimento para seus filhinhos e retornavam para seus ninhos. Elas dividiam a praia com alguém que não tinha mais ninho, não tinha para quem retornar, a não ser para uma casa vazia e sem sentimentos. Não, ela não voltaria de braços vazios, permaneceria ali até o fim de seus dias. Sua Mãe Yemanjá não

podia querer isso dela. Não aguentando mais, tombou, e seu corpo encontrou como cama a areia e as águas de Yemanjá.

Ali, ela, sua Mãe Yemanjá, apareceu e lhe falou:

- *Eu o levei, mas não como está escrito na lenda, mas sim atendendo um pedido dele que não queria mais viver. Não vim buscá-lo, simplesmente o recebi em meu reino de Abéokutá.*

- *Então foi assim que tudo se passou. Este infeliz não me perguntou como as coisas se passaram e me deixou sem uma explicação. Não, isso não vai ficar assim, não vou deixar como está, ele sequer me fez um filho e me abandona a seu bel-prazer.*

Levantou-se e, determinada, avançou mar adentro. Primeiro entoou com todas as forças de seus pulmões e com todo o amor do mundo o canto de seu Orixá e a seguir se prendeu a gritar a dijina de sua Mãe Yemanjá, nome que recebera de sua Mãe de Santo quando de sua iniciação.

Sentindo-se com a força e o poder de seu Orixá, evocou seus cavalos marinhos. Sim, onde ele estivesse os cavalos e os golfinhos o encontrariam e trariam de volta, e foi como tudo aconteceu.

O mar calmo se agitou, bramiu e, fustigado pelo vento, avançou sobre ela e a engoliu, arrastando-a para o fundo. Mas ela era Janaína, a filha de Yemanjá, portanto, não cederia a sua força. No último momento abriu a boca e soltou o grito, um som que só os golfinhos

conhecem, e momentos depois viu-se cercada por seus cavalos que chegaram para socorrê-la, e ela, Janaína, montou e cavalgou sobre as ondas em busca de seu amor.

Na madrugada do dia seguinte, quando os pescadores iam entrar no mar, eles viram algo sair dele. Era Janaína de Yemanjá que, cavalgando seus cavalos, trazia na garupa o seu amado, negro Roberto de Ogum Adiolá, a sorrir na plenitude da felicidade ...

Bem, toda a lenda tem sua exceção, inclusive a que conta que Ogum Adiolá amava uma Yemanjá que não queria seu amor, motivo pelo qual o mar o havia tragado. Mas esta Janaína queria seu homem e, com sua força e obstinação, não desistiu tão facilmente, lutara e, vitoriosa, trouxera de volta o homem que lhe daria uma barriga.

Sim, esta Janaína seria conhecida por estar além da lenda.

Sim, era ela, a Janaína, a filha de Yemanjá.

Yemanjá Quer Falar Contigo

O ar viciado penetra em meus pulmões, ar frio com cheiro de mofo. O pior de tudo é respirar, causa dor. Devo ter água nos pulmões. Desta vez eles capricharam, pois aquele guia telefônico colocado sobre as minhas costas deve ser para a pancada machucar por dentro e não deixar sinais.

Estranho, mas eu consigo rir de tudo isso, tenho no íntimo uma satisfação pessoal, devo estar ficando maluco, estas porradas na cabeça estão me fazendo perder o sentido real dos fatos. Meu peito sangra e posso ver as queimaduras de cigarros. Ontem, nem estas eu sentia, mas ressecaram as feridas, e hoje elas doem, deve ser por estarem cicatrizando. Mas sinto nas costas sua dor tenebrante, devem estar um charque. Que dia será hoje? Lembro-me de ter contado até o oitavo dia, depois perdi a conta. Sem sol e neste cubículo, sem luz, perde-se a noção do tempo.

Hoje, estou sozinho; esta tática eu já conheço, vão começar a jogar uns contra os outros: "Fulano já falou o que tu estás esperando para abrir o bico? Queres dar uma de macho aqui?" Tento levantar mas não consigo, minha cabeça pesa uma tonelada, as pernas não obedecem, estou há dois dias sem comer mas não tenho fome, tenho sede. Barulho do ferrolho da porta principal se abrindo, vieram buscar mais alguns? Engano, é mais gente chegando, a lotação está completa, começo a rir, lembrando-me dos cobradores do ônibus São José aos gritos "um passinho à frente por favor". Um passinho onde não cabe nem uma mosca.

Hoje, este pés-de-porco querem dar serviço, ta chegando gente adoidado, parece que vai ter um final de campeonato aqui, a torcida chegando para o Gre-Nal. Tento dormir, mas não encontro uma posição favorável, tenho machucados e escoriações pelo corpo todo. Uma barra de ferro é abatida nas grades com violência, causa um horror, é um som terrível aos ouvidos, volto a rir lembrando-me do negão que deu telefones (bater com as duas mãos ao mesmo tempo nos ouvidos) nos meus ouvidos lá no porão. Duas enormes mãos, parecendo duas raquetes de tênis.

O pior era ter que ouvir a frase, "vou te dar um telefonema que vai dar excesso de impulso no fim do mês". Risadas. Engraçado é nesta situação, a gente ali apanhando, ainda consegue achar graças, de uma piada infame dessas.

Desperto aos gritos: "Vamos merda, vamos guerrilheirinho pau no cu, hoje eu é que vou te foder, quero ver se tu agüenta pau". Sou levado a dois andares acima na presença de uma autoridade ali deixado com algemas nas mãos e pés. Dois soldados fumam, e à distância sinto o gosto do cigarro, o cheiro da nicotina penetra em minhas narinas, não aguento a vontade de fumar, e peço: "Por favor, dá pra me dar um cigarro?". Um, não dá sequer ouvidos para o meu pedido, mas o outro sem interromper o que falava, volta-se e vem com o cigarro, coloca em minha boca e no que abaixa-se para acender pergunta:

- *Tu não é o Deodé?*

- *Sim, sou eu, ou o que sobrou dele.* Tento fazer uma graça.

O soldado diz:

- *Eu sou o Chicão de Bará Lodê!*

- *Ah! Eu te conheço dos Batuques, tu é filho de Santo da Mãe Eva de Oxum, como vai ela*

Tento entabular uma conversa.

- *Bem, me responde ele.* E continua:

- *Hoje vamos ao Batuque na casa de tua Vó Jovita de Xangô.*

Retirou-se dali e ao sair na porta abanou. O que passaria por aquela cabecinha me vendo ali naquela situação? Não conhecia nada da vida, tudo o que ele sabia era de infração de trânsito, roubos, drogas, prostituição, assaltos, brigas de vila; mas ver um homem preso por pensar, exigia muito de sua cabeça. Quando nos encontramos em diversas ocasiões, por mais que eu tentasse, não consegui lhe explicar. Achava tudo aquilo correto. Bem, eu tinha conseguido duas belas informações: a primeira, hoje é sábado, a segunda, tem Batuque na Vó Jovita, aniversário de Pai Xangô. Já tinha duas coisas para encher minha cabeça e me preocupar. Pode?

No final de semana as torturas foram aliviadas, sabe-se que torturador também tem família e por certo não gostaria de ter as mãos sujas de sangue no domingo, quando iam assar o churrasco para a família, razão pela qual aliviavam no final de semana. Soube que minha pobre mãe, em sua dor e inocência, estivera ali todos os dias de plantão, trazendo comida, frutas, cigarros e dinheiro, coisa que nunca chegou às minhas mãos. Pobre mãezinha. O que fizeste para ter um filho assim.

Segunda-feira. O dia foi agitado com mais gente chegando, movimento de soldados, viaturas, foi um tal de entra e sai naquele quartel. À noite, todos nós sabíamos, a cobra ia fumar. Ah, se ia fumar. A pressão na panela estava no limite máximo, eles queriam mais e mais. Alguma

coisa a mais, só que nós não sabíamos o que era, meu Deus, estes infelizes não sabem nem o que querem de nós!

À noite chega, e com ela o horror. Alguns meninos choram com a chegada da noite, sabem de antemão que o pau vai comer solto. Vêm os soldados e levam o primeiro grupo de meninos.

Estes já saem em prantos, ouve-se pedido de perdão, desculpas, misericórdia, não sei de nada, não sou eu, o senhor está enganado. De nada adianta, são arrastados, os mais renitentes sofrem ali as primeiras pancadas.
Passado da meia-noite, os soldados voltam, enfurecidos como selvagens cães de caça. Alguma coisa não deu certo lá em cima. Um diz:

- *Querem o quê? Tão nos cobrando demais e isto vai dar merda, um dia um guri deste apaga aqui dentro e aí quero ver quem segura esta bronca.*

Ouço os gritos de dor e desespero das torturas, tento tapar os ouvidos. Mas é inútil, parece que tudo está aqui, dentro da minha cabeça, não adianta tapar os ouvidos. Novo grito, desta vez um grito horrível de um adolescente sendo torturado. Penso: "este não vai agüentar".

- *Chegou tua hora Deodé!... Vamos...*

É eles estavam ali, chegara minha hora. O interessante é que nunca precisei levantar, pela pressa que tinha de terminar com o serviço, normalmente eu era erguido por dois soldados e

conduzido quase no ar, também, com os meus quarenta e oito quilos, menos que um saco de batatas!

Colocado numa viatura com outros presos, procurei saber para onde íamos. Alguém dizia:

- *É para uma olaria, lá o serviço é feito com maestria,tem mais gente para bater e os especialistas em torturar estão lá nos esperando.*

Outro diz:

- *Não, este caminho eu já fiz, é para a praia, vão fazer arrastão com a gente. Amarrados numa corda, esta atada a um jipe, éramos arrastados pela beira da praia entre a água e a areia.*

Chegamos.

Fomos um a um, sendo conduzidos para umas celas improvisadas ali na beira do mar. Só de estar ali me senti bem, o ar do mar refez o estrago dos meus pulmões. Quando passou pela minha cela, um soldado deixou cair um pequeno saquinho, não dei atenção, pensei ser lixo. Mas aquilo me intrigou, deixei passar alguns minutos, levantei-me e, estendendo o braço, consegui apanhar o pacote. Ali, estava, para minha surpresa, ao abrir vi: primeiro uma guia de Xangô, outra de Bará, e a minha guia de Odé, uma carteira de cigarros, fósforos e um pequeno bilhete com uma única frase: "Yemanjá quer falar contigo". Mas, afinal, que diabo de recado era este, o que significaria este enigma?

Conseguiria eu decifrar a tempo? Escondi o cigarro, as guias não pude esconder, era demais para mim, enfiei no pescoço e ali ficariam para sempre, meus Orixás estavam a me proteger, não estava mais sozinho naquela luta. O soldado vem para contar os presos:

- ... *trinta, trinta e um, trinta e dois, trinta e três, trinta e quatro, trinta e cinco... a Yemanjá quer falar contigo;* trinta e cinco, sim era este o meu número.

- *Trinta e cinco* ... repete ele... *a Yemanjá quer falar contigo, trinta e seis, trinta e sete;* e por aí segue contando.

Mas porque aquele soldado falou que a Yemanjá quer falar comigo? Mas o que a Yemanjá quer falar comigo?... Maldição, não consigo decifrar esta incógnita, me esforço e cada vez confunde mais minha cabeça. A Yemanjá quer falar contigo. Mas, afinal., o que quer esta mãe comigo?

Madrugada quente, nem a brisa que vem do mar refresca nossos corpos doloridos das torturas, banho nem pensar, não pelas águas do mar, mas pela ardência que seria o contato do sal com as feridas abertas. Somos retirados a socos e pontapés de dentro das celas. O pelotão de soldados é enorme, vários jipes estacionados ali em frente a nos esperar, era uma tática estes deslocamentos,um meio de desorientar, nunca subíamos onde estávamos. Vai ser uma viagem longa, o caminho é a beira-mar.

Enquanto caminho, vou pensando naquela frase: "A Yemanjá quer falar contigo". Sou do grupo da frente, caminho mais rápido, quando levo uma pancada na cabeça, ao cair, volto-me para ver quem me atingiu e vejo ele ali, o Chicão de Bará Lodê, virado numa fera, me agarra e me enche de porrada:

- *Este infeliz é meu, todo meu que eu quero estuprar este desgraçado.*

Mais porradas. Os outros seguem, eu fico ali para embarcar no último jipe. Seguimos viagem em comboio, um jipe atrás do outro. Somos os últimos. Surpreendi-me ao ouvir uma reza de Batuque, cantada pelo motorista:

- *É doce mobé yará oro, é doce mobé yará oro, ai Yemanjá cumará cumará oro, é doce mobé um ara orô.*

- *Calma soldado, esta reza eu conheço: Esta reza simboliza que Mãe Yemanjá dança com Odé no colo, para fazê-lo dormir*. Disse.

Senti vontade de responder a reza. Só não o fiz por medo de constrangê-los. Sim, agora sei quem dirige este jipe. Sim agora decifrei a mensagem. Agora eu sei o que a Mãe Yemanjá quer falar comigo.

Interessante, todos os outros soldados respondem a reza, sim, todos eles eram irmãos de religião, sim, irmãos de Batuque. Paramos e a gritos e tapas descemos, desta vez para urinar. Fui tirado para a lateral do veículo e ocultado por três soldados, enquanto os outros

prisioneiros voltavam para o interior do jipe. O motorista vem ter comigo. O meu irmão de religião, o Chicão de Bará Lodê, segurando meu rosto com as duas mãos diz:

- *Tua Mãe Yemanjá quer falar contigo, Deodé, foge porque deste passeio ninguém vai volta.*

O jipe parte cortando a madrugada, as luzes da traseira são dois olhos vermelhos que se perdem dentro da noite, os olhos de Bará Lodê.

Lá, à beira-mar, um pequeno barco de pescadores me aguarda, o barco de Mãe Yemanjá. Ali as lágrimas se confundem na dor e agradecimento. Corri para o mar. Sim, o mar de Mãe Yemanjá.

Pois ela queria falar comigo.

O cajado sagrado de Oxalá Bocum

Na subida do morro, quase na entrada da mata nativa, o negro Paulo de Oxalá construiu um barraco. A seguir, deu de mão na negra Neiva de Oxum e foram morar juntos. Aquele ajuntório foi a salvação na vida do vivente.

Antes, festa e cachaçadas, agora, trabalho e mais trabalho. Artesão dos bons, nos idos dos anos cinquenta criou fama por esculpir os Orixás em vulto. Suas mãos foram consagradas pelos deuses para entalhar na madeira os Orixás da maioria dos Babalorixás.

Foram anos de grandes feituras e do início da vida religiosa da maioria dos que têm casa aberta hoje. Com a fama, a procura por sua arte dobrou e a vida melhorou. Com o dinheiro ganho, fez uma reforma no galpão e abriu espaço para o ateliê.

Os anos se passaram e a família cresceu. A negra Neiva botou uma barriga atrás da outra, três meninas eram a ninhada a cercá-lo de carinho e atenção. Apesar de estar feliz com as filhas, seu sonho era ter um menino, e este nada de aparecer. Foi quando um belo dia a negra Neiva anunciou:

- *Estou grávida.*

Pra quê! Foi a festa. Planos mirabolantes para o nascimento do rebento. Finalmente os Orixás haviam escutado suas preces. Teria ele um varão para seguir sua dinastia e, principalmente, jogar futebol no Colorado, seu time do coração. No morro estabeleceu-se um clima de expectativa angustiante. Os búzios de Mãe Estela de Oxum prenunciavam que desta vez ele teria seu menino.

Chegado o grande dia, houve uma correria em direção a Santa Casa de Misericórdia. Cercada de carinho, a negra Neiva deu cria e o berro do rebento se ouviu no morro todo. Mas, como diz o velho ditado: "Os Orixás têm suas razões que a própria razão desconhece", o menino nasceu com um problema congênito em uma das pernas.

Aquilo por si só derrubou o negrão que sonhava ter um menino para ensinar a jogar futebol e

a esculpir os Orixás. Agora os Pais lhe haviam dado de presente um menino com um defeito físico. Foi grande a tristeza e pior a decepção. "Aceitar sim, mas resignar nunca", esta era a tônica de suas preces dentro do Quarto de Santo.

Quando não aguentava mais ver a dificuldade do moleque - este caminhava quase se arrastando - o negrão se escondia no meio do mato para chorar a dor do filho. Às vezes saia pelos botecos da vila, e entre umas cachaças e outras, desabafava:

- *Onde estão estes malditos Orixás para quem dei a vida a esculpi-los, para agora modelarem meu filho com um aleijão? Será esta a minha paga?*

Os amigos que o cercavam se calavam ao ouvir este desabafo, não podiam colocar resignação no lugar onde habitavam a dor e o sofrimento. Todos os materiais de suas obras eram colhidos dentro da mata nativa, madeira nobre: cedro, cedrinho, itaubá, angelim louro frejó, mogno. Tudo ali a mão, aguardando que o mestre os apanhasse. O menino caminhava ao lado do pai. Apoiado em uma bengala, ia capengando, recolhendo os pedaços de madeira que, depois de examinado em suas formas, projetavam a criação. O menino observava com afinco os traços definidos pela natureza e, ao mesmo tempo, tinha o poder de redimensionar na mão o Orixá que seria esculpido. Parte da obra a própria natureza já tinha executado, agora eram aquelas mãos que dariam o toque final. A percepção do menino em ver os objetos pelo simples toque, delineando as partes que seriam esculpidas, sempre deslumbrou o pai. O negro Paulo sorria de felicidade ao ver que seu moleque tinha talento especial, cabia a ele incentivá-lo para o caminho da arte. E assim foi.

O tempo passou, mas a amargura foi tomando conta da cabeça e do coração do negro Paulo e a bebida chegou para ficar, era o bálsamo para o esquecimento, o alívio para o sofrimento. Como cachaça e trabalho não se misturam, as encomendas foram atrasando, os pedidos escasseando e a freguesia descontente terminou por desaparecer. O caos e a falência se implantaram dentro daquele galpão, e o pior, a falta de credibilidade terminou pondo por terra todo o empreendimento.

A negra Neiva há muito sabia a razão de toda aquela tristeza, mas não falava nada, também se sentia culpada. Desde o nascimento do moleque que o marido não era mais o mesmo, mas fazer o quê se os ditames do destino pertencem aos Orixás?

O nome do moleque era Deco de Ossanhã. Este nome lhe fora dado em homenagem a um jogador de futebol. Ele crescia sem se aperceber das agruras do pai. No momento de maior dificuldade assumiu os negócios, afinal, tinha que pôr na mesa o pão de cada dia, chegara sua hora e ele não tremeu. Apesar da pouca idade, sentia-se abençoado pelos deuses, tinha saúde e força para o trabalho.

E começou a criar as obras mais belas que o povo do santo conheceu. Suas mãos eram capazes de esculpir em pedra, ferro, madeira, barro ou qualquer outro material que encontrasse. Com o afastamento do pai, o menino de apenas doze anos se desdobrou para nunca deixar um cliente na mão. Ele pensava estar criando para a religião e nunca, sob hipótese alguma, para a vaidade dos pais de santo, que vangloriavam-se de ter uma obra criada por ele.

- *Tudo que faço é para agradar os Orixás e nunca os homens, afinal, foram eles que me deram este dom.*

Ressaltava isso a cada entrega de um amuleto. Suas obras se espalharam pelo mundo afora, granjeando prestígio e fama. Era agora o Deco, o escultor dos Orixás.

Negro Paulo continuava sua sina de desfilar pelos botecos da vila, entornando a pinga maldita e a se queixar dos Orixás, ameaçando quem ousasse lhe contrariar.

- *Malditos sejam os Orixás pelo que me deram.*

O povo do santo ouvia a tudo calado. Um dia o menino saiu cedo em busca de mais material para suas obras e adentrou na mata nativa por quilômetros. Já no topo do morro, não encontrando nada interessante, resolveu retornar. Foi quando viu um pedaço de madeira que saía da copa de uma árvore. Achou estranho, era como se aquilo tivesse caído do céu, pois ninguém teria força suficiente para atirar sobre a árvore um objeto tão grande e naquela altura.

Foi com dificuldade que ele subiu pelos galhos, alcançou o pedaço de madeira e o puxou para si. Viu tratar-se de um cajado e riu-se, pensando: "Que brincadeira estranha, o Orixá dono deste cajado é Oxalá. Parece que ele veio do céu".

Quando voltou a colocar os pés no chão, sentiu uma forte dor na perna defeituosa, talvez pelo esforço de subir na árvore. A dor foi aumentando junto com uma ardência que parecia

queimar a pele. Sentou-se, esperando que tudo passasse. Enquanto isso pensava em como voltar para casa. A noite estava chegando, a impossibilidade de caminhar, além da distância que teria de percorrer, começaram a preocupá-lo.

Sentado no meio da relva, tendo o cajado no colo, começou a examiná-lo para saber o que teria de ser feito para dar destaque a peça. Estudou cada detalhe, queria conhecê-lo, saber de que madeira era, seus contornos e formas. Mas tudo era estranho.

Primeiro não conseguia saber qual madeira era, pela rigidez perecia feito de pedra. Neste ínterim, começou a desenhar na areia com o cajado sua família e, o mais interessante, era que cada pessoa que ele dava forma logo aparecia em sua frente. Desenhou sua mãe e ela surgiu do nada, ainda vestindo o avental com que cozinhava; desenhou seu pai e ele apareceu dormindo em uma mesa de bar e quando desenhou suas três irmãs, elas apareceram com o uniforme do colégio onde estavam.

Assustado, ele viu toda sua família cercá-lo e conduzi-lo até sua casa sem nada falarem, e logo após, todos desapareceram para retornar as suas lidas normais como se nada tivesse acontecido. Aquilo deixou o menino perturbado.

- *Preciso cuidar com carinho deste cajado, pois ele tem o poder dos Orixás.*

Na manhã seguinte começou a trabalhar. Tinha intenção de esculpir ao longo da madeira tudo o que se referisse a Oxalá: cavalo, caramujos, sol e pomba. Suas mãos pareciam ter pressa em executar a obra, e foi com o incentivo de "mãos à obra", que as figuras foram aparecendo. No

cabo moldaria, de longe ao longe, pequenas saliências para que quem o usasse, pudesse ter firmeza, domínio e condução. Cansado, foi dormir, não sem antes lixar parte do lugar onde pretendia colocar pequenos aros e oito corações simbolizando a Oxum.

No dia seguinte, ao pegar o cajado, surpreendeu-se ao ver que tudo o que ele idealizara estava pronto. Pensou: "Isso é uma graça dos Orixás. Meu pai voltou a trabalhar, pois só ele poderia criar estes entalhes com tanta perfeição".

Foi quando seu pai entrou no pequeno ateliê e vendo o filho, perguntou o que ele estava fazendo. O menino, de posse do cajado, o alcançou para que ele visse sua obra. Quando o negro Paulo pôs as mãos na peça, o menino comentou:

- *Obrigado por ter criado estas figuras, elas ficaram lindas e enriqueceram o cajado de teu Orixá Oxalá Bocum.*

Foi o que bastou para que o pai, num ato de revolta, despencasse todo seu ódio no cajado.

-*Não fui eu que fiz isso, jurei nunca mais esculpir para estes demônios.*

Ato seguinte, juntou a peça com as duas mãos e, apoiando-a no joelho, a quebrou em duas partes, jogando-a longe. Deu as costas e saiu por onde entrou. O menino, tomado de pavor, deixou as lágrimas jorrarem. Ele sabia que seu nascimento era a causa de tanta revolta, trouxera desgraça para sua família ao nascer com a marca de Ossanhã.

Retirou-se para dentro da casa e buscou no Quarto de Santo a paz para seu sofrimento. Ao bater cabeça, ouviu a voz de seu interior: "Nada na vida é definitivo, basta querer, mas querer com o coração".

Acabou adormecendo ali mesmo.

Pela manhã voltou ao trabalho, tinha várias encomendas para entregar. Ao entrar no ateliê, viu sobre a mesa o cajado intacto, como se nada lhe houvesse acontecido. Ali estava sua obra, reluzente e acabada, pronta para ser entregue para seu dono de direito.

Alguns clientes chegaram e ao verem tanta beleza, propuseram comprá-la, no que encontraram uma negativa. Um Babalorixá mais interessado perguntou quem havia encomendado obra tão linda, e ele respondeu:

- *O dono deste cajado virá buscá-lo em breve.* E deu por encerrado o assunto.

O tempo passou e nada se modificou. A vida transcorria como as águas de Oxum, que calmas e serenas desembocam no mar de Yemanjá. Um dia chegou o convite para uma festa na casa de Mãe Ana Paula de Oxalá Bocum, festa grande, onde estariam presentes os Babalorixás e Yalorixás mais antigos e o que havia de mais nobre da cultura e religião africana do batuque. A família inteira compareceu. Quando a festa atingiu o ápice, na reza das Oxuns, eis que entra no salão o negro Paulo, podre de bêbado, que avança e se põe no meio da roda a amaldiçoar todos os Orixás presentes, falando impropérios de corar defunto.

Os tamboreiros pararam o canto e o toque. Silêncio total, aquilo era uma afronta.

Mas quem poderia parar um animal grosso daqueles? Foi quando a porta se abriu e por ela pediu passagem um negro alto, todo vestido de branco. Ele avançou até o negro Paulo e o abraçou pela cintura, pedindo aos tamboreiros que continuassem o ritual.

Assim que os tamboreiros recomeçaram a tocar o que se viu foi a dança dos Orixás, sim, o negro Paulo, tomado pelo Orixá Oxalá Bocum, agora executava lindas coreografias, sempre conduzido pelas mãos daquele negrão todo vestido de branco.

Pausa para os tamboreiros.

O homem todo vestido de branco pede por silêncio e fala:

- *Ninguém tem o direito de questionar a decisão dos Orixás. Somos nós quem sabemos o destino dos humanos, e a vida que vocês levam em busca do crescimento espiritual será a herança que os conduzirá à luz de seus Orixás, e nunca alguém será considerado por qualquer defeito físico, mas sim, por seus defeitos morais.*

Acabando de falar, ele pede pelo menino e por sua encomenda. Entra pela porta do salão a negra Neiva de Oxum, a mãe do menino, carregando o cajado de Oxalá, que o passa às mãos do menino e este às mãos do homem vestido de branco. Este, de posse do cajado, se anuncia:

- *Eu sou Oxalá Bocum, o dono deste cajado.*

Logo em seguida, apontou o cajado para o céu e em segundos o salão foi tomado por uma densa neblina que envolveu a todos. Não se enxergava um palmo diante do nariz, e no meio daquela neblina surgiu um cavalo branco no qual Oxalá Bocum montou para, num segundo, elevar-se a altura dos céus.

Na manhã seguinte, no alvorecer da aurora, quando a barra do dia se anuncia, viu-se pai e filho caminhando pela floresta, em busca de materiais para suas obras.

O motorneiro

Há passagens em minha vida que marcam historicamente a evolução dos tempos, trazendo recordações de uma Porto Alegre antiga.

Lembro-me que nos anos 50, na Avenida João Pessoa, quase em frente à Praça da Redenção, ficava a garagem dos bondes de Porto Alegre, pertencentes a Companhia Carris. Ao lado tinha o bar de um Português onde faziam pastéis com carne picada à faca, ovo cozido e azeitonas, coisa de deixar o neguinho vesgo de tanto comer, principalmente se acompanhados com uma Grapette[61].

[61] Tipo de refrigerante.

Tínhamos de ter cuidado ao comer aquele enorme pastel, porque, além do risco de queimar a boca (eles eram fritos na hora), uma mordida mais afoita poderia quebrar os dentes com o caroço da azeitona. Até hoje tenho a impressão de nunca ter comido pastéis maiores e mais substanciosos que aqueles. Para um menino como eu, de oito aninhos, mirrado, seco, quase um palito, um pastel daqueles valia por uma refeição. Sempre que meu pai ia visitar o seu amigo Danilo na garagem dos bondes, eu corria para a garupa de sua bicicleta Monark, de cor preta, pensando nos pastéis do Portuga.

A profissão dos homens que conduziam os bondes era o de Motorneiro, o que corresponderia nos dias atuais aos motoristas de ônibus. Além disso, tinham os bilheteiros, ou hoje, cobradores de ônibus. Na minha memória estas duas profissões eram verdadeiras poesias, devido aos movimentos e a forma de atuação dos homens quando em trabalho. O Motorneiro dirigia o bonde em pé e o bilheteiro caminhava por todo o bonde pedindo os bilhetes e perfurando-os com uma estranha maquineta. Lindo! Detalhe, naquela época não tinham estas malditas roletas dos dias atuais, estas mesmas que entalam e ridicularizam pessoas gordas ou idosas. Eu, particularmente, as acho muito parecidas com currais ou bretes de gado das lidas campeiras, não combinando nada com a civilização moderna, dos chips e computadores.

O que mais me fascinava e ao mesmo tempo intrigava, era que chegando no fim da linha, o negro Danilo simplesmente sacava a direção e voltava para o fim do bonde e fixava a mesma em algum mecanismo, seguindo a viagem de volta. Outra curiosidade era a troca de cabo de energia elétrica que punha o bonde em movimento. O negro Danilo parava o bonde e saía na rua, dava de mão em uma corda e a puxava para baixo para desacoplar o cabo de um fio

condutor de energia elétrica e fixar em outro. E estava feita a mudança, pronto para seguir viagem.

Para um menino de minha idade era difícil entender o manejo dos bondes. Quando estava parado, pronto para partir, não se sabia qual a direção que ia tomar, só quando ele estivesse em movimento. O fardamento do pessoal que trabalhava nos bondes era impecável: calça, camisa, casaco, quepes, botas, cintos e crachás - a lembrança mais viva que eu tenho era dos botões do uniforme que estavam sempre brilhando. Eles me encantavam, eram de bronze e estavam sempre lustrados com um abrasivo de nome Brasso.

Negro Danilo dirigia o bonde que saía da frente do Hospital Psiquiátrico São Pedro, no Partenon, passava pela Bento Gonçalves e João Pessoa e terminava na Riachuelo, esquina com a Borges de Medeiros, em frente a Padaria Touro. Os locais de desembarques eram infinitos, mas, o mais charmoso para mim era o da Praça XV de Novembro, o point da cidade, com o seu chalé de mais de cem anos, local dos lambe-lambes, dos sucos de coco e da malandragem do portinho.

Agora, o mais importante era que o negro Danilo era um Babalaô do Batuque, considerado uma fera no tambor e no canto para os Orixás, mestre em danças e coreografias de encher os olhos. Nos Batuques nunca tirei os olhos dele e de sua dança. Ele, sabendo da minha confessada admiração, me convidava a participar e ensaiar os primeiros passos, ainda que timidamente. Sentia-me feliz por estar dançando ao lado de um grande mestre das danças afros. Com ele aprendi que dançar é uma das formas de entrar em comunhão com os Orixás. Os passos do negro Danilo tinham a leveza de uma pluma, seus movimentos eram ritmados e

harmônicos. As coreografias que executava tinham uma suavidade tal que era capaz de inebriar quem o visse dançar. Sua expressão corporal traduzia o amor pelos Orixás, e cantava com um sorriso estampado na cara e os olhos brilhando de emoção.

Um dia lhe perguntei porque o Batuque tinha tantos gestos e o que eles significavam, e ele, tentando explicar para uma criança de oito anos, usava uma dialética engraçada e cômica.

- Meu branco (era assim que ele me chamava), eu sou como um macaco quando imito os Orixás, eles, por sua vez, querem eternizar seus conhecimentos, razão pela qual me ensinam e eu, por minha vez, ensino para ti aprenderes, e tu vais ensinar outros e assim por diante. Assim os Orixás ficarão felizes, com a certeza de que as lendas, a cultura e as danças não irão morrer.

De outra feita perguntei o porquê de tantos gestos e movimentos que os Orixás faziam. Ele me disse:

- Meu branco, os Orixás quando dançam, contam as lendas e as histórias de suas passagens aqui na terra. Estes gestos representam simbolicamente as lutas, guerras, conflitos de amor, vaidade, ternura, sofrimento e paz.

Ele ria enquanto me ensinava, um riso debochado e escrachado, se divertindo com meus gestos desencontrados.

- Meu branco, preste atenção, os Orixás quando dançam querem ser humanos, os humanos quando dançam querem ser Orixás. Nós, quando imitamos seus movimentos, queremos ser como eles. Somos como macacos brincando com o próprio rabo.

E tome-lhe risada e mais risada. Ria-se de si próprio, fazendo palhaçada de suas dificuldades, querendo com isso demonstrar que tudo que ele sabia era insignificante perante a grandeza dos Orixás.

Eu era um moleque frágil e desengonçado, dançando parecia uma minhoca em terra quente. Nem por isso ele deixava de me incentivar. Ao meu lado, em meio ao som dos tambores, gritava:

- Dance... Dance, meu branco, só assim seremos eternos quanto eternos são nossos Orixás. Dance na vida como na morte, mas dance... Dance que tua dor e tristeza vão passar.

Entre risos e palhaçadas, um dia me cobrou uma promessa:

- Meu branco, quando eu morrer, quero que tu dances para mim e para meu Orixá no meu Arissum.

Nas festas de batuques ele conversava com os Orixás como se estivesse no boteco tomando uma pinga com alguns colegas de trabalho, não que isso representasse desrespeito ou desaforo, mas porque esta era sua forma de ser autêntico e verdadeiro.

Negro Danilo era filho de Ogum Adiolá, o chefe guerreiro, quem nunca perdeu batalha, o detentor da obé [62]. Nas cerimônias em que vi seu Orixá, sempre fui referendado por ele com seu axé e conselhos que até hoje obedeço.

Em 1966, ano em que o Brasil foi eliminado da Copa do Mundo por Portugal, com gols do negro Euzébio, considerado o Pelé da época, e os frangos do goleiro Manga, Porto Alegre cobriu-se de tristeza. Foi numa destas discussões sobre futebol no buteco do Português, que se deu a tragédia com o negro Danilo.

Sendo ele filho de Ogum, não era de levar desaforo para casa, e não é que um infeliz resolveu afrontar e desaforar o Português pela derrota do Brasil? Pra quê!

O negro Danilo tomou as dores e foi para o confronto no braço. Praticante da capoeira de Angola, com movimentos graciosos mostrou para todos porque era considerado um mestre. Mas o destino tem suas quebradas, as quais ninguém sabe explicar. Num ato covarde, alguém que não fazia parte da briga, o apunhalou pelas costas. Tombou o grande mestre.

Tentando salvá-lo, levaram o negro Danilo para o Hospital da Santa Casa de Misericórdia. Todos os esforços foram inúteis. Ele ainda penou por alguns dias, afinal, como filho de Ogum, era um guerreiro e não se entregaria tão fácil. Como sempre ele mesmo dizia: - *Se um dia eu tombar, terá de ser de pé, não deixarei o gostinho da derrota para meus inimigos.*
Eu e meu pai fomos visitá-lo no hospital. Abraçou-me e falou:

[62] Faca sacralizada para realizar sacrifícios.

- Não esqueça do que tu me prometeste e de tudo que te ensinei. Dance, e a dança te levará a comungar com o teu Orixá.

Danilo, negro de beleza rara, benquisto pelo mulherio da vila, deixou uma lista infindável de viúvas. O povo do batuque chorou comovido e o morro cobriu-se de luto. Os amigos se cotizaram para as despesas do Arissum. Queriam fazer uma festa para honrar tudo o que ele deixara de ensinamentos. À noite os tambores vibraram na despedida final. Dona Chininha de Yansã, Mãe de Santo do negro Danilo, dominada pela dor, mantinha firmeza na obrigação do Arissum.

A mesa foi montada no meio do salão e sobre ela, tudo das frentes, feituras e tudo que a boca come. O povo aguardava para iniciar a roda de prontos e a quebra das vasilhas. Na cabeceira da mesa o último banquete do finado: um alaminuta e, para beber, cerveja Malzebier e um samba (cachaça com Coca Cola). E tudo mais que ele adorava comer.

Fiquei impressionado ao ver meu pai abrir um pacote e tirar dali três pastéis - aqueles enormes pastéis do Português, e colocá-los num prato para o finado. Então não era apenas eu que era louco por aqueles pastéis. Apesar de nada entender, eu tinha curiosidade em acompanhar tudo aquilo, minha alma de menino queria ajudar, participar, estar junto na hora da despedida.

Mãe Chininha chamou um Filho de Santo e mandou me levar até minha mãe (minha casa ficava ao lado). Somente os Filhos prontos tinham acesso àquela cerimônia. Os tambores

vararam a noite num som nostálgico, de dor e sofrimento. Os mesmos tambores que evocam os Orixás para trazer alegria, agora choravam a morte daquele que foi seu maior bailarino. Meus ouvidos não podiam suportar o som e o canto. Tinha a impressão de que meu quarto estava colado ao salão onde acontecia a cerimônia.

Resultado: fugi e fui para frente da casa. Me escondi atrás da casa do Bará Lodê de Dona Chininha de onde eu podia ver tudo o que se passava no salão. O tamboreiro negro Zé de Yemanjá, filho carnal de Dona Chininha, com lágrimas nos olhos, revelava em seu toque e canto o sofrimento da perda.

Na cabeceira da mesa, sentado e de costas, uma figura que eu nunca esqueceria. Mesmo à distância eu podia ver o meu mestre: negro Danilo de Ogum, saboreando sua última refeição. A cada garfada que ele levava a boca eu sentia o gosto na minha, cada gole de cerveja que ele tomava, descia em minha garganta, inebriando os sentimentos. Quando começou a comer os pastéis, pude entender o mistério que nos envolvia. Ele sabia que eu gostava daqueles pastéis e sempre me oferecia um quando íamos visitá-lo. Agora eu comia os três com grande prazer e satisfação. Cada mordida naqueles pastéis era intercalado com um gole de samba. Bucho forrado pelas iguarias daquela mesa, fiquei honrado por meu mestre ter dividido comigo seu último banquete e feliz em estar participando dos mistérios de um Arissum. Ainda pensei: "que bobagem este tal de Arissum, isso aqui é muito do bom".

Quando os tambores tocaram para as despedidas finais, eu estava sentado em frente a porta da casa do Bará Lodê comendo um farto prato de arroz com galinha, com os dedos lambuzados. Ao levantar os olhos em direção a porta, vi o negro Danilo me convidando para

dançar. Fiquei indeciso entre a dança e a comida. Mas, como não poderia fazer esta desfeita ao meu amigo Danilo, larguei o prato e tentei me levantar para ir ao seu encontro. Foi quando senti as pernas bambas, parecia que a cachaça e a cerveja não tinham descido muito bem, pois não conseguia me firmar de pé.

O interessante é que comecei a achar graça de tudo aquilo, acompanhado pelo Danilo que se contorcia de tanto que rir do porre que eu havia tomado. Experimentei várias vezes me levantar, mas a cada tentativa, tomava um outro tombo e enlameava ainda mais minha calça. Durante a noite havia caído uma librina fraquinha, mas o suficiente para embarrar a frente da casa. Foi quando duas mãos fortes me seguraram pelos fundilhos e me conduziram para dentro do salão. Era meu pai, furioso por minha bisbilhotice.

Colocado de pé, consegui me equilibrar. Dona Chininha prendeu o grito com meu pai e com meu amigo Danilo:

- *Aldino, solta o moleque e deixe-o dançar, porque ele está tomado pelo Danilo. Danilo, negro infeliz, toma cuidado com este menino.*

Livre e solto, sujo e embarrado, bêbado e anestesiado, fui conduzido pelas mãos do negro Danilo e dancei... Dancei alujás, locori, odãs e tudo que o tamboreiro tocou naquela noite.

Numa apoteose final me esborrachei no chão. Acordei três dias depois com a maior ressaca do mundo e uma baita dor de cabeça. Até hoje três coisas não posso ver: pastéis com ovo, samba e a tal de alaminuta.

Quanto ao Negro Danilo, às vezes aparece para bater um papo.

Adaptação e Layout: Luiz L. Marins
GRUPO ORIXAS
http://grupoorixas.wordpress.com

***Orí Nìkàn*:**

o culto de *Orí* como *Òrìṣà* individual.

Luiz L. Marins

2ª edição
revista e complementada

Setembro /2011

INTRODUÇÃO

O propósito deste texto é apresentar alguns versos de *Ifá* que mostram a independência de *Orí* em relação aos *Òrìs̱à*. Tal intenção pode parecer redundância para alguns centros religiosos mais centralizados, entretanto, não o é para outros segmentos mais regionalizados e afastados das regiões tidas como centros afro-religiosos.

Não será propósito deste trabalho o estudo da Noção de Pessoa propriamente dita, embora esteja intimamente relacionada com o monoteísmo de *Orí*.

Sim, *Orí* é um culto e rito monoteísta, ele é único para cada pessoa. Em seu monoteísmo estão embutidos, subentendidos e resumidos, os conceitos de *ìpín-odù* (destino), *ìdílé* (clã), *è̱mí* (espírito eterno), *e̱nìkejì* (duplo espiritual), *o̱kàn* (individualidade, alma), *ìwa* (caráter), *ìpilè̱s̱è̱* (origem) *egbé̱-ò̱run* (sociedade espiritual), *àlàbò'run* (protetor espiritual), *ipò̱rí* (origem ancestral), *e̱bí* (família) etc.[63]

Para nosso propósito, *Orí* será tratado como um aglutinador e concentrador de todas estas "qualidades". Sobre a individualidade de *Orí*, vejamos o que diz Abimbola (1975, pg. 114-6):

---

[63] Estes conceitos foram estudados nas edições anteriores da Revista Olorun (http://www.olorun.com.br).

" [...] Os iorubas reconhecem *Orí* como um dos deuses de seu panteão. De fato, num certo sentido, *Orí* pode ser considerado como o deus mais importante sobre todos os outros [exceto *Olódùmarè*]. O *Orí* de todo ser humano é reconhecido como seu deus pessoal, do qual espera-se que seja o mais preocupado com seus interesses, muito mais que os outros deuses que são considerados como pertencentes a todos. Como um deus, *Orí* é cultuado e propiciado pelos iorubas, [e] os deuses, eles mesmos tem seu próprio *Orí* dirigindo seus afazeres diários da vida. Assim como os humanos, os deuses conhecem os desejos de seu *Orí* através da consulta de *Ifá;* [e] *Ọ̀rúnmìlà,* ele próprio, consulta seus instrumentos divinatórios para conhecer os desejos de seu *Orí* [...] Neste tema sobre *Orí* podemos encontrar mitos que explicam o processo de seleção de *Orí* no *ọ̀run* para o sucesso ou falência individual na terra. Estes mitos também enfatizam o ponto que *Orí* é maior que qualquer outro deus e que cada pessoa deveria levar todos os seus problemas primeiro para seu *Orí* [...].

ORÌ NÌKÀN

Dos versos de Ifá que falam de *Orí*, queremos destacar o *léselése*[64] *Orí Nìkàn* (*Orí*, o único), pois nenhum é tão significativo para os 193orubas, e ao mesmo tempo tão revolucionário para nós, afro-brasileiros.

Ao refletirmos sobre profundidade deste poema, chegamos a 193oru-lo à guisa de uma reforma religiosa, que talvez tenha ocorrido em algum momento imensurável do caminhar espiritualista dos antigos povos nagô, hoje unificados sob o nome internacional de 193orubas.

Este poema foi coletado em pesquisa de campo por Abimbola (1976, pg. 158), publicado com edição da Unesco.[65]

Resumo:

"*Ifá* reuniu-se com vários *Òrìṣà* e perguntou-lhes qual deles poderia acompanhar seu devoto numa longa viagem, sem retornar. Um de cada vez, todos *Òrìṣà* responderam que sim, que poderiam. Então *Ifá* perguntou, um a um, o que ele faria, se antes da viagem, ele visitasse sua terra natal, e lá fosse recebido com festa, e lhe fossem oferecessem todas as comidas e bebidas de que ele mais gostava. Responderam que primeiro comeriam e beberiam até ficarem fartos, e depois iriam para suas casas. Então Ifá disse-lhes que eles não poderiam

---

[64] Poema. Literalmente, "uma lista de ...", no caso, versos. (CMS, 2001, pg. 153).
[65] A tradução é nossa, a partir do inglês, com consultas aos dicionários de ioruba, quando necessárias.

acompanhar seu devoto. Eles pediram então a Ifá, que lhes dissesse quem poderia então acompanhar seu devoto para onde ele fosse. Ifá respondeu que *Orí*, é o único que pode acompanhar ser devoto para onde quer que ele vá." [66]

Ògùndà-Méjì [67]
Orí Nìkàn (*Orí* é o único) [68]

1. "Quando entramos no quarto sagrado"
2. "Abaixamos a cabeça na porta"
3. *Àpèjo Òrìsà, Àpèjo Ifá* [69]
4. *Ifá* colocou a seguinte questão:
5. Quem entre os *Òrìsà* pode acompanhar *Ènia* numa longa viagem sem retornar?
6. *Sàngó* disse que ele poderia.
7. Foi perguntado a ele:
8. "O que você faria?"
9. "Se após tiver caminhado por um longo tempo"

---

[66] Segundo Abimbola, o *bàbáláwo* informante deste e outros poemas do livro é Alawonifa Animasaum Oyedele Isola, 48 anos (na época), Ile Beesin, Pakoyi, Oyo, entre 1963 e 1970; método de pesquisa: gravação e escrita; local da coleta: Baàsi e Oǹsà campus, Oyo.

[67] Um dos dezesseis principais signos divinatórios de Ifá, chamados Ojú Odù.

[68] A versão e adaptação do texto é nossa, como também o título dado, que foi tomado por empréstimo de um dos versos finais do próprio poema, na sua versão em ioruba.

[69] "Reunião de Orixá, reunião de Ifá". Inserimos este verso para melhor adequação do texto, sem prejuízo do contexto.

10. "Você chegasse em *Kòso*, seu *ìdílé*, e eles te preparassem:"
11. 1 *àgbo* (carneiro)
12. 2 *àkùko* (galo)
13. G*bègìrì* (um tipo de sopa de feijão)
14. *Okà* (pudim de farinha de inhame)
15. *Órógbó* (noz de cola amarga)
16. *Sàngó* respondeu:
17. "Depois que comer até ficar satisfeito"
18. "Eu retornaria para minha casa"
19. Foi dito para *Sàngó*
20. Que ele não poderia acompanhar *Ènia* numa longa viagem sem retornar.
21. *Àpèjo Òrìsà, Àpèjo Ifá*
22. *Ifá* colocou a seguinte questão:
23. Quem entre os *Òrìsà* pode acompanhar *Ènia* numa longa viagem sem retornar?
24. *Oya* disse que ela poderia.
25. Foi perguntado a ela:
26. "O que você faria?"
27. "Se após você tiver caminhado um longo tempo"
28. "Você chegasse em *Irá*, seu *ìdílé*, e eles te preparassem:"
29. 1 *ewúre* (cabra)
30. 2 *àgbébò* (galinha)
31. 1 *ìkòkò ègbo* (1 pote de milho cozido)
32. *Oya* respondeu:
33. "Depois que comer até ficar satisfeita"
34. "Eu retornaria para minha casa"

35. Foi dito para *Oya*
36. Que ela não poderia acompanhar *Ènia* por uma longa viagem sem retornar
37. *Àpèjo Òrìsà, Àpèjo Ifá*
38. *Ifá* colocou a seguinte questão:
39. Quem entre os *Òrìsà* pode acompanhar *Ènia* numa longa viagem sem retornar?
40. *Òòsààlá* disse que ele poderia.
41. Foi perguntado a ele:
42. "O que você faria?"
43. "Se após tiver caminhado por um longo tempo"
44. "Você chegasse em *Ifón*, seu *ìdílé,* e eles te preparassem:"
45. 1 *ewuré* (cabra)
46. 2 *àgbébò* (galinha)
47. *Ìgba ìgbín* (duzentos caracóis)
48. 2 *eiyelé* (pombo)
49. *Ègbo* (milho branco cozido)
50. *Òòsààlá* respondeu:
51. "Depois que comer até ficar satisfeito"
52. "Eu retornaria para minha casa"
53. Foi dito para *Òòsààlá*
54. Que ele não poderia acompanhar *Ènia* numa longa viagem sem retornar.
55. *Àpejo Òrìsà, Àpejo Ifá*
56. *Ifá* colocou a seguinte questão:
57. Quem entre os *Òrìsà* pode acompanhar *Ènia* numa longa viagem sem retornar?
58. *Èsù* disse que ele poderia.
59. Foi perguntado a ele:

60. "O que você faria?"
61. "Se após tiver caminhado por um longo tempo"
62. "Você chegasse em *Kétu*, seu *ìdílé,* e eles te preparassem:"
63. 1 *obúk<u>o</u>* (cabrito)
64. 2 *ákùko adìe* (galo)
65. *<u>E</u>po pupa* (azeite de dende)
66. *Ès<u>ù</u>* respondeu:
67. "Depois que comer até ficar satisfeito"
68. "Eu retornaria para minha casa"
69. Foi dito para *Ès<u>ù</u>*
70. Que ele não poderia acompanhar *Ènia* numa longa viagem sem retornar.
71. *Àpèj<u>o</u> Òrìs<u>à</u>, Àpèj<u>o</u> Ifá*
72. *Ifá* colocou a seguinte questão:
73. Quem entre os *Òrìs<u>à</u>* pode acompanhar *Ènia* numa longa viagem sem retornar?
74. *Ògún* disse que ele poderia.
75. Foi perguntado a ele:
76. "O que você faria?"
77. "Se após tiver caminhado por um longo tempo"
78. "Você chegasse em *Ìré*, seu *ìdílé,* e eles te preparassem:"
79. 1 *ajá* (cachorro)
80. 2 à*kùk<u>ò</u>* (galo)
81. *<u>È</u>wà dín* (feijão frito)
82. *<u>O</u>tí-bàbà* (cerveja de milho)
83. *<u>E</u>po pupa* (azeite de dende)
84. *Ògún* respondeu:

85. “Depois que comer até ficar satisfeito”
86. “Eu retornaria para minha casa”
87. Foi dito para *Ògún*
88. Que ele não poderia acompanhar *Ènia* numa longa viagem sem retornar.
89. *Àpèjo Òrìsà, Àpèjo Ifá*
90. *Ifá* colocou a seguinte questão:
91. Quem entre os *Òrìsà* pode acompanhar *Ènia* numa longa viagem sem retornar?
92. *Òsun* disse que ela poderia.
93. Foi perguntado a ela:
94. “O que você faria?”
95. “Se após tiver caminhado por um longo tempo”
96. “Você chegasse em *Ìjùmu*, seu *ìdílé,* e eles te preparassem:”
97. 1 e*wúre* (cabra)
98. 2 *àgbébò* (galinha)
99. *Èko* (pudim de farinha de milho)
100. *Yánrin* (língua-de-vaca)
101. *Sèkèté* (cerveja de milho)
102. *Oyin* (mel)
103. *Òsun* respondeu:
104. “Depois que comer até ficar satisfeita”
105. “Eu retornaria para minha casa”
106. Foi dito para *Òsun*
107. Que ele não poderia acompanhar *Ènia* numa longa viagem sem retornar.
108. *Àpèjo Òrìsà, Àpèjo Ifá*
109. *Ifá* colocou a seguinte questão:

110. Quem entre os *Òrìsà* pode acompanhar *Ènia* numa longa viagem sem retornar?
111. *Òrúnmìlà* disse que ele poderia.
112. Foi perguntado a ele:
113. "O que você faria?"
114. "Se após tiver caminhado por um longo tempo"
115. "Você chegasse em *Ìgètí*, seu *ìdílé*, e eles te preparassem:"
116. 2 *ewúre* (cabra)
117. 2 *àgbébò* (galinha)
118. 2 *eku* (rato do mato)
119. 2 *eja* (peixe)
120. *Okà* (pudim de farinha de inhame)
121. *Ata* (pimenta)
122. *Sèkèté* (cerveja de milho)
123. *Òrúnmìlà* respondeu:
124. "Depois que comer até ficar satisfeito"
125. "Eu retornaria para minha casa"
126. Foi dito para *Òrúnmìlà*
127. Que ele não poderia acompanhar *Ènia* numa longa viagem sem retornar.
128. Todos ficaram confusos, eles se calaram.
129. Eles não puderam dizer uma só palavra
130. Porque eles não entenderam o assunto
131. Um a um, eles estavam dizendo:
132. "*Òrúnmìlà mo jéwó òbùn*"
133. "*Wáá dáso ró mí*"
134. "*Òrúnmìlà, ìwo laráa 'wájú*"

135. *"Èmi lèrò eyìn"*
136. *"Se bí ìwo lò ó k'ómo lóràn bí ìyekan omo"*
137. *"Èmi lèrò eyìn"*
138. "*Òrúnmìlà*, eu confesso minha ignorância"
139. "Por favor, cubra-me com sua sabedoria"
140. "*Òrúnmìlà*, você é o líder".
141. "Eu sou seu seguidor"
142. "Você é o instruído que ensina coisas sabedoria para seus filhos"
143. "Eu sou seu seguidor"
144. *Àpejo Òrìsà, Àpejo Ifá*
145. *Ifá* colocou a seguinte questão:
146. Quem entre os *Òrìsà* pode acompanhar *Ènia* numa longa viagem sem retornar?
147. *Ifá* disse: é *Orí* !
148. "*Orí* é o único que pode acompanhar *Ènia* numa longa viagem sem retornar".
149. *Òrúnmìlà* disse:
150. "Quando um sacerdote de *Ifá* morre"
151. "Dizem que seus instrumentos divinatórios devem ser jogados num buraco"
152. "Quando um *omo-Sàngó* morre"
153. "Dizem que suas ferramentas deveriam ser jogadas fora"
154. "Quando um *omo-Òòsààlá* morre"
155. "Dizem que seus instrumentos devem ser enterrados com ele"
156. "Mas, o *Orí* de *Ènia* nunca é separado dele".
157. Eles tinham agora entendido a mensagem de *Ifá*
158. Eles estavam alegres, eles estavam cantando:
159. *"Bí mo bá lówó lówó"*

160. *"Orí ni n ó rò fún"*
161. *"Orî mi, ìwo ní"*
162. *"Bí mo bá bímo láyé"*
163. *"Orí ni ó rò fún"*
164. *"Orî mi, ìwo ní"*
165. *"Ire gbogbo tí mo bá ni láyé"*
166. *"Orí ni ó rò fún"*
167. *"Orî mi, ìwo ní"*
168. *"Orí pèlé"*
169. *"Atèté níran"*
170. *"Atètè gbe'ni k'òòsà"*
171. *"Kò s'óòsà tí í dá'ni í gbè"*
172. *"Léyìn Orí ení"*
173. *"Orí, pèlé"*
174. *"Orí àbíyè"*
175. *"Eni Orí bá gbeboo rè"*
176. *"K'ó yò sèsè"*
177. "Se eu tenho dinheiro"
178. "É a *Orí* a quem eu devo louvar"
179. "Se eu tenho filhos na terra"
180. "É a *Orí* a quem eu devo louvar"
181. "Meu *Orí*, é você que eu louvo"
182. "Todas as coisas boas que eu tenho na vida"
183. "É a *Orí* quem eu devo louvar"
184. "Meu *Orí*, é você que eu louvo"

185. “É *Orí* aquele que eu sempre louvarei”
186. “Meu *Orí*, é você que eu louvo”
187. “Eu te saúdo”
188. “Você é aquele que não esquece *Ènia*”
189. “Que abençoa *Ènia* mais que qualquer outro *Òrìsà*”
190. “Nenhum *Òrìsà* abençoa um homem”
191. “Sem o consentimento de seu *Orí*”
192. “*Orí*, eu te saúdo”.
193. “A pessoa que fez *ìborí*”
194. “Aceito pelo seu *Orí*”
195. “Receberá muitas alegrias”
196. *Àpèjo Òrìsà, Àpèjo Ifá*
197. *Ifá* colocou a seguinte questão:
198. Quem entre os *Òrìsà* pode acompanhar *Ènia* numa longa viagem sem retornar?
199. *Ifá* disse: *Orí!*
200. *Orí* é o único que pode acompanhar *Ènia* numa longa vi viagem sem retornar.
201. *Ifá* diz assim.

OS ÒRÌSÀ CULTUAM *ORÍ*

Um *ese Ifá* do *odù Etaògùndà*, recitado pelo *Bàbálòrìsà* Salako de Oyo, coletado e publicado por Bascom (1993, pg. 451), mostra que o próprio *Òrìsà* cultua *Orí*.

Resumo

"*Yemoja* consultou *Ifá* porque não tinha filhos. Foi dito a ela que ela deveria fazer uma oferenda para seu *Orí*. Ela seguiu a receita de *Ifá*, e ofereceu tudo para seu *Orí*. Depois que ela fiz isso, ela passou a gerar muitos filhos, inclusive, Dàda, Sàngó e Egúngún."

Etaògùndà
Yemoja faz ebo a *Orí* para ter filhos [70]

202. *Quando sacrificamos ìgbín (caracol)*
203. *Nós não encontramos épón (vermelhão)*
204. *Ode ògòngò precisa ter sempre omi*
205. *Jogo para Yemoja Omígbadé Àdùfé*
206. *Filha de Aje'gòngò*
207. *Yemoja disse:*
208. *"O que posso fazer para ter muitos filhos?"*
209. *Eles disseram que ela deveria fazer uma oferenda*
210. *O que ela deveria oferecer?*
211. *26.000 búzios*
212. *1 aso funfun (pano branco)*
213. *Omi tútù [71] (água fria)*
214. *16 Ìgbín (caracóis)*
215. *16 Ògòngò (larvas de palmeira)*
216. *Eles disseram que ela deveria oferecer tudo para seu Orí*
217. *Ela deveria que ela deveria pegar um pote de água fria*
218. *Colocar os dezesseis ògòngò e os dezesseis ìgbín, dentro*
219. *E beber dessa água todos os dias*
220. *Yemoja ouviu, ela fez o sacrifício.*

---

[70] A versão e adaptação do texto é nossa.
[71] Advérbio quantitativo (CMS, 2001, pg. 155).

221. *Depois que ela fez as oferendas*
222. *Ela começou a ter filhos,*
223. *E seus filhos foram numerosos*
224. *Ela deu nascimento a Dàda*
225. *Ela deu nascimento a Sàngó*
226. *Ela deu nascimento a Egúngún*
227. *Ela estava louvando os awo*
228. *E os awo estavam louvando Òrìsà*
229. *Eles estavam cantando:*
230. *"A pà'gbín"*
231. *"Nwon ò k'épón"*
232. *"Nós sacrificamos ìgbín (caracol)"*
233. *"Não encontramos épón (vermelhão)"*
234. *Jogo para Yemoja Omígbadé Àdùfé*
235. *Filha de Aje'gòngò*
236. *Òrìsà diz: ire omo!*
237. *Òrìsà diz assim.*

OS BABALAÔS SÃO ORIENTADOS PARA CULTUAR *ORÍ*

O próximo *ese Ifá* pertencente ao *odù Òyèkú-Méjì* publicado por Abimbola (1976 b, p. 143), mostra os babalaôs sendo orientados por *Èsù* a cultuarem *Orí*, para conseguirem todas as coisas boas da vida.

Resumo

"Os sacerdotes de *Ifá* consultaram *Ifá* a respeito de suas próprias vidas, pois estavam passando necessidade de tudo. Mas tudo o que eles desejavam, *Ifá* não desejava.

Òrúnmìlà disse-lhes que eles fossem queixar com *Èsù*. Eles foram.

Èsù, disse-lhes que eles fossem queixar-se com *Orí*. Eles fizeram isso.

Depois que eles foram falar com *Orí*, a vida deles melhorou, e ele começaram a conquistar todas as coisas boas da vida."

Òyẹ̀kú-Méjì

Ifá diz que devemos pedir tudo ao nosso *Orí*

1. *Olóòótọ́ tí ḿbẹ láyé ò p'ógún*
2. *Ṣìkàṣìkà ibẹ̀ wọn ò mọ níwọ̀n ẹgbẹ̀fà*
3. Homens maus são a maioria
4. O dia da justiça não está longe
5. É por isto que alguém não se ofende
6. *Ifá* foi consultado sobre vários assuntos
7. Que os sacerdotes de *Ifá* desejavam,
8. Mas que não era desejo de *Ifá*.
9. Eles não tinham dinheiro,
10. Eles não tinham mulheres,
11. Eles não tinham filhos.
12. Eles queixaram-se com *Ọ̀rúnmìlà*
13. Eles disseram que estavam procurando estas coisas
14. *Ọ̀rúnmìlà* disse-lhes que fizessem seus pedidos a *Ẹ̀ṣù*
15. Eles foram e queixaram-se com *Ẹ̀ṣù*
16. *Ẹ̀ṣù* disse-lhes que todas as coisas que eles desejavam
17. Não eram as coisas que *Ifá* desejava
18. *Ẹ̀ṣù* disse-lhes:
19. "Vocês, sacerdotes de *Ifá*"
20. "Vão queixar-se com seu *Orí*"
21. Eles ouviram,

22. Eles foram queixar-se com *Orí*
23. Quando os *babaláwo* fizeram assim
24. A vida deles veio a ser boa
25. Eles começaram a dançar
26. Eles estavam alegres
27. Eles estavam louvando os sacerdotes de *Ifá*
28. Eles estavam cantando:
29. *"Orí mi, òlùgbàlà mí"*
30. *"Àpo'ore, òlùgbàlà mí"*
31. "Meu *Orí*, meu salvador"
32. "*Àpo'ore*, minha salvação"
33. Eles disseram que *Ifá* tinha falado a verdade
34. *Olóòótó tí mbe láyé ò p'ógún*
35. *Sìkàsìkà ibè won ò mo níwòn egbèfà*
36. O dia da justiça não está longe
37. É por isto que alguém não se ofende
38. *Ifá* foi consultado sobre vários assuntos
39. Que os *babaláwo* desejavam
40. Mas que não era desejo de *Ifá*
41. O meu *Orí* é aquele a quem eu devo pedir
42. E são as orientações do meu *Orí* que devo seguir
43. Para conseguir todas as coisas boas na vida
44. Ifá diz assim.

ORÍ VENCE OS *ÒRÌSÀ*

O poema a seguir, também narrado por Salako e publicado por Bascom (1993, p. 141) mostra-nos como *Orí* lutou e venceu os *Òrìsà*.

Resumo:

"Os *Òrìsà* estavam indo para uma reunião na casa de *Olofin*, e *Orí* também estava com eles. No meio da caminho, uma mulher que trazia dois *obí* na mão, passou por eles e não os cumprimentou. *Sàngó* pediu-lhe satisfação, mas não conformado, tomou-lhe os *obì* [72], comeu um, e pegou o outro para levar a *Olofin*. Quando lá chegaram, todos *Òrìsà* saudaram *Olofin* e deram-lhe presentes. *Sàngó* ofereceu-lhe o *obì* que havia tomado da mulher. *Orí* então perguntou quem havia tomado *obì* da mulher no caminho, e *Sàngó* respondeu que foi ele. *Orí* disse a *Sàngó* que ele era um estúpido, no que *Sàngó* retrucou. Eles começaram a lutar. *Orí* levantou *Sàngó* e o lançou para *Koso*. Os outros *Òrìsà* vieram ajudar *Sàngó*, mas *Orí* levantou cada um deles e os lançou para suas cidades. Assim *Orí* venceu a todos. Três anos depois, os *Òrìsà* reuniram-se novamente e disseram que a questão com *Orí* não estava resolvida. Eles iriam lutar de novo, e foram para a casa de *Orí*. Mas *Orí* tinha consultado *Ifá* antes e foi dito para ele que tivesse muita comida e bebida na sua casa. Eles fez isso. Quando os *Òrìsà* chegaram, eles o chamaram para lutar, mas *Orí* perguntou a cada um deles, se eles estavam bem nas cidades que ele, *Orí*, os havia lançado. Eles responderam que sim, eram

---

[72]Noz de Cola. *Cola Acuminata*.

cultados e tinham todas as coisas boas da vida. Então *Orí* disse que se não fosse por ele, eles não teriam nada disso. *Orí* mandou-os entrar e serviu-lhes muita comida e bebida. Todos comeram, cantaram e dançaram. Assim *Orí* superou a todos *Òrìṣà*."

Ejiogbè [73]
Orí vence os *Òrìṣà*

1. *Oluwárá Okun* [74]
2. *Abori le kókó bi ṣerín*
3. "Aquele que tem a cabeça dura como ferro"
4. *Eku Ọsanyin wo orun ma la*
5. "As sementes de *Ọsanyin*,[75] o sol bate mas não as racha"
6. *Alawọ nwọn ni bimọ tipatile*
7. "Uma mulher briguenta dá à luz com dificuldade"
8. Jogo para *Orímọjajuwọn* [76]
9. Filho de *Magala*, [77] que usa *ade'wo* [78]
10. Quando os *Òrìṣà* queriam lutar com ele, para domina-lo.

---

[73] O mesmo que *Ogbè Méjì*, o primeiro signo divinatório de *Ifá*.
[74] Nome de um sacerdote de *Ifá*.
[75] Deus dos remédios de ervas (fitoterapia), que conhece os poderes das ervas.
[76] "*Orí* é a melhor defesa"
[77] Sem identificação.
[78] Coroa de búzios.

11. Foi dito para *Orí* que ele deveria ter sempre em casa,
12. Muitos tipos de comida,
13. E muitos tipos de bebida,
14. *Orí* ouviu, ele fez assim.
15. Sim! Ali estava *Orí*
16. Ali também estava *Ajé* [79]
17. *Ajé* não tinha marido para conversar, o que ela deveria fazer?
18. Eles disseram que ela deveria pegar dois *obì*
19. E ir falar com *Orí*
20. Quando *Ajé* pegou os dois *obì* e estava no caminho
21. Ela encontrou os dezesseis *Òrìṣà*
22. Ela passou entre eles sem os saudar
23. *Ṣàngó* disse:
24. "Você mulher, que está passando, por que não nos saudou?"
25. Ela disse:
26. "Eu? Quando? Eu não os vi."
27. *Ṣàngó* levantou-se, e tomou os *obì* das mãos de *Ajé*
28. Ele pegou um *obì* e comeu-o inteiro,
29. E outro ele guardou para levar a *Ọlọfin*.
30. Eles foram.
31. Quando *Orí* estava sentado com *Ọlọfin*
32. Ele (*Ṣàngó*) veio e deu-Lhe o *obì*
33. *Ọlọfin* agradeceu-o.

---

[79] Deusa do dinheiro.

34. *Orí* disse:
35. "Quem tomou *obì* de *Ajé*?"
36. *Sàngó* disse: "Fui eu".
37. *Orí* disse:
38. "Isto mostra justamente como você é estúpido por toma-lo"
39. *Sàngó* disse: "Eu? Lakio? [80]
40. Ele disse:
41. "*Orí*, o que você pode fazer?"
42. Eles começaram a lutar,
43. *Orí* pegou *Sàngó* e lançou-o para Koso
44. *Òrìsà Oko* disse: "Ha! meu amigo."
45. *Orí* o pegou e lançou-o para Irawo
46. *Ifá* disse: "Ha! Meu irmão caçula."
47. *Orí* o pegou e lançou-o para Ado
48. Ele pegou *Oya* e lançou-a para Ira
49. E lançou *Egúngún* para Oje
50. *Sànpànná* disse: "Ha! Quem é você para me lançar."
51. Ele pegou *Sànpànná* e lançou-o para Egùn
52. Ele pegou *Elégbára* e lançou-o para Iworo
53. Ha! Ele lançou *Obalufon* para Ẽr̃ìn
54. O que estava acontecendo?
55. O que eles poderiam fazer?
56. Eles foram embora.

[80] Sem tradução.

57. *Òrìṣà Oko* em Irawo disse que eles deveriam fazer assim.
58. No terceiro ano, eles reuniram-se novamente,
59. Eles disseram:
60. "*Orí*, nossa luta de outro dia, nós lutaremos novamente"
61. "Para ver como *Orí* poderá lançar-nos todos juntos"
62. Eles vieram para a casa de *Orí*
63. E *Orí* estava ali
64. Quando os *Òrìṣà* chegaram
65. Eles disseram:
66. *"Orí o! O ku o!*
67. "*Orí!* Saudações"
68. *Orí* respondeu: "*Ho!*"
69. Eles disseram: "Venha"
70. "A luta de outro dia está de volta"
71. *Orí* veio para fora,
72. Ele disse: "*Ha!*"
73. Ele disse: "Você *Ọ̀rúnmìlà*, você está aí?"
74. Ele respondeu: "Eu estou aqui".
75. Ele disse: "Eu pensei que você fosse chamado: *Akere fi ọgbọn ṣena lo nję* " [81]
76. Ele disse: "Você está aprendendo a ser tolo"
77. Ele disse: "Você está não está aprendendo sabedoria"
78. Ele disse: "Quando eu lancei você para Ado"
79. Ele disse: "O que é que você tinha?"

---

[81] "O pequeno que vive com sabedoria."

80. Ele disse: "Você é aquele que eles estão cultuando em Ado, hoje"
81. Ele disse: "*Sàngó*, o que é que você tinha?"
82. Ele disse: "Você é aquele que eles estão cultuando em Koso, hoje"
83. Ele disse: "*Òrìsà* Oko, quem era você?"
84. Ele disse: "Você é aquele que eles estão cultuando em Irawo, hoje"
85. Ele disse: "Você *Sàpànná*, o que é que você tinha?"
86. Ele disse: "Você é aquele que eles estão cultuando em Egùn, hoje"
87. Ele disse: "Você *Elégbára*, o que você tinha?"
88. Ele disse: "Você é aquele que eles estão cultando em Iworo, hoje"
89. Ele disse: "Você, Oro, quem é que eles estão cultuando em Olufon, hoje?
90. Ele respondeu: "Sou eu"
91. Ele disse: "O que vocês eram antes?"
92. Ele disse: "Você *Egúngún*, o que você tinha antes de chegar em Ojé?"
93. Ele disse: "Você ouviu isto *Obalufon*?"
94. Ele respondeu: " Eu sou aquele que eles estão cultuando em Ẽrĩn"
95. Ele disse: "Então, qual é o assunto?"
96. Eles disseram entre eles:
97. "É verdade, os lugares para onde ele nos lançou, foram bons para nós"
98. "Vamos esperar para ver o que ele fará"
99. Eles entraram na casa de *Orí*
100. *Orí* deu comida para eles,
101. *Orí* deu bebida para eles.
102. Quando eles terminaram de comer e beber,
103. Eles começaram a dançar, eles estavam alegres,

104. *Orí* estava louvando *awo* [82]
105. E *awo* estava louvando *Òrìsà*
106. *Awo* tinha falado a verdade.
107. *Oluwárá Okun*
108. *Abori le kókó bi serín*
109. “Aquele que tem a cabeça dura como ferro”
110. *Eku Osanyin wo orun ma la*
111. “As sementes de *Osanyin*, o sol bate mas não as racha”
112. *Alawo nwon ni bimo tipatile*
113. “Uma mulher briguenta dá à luz com dificuldade”
114. Jogo para *Orimojajuwon*
115. Filho de *Magala*, que usa *ade’wo*
116. *Orí* estava cantando:
117. *“Orímojajuwon, Orímojajuwon”*
118. *“Eni Orí da ko la fara we o”*
119. *“Orímojajuwon, Orímojajuwon”*
120. *“Eni Orí da ko la fara we o”*
121. “*Orí* é a melhor defesa, *Orí* é a melhor defesa”
122. “Aquele cujo *Orí* é bom, nada é melhor”
123. “*Orí* é a melhor defesa, *Orí* é a melhor defesa”
124. “Aquele cujo *Orí* é bom, nada é melhor”
125. Foi assim que *Orí* superou todos os *Òrìsà*
126. *Òrìsà* diz que *ire* [83] é o que ele está vendo

---

[82] O sacerdote de *Ifá*.

127. Assim *Òrìṣà* falou.
128. Onde nós vemos *Eji Ogbè*
129. A pessoa deve fazer um *ìbọrí*[84]
130. Assim *Òrìṣa* tem falado.

Bori tradicional: um culto à pessoa, à ancestralidade e ao destino individual. [85]

Vamos apresentar um artigo de Pierre Verger, *Bori, première cèrèmonie d'initiation au culte des orisa nago à Bahia au Brésil* "**Bori, primeira cerimonia de iniciação ao culto aos *Òrìṣà Nágò* na Bahia, Brasil** ", que mostra um rito de bori "tradicional", ainda que possamos entender por "tradicional" o rito aqui adaptado de acordo com a nossa realidade, e que possui algumas variantes, conforme a região do país.

Verger informa a data do rito como sendo 1951, mas não informa quem é o sacerdote oficiante, nem o templo religioso, embora deixe claro ter o rito ocorrido na Bahia.

O artigo é dividido em tres partes:
1ª parte, o borí propriamente dito;
2ª parte, a lavagem de contas;
3ª parte, sacrificio aos *orìṣà.*

---

[83] Todas as coisas boas.
[84] Oferenda ao *Orí.*
[85] O título sugestivo é nosso.

Publicaremos apenas a primeira parte, pois é a que está relacionada ao propósito deste trabalho.

A primeira publicação ocorreu em 1951, na *Revista do Museu Paulista*, NS, São Paulo, 9:269-91, 1955, em françês.

A segunda publicação também em francês, foi no livro *Notes sur le Culte des Orisa et Vodun a Bahia* ... Memoires do l'Institut Français d'Afrique Noire, nº. 51, Dakar, 1957, pp. 80-95.

A terceira publicação desta vez na coletânea *Olóòrìṣà, Escritos sobre a Religião dos Orixás*, organizada por Carlos Eugênio Marcondes de Moura, pela editora Ágora, São Paulo, com tradução também de Carlos Eugênio … Esta última será a publicação que transcreveremos.

Este texto de Verger não tem a pretensão de ser a descrição completa do rito, ou ser a última palavra do assunto.

Ainda que outros autores que escreveram maravilhosamente sobre o rito do *ìbọrí*, como José Beniste em "*Ọ̀run-Àiyé*", ninguém melhor que Pierre Verger, que morou e conviveu muitos anos com os iorubás, para descrevê-lo, ainda que incompleto, e assim dar credibilidade ao propósito de nosso texto.

Segue agora o texto de Verger:

"Eis uma breve descrição de uma primeira cerimônia de iniciação ao culto dos *Òrìṣà* da nação nagô Ketu, realizada na Bahia, Brasil, em fevereiro de 1951. Consiste no borí e oferendas à cabeça.

O noviço permaneceu duas semanas no terreiro (templo dos *òrìṣà).* Ele aí chegou oito dias antes da cerimônia, preparando-se, longe das agitações e das preocupações do cotidiano, para tornar-se um novo ser, pois vai nascer para a vida da seita religiosa. O ato principal desenrolou-se numa quarta-feira, dia dedicado a *Ṣàngó*, divindade do trovão.

Preeliminares

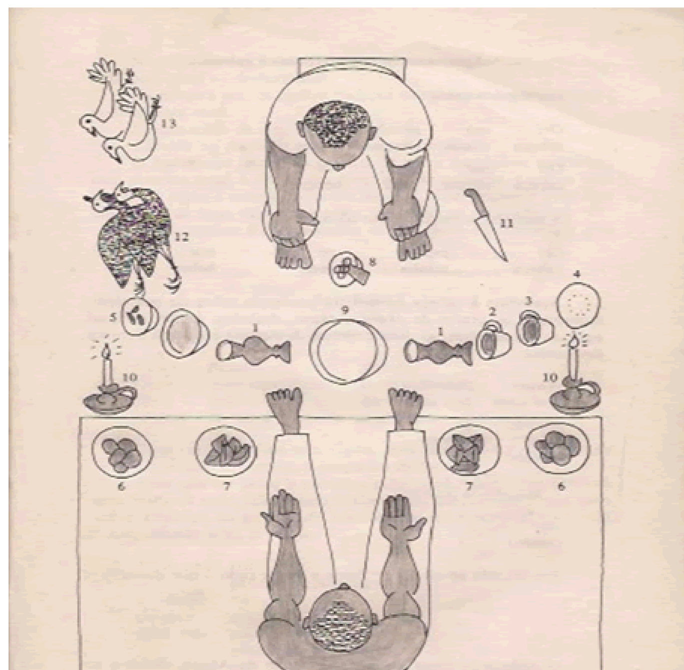
Na véspera, na terça-feira, por volta das sete horas, após tomar um banho frio, o futuro iniciado vai para o aposento vizinho ao peji ou *ilé òrìṣà* (local onde se encontra os altares dos *òrìṣà*).

Está vestido de branco, e senta-se diante da parede divisória do *peji,* isolado do solo unicamente através de um lençol branco estendido sobre a esteira. Não tem nada sobre a cabeça, apresenta-se descalço, com as pernas esticadas e as mãos espalmadas, colocadas sobre o joelho.

Um tecido branco está pregado na parede, atrás dele, e seus ombros estão cobertos por um véu branco.

O babalòrìsà senta-se diante dele em um banquinho. Sobre a esteira e em volta dele acham-se dispostos recipientes que contém:

1. omi (água)
2. epo (azeite de dende)
3. oyin (mel)
4. iyò (sal)
5. obì (noz de cola)
6. àkaràje
7. akassá
8. owó (dinheiro)
9. um igbá'san tóbi (uma cuia vazia e grande)
10. àbélá (velas)
11. obe (faca)
12. duas galinhas de angola
13. dois pombos



Olóòrìsà, escritos sobre a religião dos orixás, p. 37, Carlos Eugênio Marcondes de Moura (Org.) São Paulo, Editora Ágora, 1981. (o contraste é nosso)

Ao chamado, levanta-se e torna a sentar por três vezes seguidas. Sua cabeça é envolta com com uma faixa de tecido branco *(òjá)*, atando-o como um turbante, para em seguida, retirá-lo, muito cuidadosamente, para que não se desmanche, colocando-o sobre a esteira, entre a pernas do neófito.

O *babalòrìsà* invoca:
Àgò Irúnmólè
Àgò Igbamólè
Àgò mojúbà
Àgò mojúbà òrun
Àgò mojúbà ilè
Àgò mojúbà ewé
Àgò mojúbà omi
Àgò mojúbà bàbá
Àgò mojúbà iya
Àgò mojúbà elédàá mi

Apresentação das oferendas à cabeça

Em seguida, canta:
Orí mo pè je
Orí mo pè mu

Todos respondem em côro:
Orí pé je o pé mú

Apresenta então à cabeça do noviço, pousando sobre ela por alguns momentos, os pratos de *akarajé, akassa,* dinheiro, azeite, mel, sal, água das quartinhas, as duas galinhas de Angola, e os dois pombos, cantando:
Awure fu wú're kolobo se
Awa júbà se kolobo

Recomenda então ao noviço: "*pense e deseje tudo que quiser*".

Consulta ao oráculo

O *babalòrìsà* toma um *obì* importado da África, divide-o em quatro e, após passar sobre a cabeça do noviço, procede à adivinhação por meio de quatro pedaços jogados no chão.

Na primeira vez, dois pedaços caíram com a parte concava voltados para cima: – favorável.

Na segunda vez, três pedaços caíram com a parte côncava voltada para cima: – desfavorável.

Na terceira vez, os quatro pedações caíram com a parte côncava voltadas para cima: - Totalmente favorável -

*Alàáfia: e*xclamações de alegria da assistência.

Ligação do *Orí* com *Igbá-Orí*

O *babalòrìṣà* toma um pedaço de *obì* e mastiga-o, misturando com pimenta *(ata),* a fim de dar força às suas palavras, e coloca uma parte dele sobre a cabeça do futuro iniciado. Após encher a boca com um pouco de água, vaporiza, soprando sobre na cuia *igbá-Orí* (cuia da cabeça). Estabeleceu-se assim a comunicação mística entre o *Orí* (cabeça) e o *Igbá-Orí*.

Sacrifícios

O *babalòrìṣà* segura a faca e canta:
Ògún ṣ'oro ṣ'oró
Ẹjẹ balẹ̀ ká ara rọ̀

Esta cantiga refere-se à *Ògún*, pois este ò*rìṣà* é o senhor do ferro, e é preciso invocá-lo, a propósito da faca.

Pede que lhe deem a primeira galinha de angola *(ẹtù),* coloca uma folha na mão, coloca nela azeite e mel, e juntamente com a faca, cobre a cabeça da galinha de Angola, cortando-a, cantando, acompanhando pelos presentes:

Bí bi o bíbi ẹtù
O kéiyẹ kéiyẹ
Bí bi bíbi ẹtù
Orí o bíbi ẹtù

Faz o sangue correr na cuia *(igbá-Orí)*, apresenta o pescoço da galinha decapitada ao futuro iniciado e manda que ele lamba três vezes o sangue com a ponta da língua. Em seguida o marca com o sangue, apertando o pescoço da ave em sua cabeça, testa, têmporas, nuca, interior das mãos esquerda e direita, o dedo grande do pé direito, e faz novamente o sangue correr na cuia.

No caso presente, o sangue é colocado apenas no dedão do pé direito, que simboliza o pai morto, e não no dedão do pé esquerdo, pois a mãe do noviço ainda vive. Se ambos os pais ainda vivessem, seus pés não receberiam sangue; caso contrário, ambos os pés receberiam as marcas.

Durante a operação, o *babalòrìsà* canta, acompanhando pela assistência:

Eje yi gbalare Orí mpa o

A segunda galinha d'angola é sacrificada, obedecendo ao mesmo rito.

Os dois pombos são também sacrificados, mas suas cabeças, ao invés de serem cortadas, são presas entre o dedo maior do pé e os demais, sendo assim arrancadas.

O *babalòrìsà* canta:
Bí bi o bíbi eiyelé
O kéiye kéiye
Bí bi bíbi eiyelé
Orí o bíbi eiyelé

O *babalòrìṣà* pegas as quatro cabeças que estavam junto aos corpos dos animais sacrificados, e coloca-as no *igbá-Orí*, cantando:

Orí ãbò di o gege má ni o

O *babalòrìṣà* corta em seguida as patas das aves e coloca-as no *igbá-Orí*, cantando:

Esè etù kò o má te u
Esè eiyelé kò o má te u

Em seguida, canta para o azeite de dendê *(epo)*:

Epo di èro ni ojú olójà

Canta para o sal *(iyò)*:
Ki ko ro má ra iyò
O dun man man ma ra iyò

Canta para o mel *(oyin):*
O dùn ba t(i) olá iba t(i) olà

E misturando o azeite, o sal e o mel em uma cuia, canta:

Iyò oyin epo ro

O dùn ba t(i) olà t(i) owó

Deposita esta mistura na cuia *Igbá-Orí*, e sobre os diversos pontos da cabeça *(Orí)* e do corpo *(ara)*, já marcandos com sangue, colocando em seguida as penas maiores das aves em torno (mas dentro) da cuia, à guisa de coroa, canta:

Igbá gbogbo bò ìyé eiye

Coloca as penas menores sobre os diversos pontos marcados com sangue, azeite e mel, reservando as mais brancas para a cabeça, e em seguida, formula os seguintes votos:

Kò o máà kú
Kò o máà àrún
Kò o máà se ijá
Kò o máà se òfò
Bárìn dé dé wa

Coloca algumas penas pequenas sobre o *Igbá-Orí*, cobre a cabeça do futuro iniciado com um pano em forma de turbante, e cobre também a cabeça e o corpo com um outro véu, deixando de fora apenas um rosto imóvel, no qual avultam os olhos muito abertos. O *Babalòrìsà* canta:

Orí ebo
Olórò mbo
Bá awa ati mi
Orí awa ãsìkí

Orí awa di àgba
Emi pe Orí

Recomenda:
"Não pense nada de mal, pense somente no bem".

Faz com que ele beba água dos dois recipientes, e coloca-os perto do *Igbá -Orí*, cobrindo-os com um pano branco.

Retira-se, seguido da assistência, e o futuro iniciado permanece sozinho no aposento, vigiado por uma ì*yawó*.

O corpo dos animais sacrificados são levados para a cozinha e preparados, com exceção da cabeça, dos pés e dos miúdos, os quais, por se tratar de oferendas à cabeça, não são cozidos, mas servirão, uma vez secos e triturados, para fazer *isé* (trabalhos).

Alimentação

Por volta das 23:00 horas, os véus que cobrem o futuro iniciado são removidos. Todos os alimentos cozidos, bem como os pratos de *àkarà* e de *akasa*, que são apresentados à cabeça pelo *babalòrìsà*, que diz:

Orí mi ire o!

Coloca parte do *akasa* na cuia *igba Orí*, e passa à distribuição da comida. Põe de lado o *àse* (miúdos): pescoço, ponta das asas, coração, fígado, moela e carne de peito, faz com ele bolinhas colocadas na cuia *Igbá-orí* e, em parte, sobre a cabeça do futuro iniciado, cantando:

Orí jé loni
Orí jé loni

Dá de comer ao futuro iniciado e ele mesmo come.
A assistência canta:

Orí a pè're
Ori je loni
Orí adá ìyè

A assistência também come. É uma refeição comunitária com a "cabeça". Caso alguém recusasse a comida, a "cabeça" ficaria ofendida.

O *babalòrìsà* bebe água, fala das crianças que vão nascer hoje, faz o futuro iniciado beber água dos dois recipientes, desejando:

Omi tútù
Kò o máà kú
Kò o máà àrún
Kò o máà se ijá
Kò o máà se òfò

Bárìn dé dé wa

Todos os ossos são reunidos em torno do *Igbá-Orí*.

Nascimento do noviço para a seita

O *babalòrìsà* canta:
Orí áà pè ire
Orí èmí èé mi
Orí gbogbo l'òrun o
Orí e je e jé
Orí wú wù wú wù

Assim como os *Òrìsà*, *Orí* também possui cânticos e louvações destinados apenas a ele. Os iorubás dedicam a *Orí* muitas canções e poemas, cujas súplicas e louvações sempre buscam um bom destino no mundo. Um canto para *Orí* recolhido por Salami (2008, p. 58), enaltece as qualidades de *Orí*:

1. *Orí ló dá mi*
2. *Èèyàn kó o*
3. *Olórun ni*
4. *Orí ló dá mi*
5. *Orí Agbe ló dágbe; ló dágbe*
6. *Àtàrí àlùkò ló sì dálùkò*
7. *Èniyàn kó*

8. Elédàá mi ló dá mi
9. Èèyàn kó o
10. Eledàá mi ló dá mi

1. Foi meu *Orí* que me criou
2. Não foi um ser humano
3. Foi Olódùmàrè
4. Foi meu *Orí* que me criou
5. O *orí* de Agbe criou o pássaro Agbe
6. O *orí* de Aluko criou o pássaro Aluko
7. Ele não é um ser humano
8. Ele é meu criador, que me fêz
9. Ele realmente não é uma criação humana
10. Ele é o meu criador, que me criou

Outro canto, agora recolhido por Omidire (2004, p. 127) também enfatiza *Orí* como dono e responsável do destino pessoal:

Orí lonís̲e
Orí lonís̲e è̲dá l'àyànmó̲ ò
Orí diz o que a pessoa vai ser, mas é somente o Criador que sabe o destino
O̲ba òkè tó gbé wa níyì, ló gbé wa ga
O Rei do Alto é que nos dá a honra

Orí loníṣe ẹ̀dá l'àyànmọ́ ò
Orí diz o que a pessoa vai ser, mas é somente o Criador que sabe o destino
Orí loníṣe, yé o!
Orí diz o que a pessoa vai ser, compreenda!

Um cântico do músico iorubá King Sunny Ade, também recolhido por Omidire (2004, p. 130) vem esclarecer ainda mais a filosofia de *Orí* como *Òrìṣà* pessoal:

Jà fúnmi!
Orí mi yé o,
Por favor, meu *Orí*
Jààà, já fúnmi!
Me socorra, me proteja!
Ẹ̀dá mi iye o,
Meu criador
Jààà, já fúnmi!
Me socorra, me proteja!
Orí bàbá mi,
Orí, meu pai
Jààà, já fúnmi!
Me socorra, me proteja!
Orí mi má mà gbàgbé já fúnmi!
Meu *Orí*, não se esqueça de me socorrer!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas áreas mais distantes, um dos importantes conceitos perdidos é o conceito de *Orí* como *Òrìṣà* individual, independente do conceito de *Òrìṣà* coletivo. A perca da individualidade do *Orí* e de seu culto desatrelado do *Òrìṣà*, refletiram diretamente no rito do *borí*.

Em algumas regiões do Brasil, geralmente mais afastadas dos grandes centros afro-religiosos, ao invés de praticar uma liturgia de culto e oferenda ao *Orí* tal qual os iorubás, fazem do *ìborí* uma pré-iniciação de *Òrìṣà*, com cânticos e representações rituais relativas ao *Òrìṣà*, e não ao *Orí*.

Sabemos que os vários segmentos das religiões afro-brasileiras foram formados, adaptados e resgatados no Brasil a partir das matrizes das religiões tradicionais africanas. Mas, algumas dessas "adaptações e resgates" conflitam diretamente com os conceitos originais da Religião Tradicional Iorubá, numa via de duas mãos entre a adaptação e a reinvenção.

No estudo das religiões afro-brasileiras não podemos desconsiderar a influência dos escritos acadêmicos, "num campo de estudo que se encontra cada vez mais sufocado pelo academicismo problemático" (Niyi Afolabi).[86].

---

[86]Niyi Afolabi, Universidade do Texas, USA. Prefácio para o livro *Dos Yorùbás ao Candomblé Kétu*, Aulo Barretti Filho (Org.), Edusp, São Paulo, 2010. http://dosyorubaaocandombleketu.blogspot.com/

Quando estes escritos, e por consequência a readaptação do rito, vão de encontro à matriz africana, não há nenhuma crítica, pois trata-se de um resgate verdadeiro, um retorno às origens.

A crítica se faz é quando modificam o rito distanciando-se da origem, ou mesmo, contrapondo-se a ela, apenas para satisfazer a vaidade intelectual do escritor. Essa transcrição e produção de textos sobre africanidade, é assim observada por Brumana (2007):

"A transcrição de textos orais de diferentes culturas africanas foi, desde o começo, um problema a que os estudiosos de diferentes nacionalidades e provenientes de diversas tradições disciplinares deram soluções diferentes: há textos do século XIX nos quais narrações em *wolof* e *peul* estão registradas em alfabeto árabe. **A pseudo-africanização** linguística está empregada com o objetivo de tornar líquido e certo, o que não é mais que seu particular recorte de objeto – a identificação transatlântica – sem levar em conta o paradoxo que assinalei." [o negrito é nosso]

Se por um lado, alguns segmentos regionalizados perderam o conceito do rito do *borí* ao realizá-lo como uma pré-iniciação de *òrìṣà*, por outro lado, a reafricanização, ainda que não tenha um padrão, mas protagonizada pelos sacerdotes intelectuais, ao tentar resgatar o assentamento do *Igbá-Orí*, incluiu objetos ritualísticos estranhos ao rito do *borí* tradicional iorubá e afro-brasileiro, entre eles, uma pedra *(ota)*.

Segundo o Awo Aikulola, consultado por nós sobre o assunto, os iorubás não utilizam colocar pedra *(ota)* no *Ilé-Orí,* em nenhum tipo de rito, sob nenhum pretexto.[87]

Convém lembrar que o candomblé tradicional não realiza o assento de *igba-Orí*, como pudemos ver no texto de Verger, de maneira que o elemento pedra *(ọta)* não está presente no rito do borí registrado por Verger, conforme transcrevemos.

Embora o candomblé tradicional não faça uso do assentamento de *Orí*, o Batuque do R.S. o conservou sob o nome popular de "borido" ou ainda "cremeira", com rito próprio e diferenciado do que foi aqui descrito.

No conceito ioruba o significado do *Ilé-Orí* vai muito além do que simplesmente "cabeça", pois aglutina em uma única palavra diversos conceitos relativos à espiritualidade, origem, destino e imortalidade e individualidade.

O estudo de *Orí* está obrigatoriamente atrelado ao estudo da Noção de Pessoa, isto é, aquilo que o ser humano acredita ser [88], a qual está implícita no rito do *borí*. Nele *(Orí)* está o nosso destino e nossa ancestralidade. Os textos míticos mostram *Orí* como superior até mesmo aos *Òrìṣà*, pois é cultuado também por eles.

---

[87] A existência ou não da pedra (*ọta*) dentro do *igbá-Orí*, independente do conceito com que é utilizada, já foi objeto de muita discussão na internet, o que nos motivou a fazer esta consulta ao awo Aikulọla, aqui registrada: http://iledeobokum.blogspot.com/2011/06/erick-wolff8-sao-paulo-07062011-outro.html

[88] Este tema foi extensivamente estudado na "Revista Olorun" durante o ano de 2011: http://www.olorun.com.br.

Na religião tradicional iorubá, nenhum *Òrìṣà* exerce poder sobre o *Ilé-Orí*, evidenciando assim não só a individualidade de *Orí* no campo das ideias, como também a independência do rito do *borí*, desatrelado do *òrìṣà*, no campo da liturgia.

Sem querer fazer teologia, mas já fazendo, enfatizamos que não há cantigas de *òrìṣà* no *borí*, e as religiões afro-brasileiras regionalizadas que ainda o façam, "nos pontos mais meridionais" citadas por Herskovits e Roger Bastide, realmente precisam rever seus ritos.

Simplesmente concluímos: "O rito do borí não é para Òrìṣà, é para ***Orí***."

Bibliografia

ABIMBOLA, Wande – *Sixteen Greats Poemas of Ifa*, Lagos, Unesco, 1976.

____________. *Ifá, an exposition of literary corpus*. Ibadan, Oxford Univ. Press, 1976b.

ABRAHAM, R.C. - *Dictionary of Modern Yorùbá*, Hodder and Stoughton, London, 1962 [1946].

BARRETTI FILHO, Aulo (Org.) - *Dos Yorùbá ao Candomblé Kétu, origens, tradições e continuidade*, Edusp, São Paulo, 2010.

BASCOM, William – *Sixteen Cowries, yoruba divination from Africa to the New World*, Indiana, Indiana University Press, 1993.

BRUMANA, Fernando Giobelina. - "Reflexos Negros em Olhos Brancos: a academia na reafricanização dos candomblés", in, *Afro-Ásia,* 36, 2007, p. 153-197.

CMS – *A Dictionary of the Yorùbá Language*, Ibadan, University Press, 2001 [1950].

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de Moura (Org.) - *Olóòrìṣà, escritos sobre a religião dos orixás*, Ed. Ágora, São Paulo, 1981.

OMIDIRE, Felix Ayo – *Àkọ̀gbádùn*, Salvador, EDUFBA, CEAO, 2004.

SALAMI, Ayo Chief. - *Yorùbá Theology an Tradition: the man & the society,* NIID Limited Pub., Ojoagbi House, Ọyọ, 2008.



Fontes das imagens publicadas ignoradas; à saber.


APAE
DE SÃO PAULO

